

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MAGNO ADIALA

**A RETOMADA DAS TERRAS GUARANI ÑANDEVA ATRAVÉS DA MEMÓRIA
DOS ANCIÃOS (PORTO LINDO / TERRA INDÍGENA YVY KATU, TERRA
SAGRADA, JAPORÃ - 2003 a 2023)**

FLORIANÓPOLIS

2023

MAGNO ADIALA

**A RETOMADA DAS TERRAS GUARANI ÑANDEVA ATRAVÉS DA MEMÓRIA
DOS ANCIÃOS (PORTO LINDO / TERRA INDÍGENA YVY KATU, TERRA
SAGRADA, JAPORÃ - 2003 a 2023)**

Texto de Dissertação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Orientadora: Prof. Dra. Luisa Tombini
Wittmann

FLORIANÓPOLIS

2023

MAGNO ADIALA

**A RETOMADA DAS TERRAS GUARANI ÑANDEVA ATRAVÉS DA MEMÓRIA
DOS ANCIÃOS (PORTO LINDO / TERRA INDÍGENA YVY KATU, TERRA
SAGRADA, JAPORÃ - 2003 a 2023)**

Texto de Dissertação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Orientadora: Prof. Dra. Luisa Tombini Wittmann

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luisa Tombini Wittmann

Universidade do Estado de Santa Catarina – Orientadora

Profa. Dra. Beatriz dos Santos Landa

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Membro externo

Profa. Dra. Claudia Mortari

Universidade do Estado de Santa Catarina – Membro interno

Florianópolis, dezembro de 2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Adiala, Magno

A RETOMADA DAS TERRAS GUARANI ÑANDEVA
ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS ANCIÃOS (PORTO LINDO /
TERRA INDÍGENA YVY KATU, TERRA SAGRADA, JAPORÃ -
2003 a 2023) / Magno Adiala. -- 2023.

109 p.

Orientadora: Luisa Tombini Wittmann

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

1. História Indígena. 2. Decolonialidade. 3. Retomada. 4.
Guarani Nandeva. I. Tombini Wittmann, Luisa. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Resumo

O objetivo desta pesquisa é construir uma historiografia da questão territorial Guarani Ñandeva a partir da memória de anciãos - lideranças políticas e rezadores(as) -, com foco na retomada de nossa terra sagrada *Yvy Katu* entre 2003 e 2023. Para isso é necessário compreender tanto a criação da reserva indígena Porto Lindo pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) como um espaço de confinamento, em uma pequena área limitada que não atende a necessidade sociocultural do meu povo, quanto o significado do *tekohá* (território), do *ñande reko* (nosso modo de ser) e do tempo para os Guarani Ñandeva. É importante ressaltar que a retomada é uma demanda da comunidade, o que é significativo em um trabalho na área da História do Tempo Presente, que dialoga com os estudos decoloniais, pois analiso aqui uma luta coletiva constante e inacabada. É no *tekohá* que estão os saberes, o nosso *arandu*, a nossa língua, o nosso corpo. Retomar um pedaço do território *Yvy Katu* é, portanto, uma estratégia para amenizar a colonialidade vigente em busca do Bem Viver.

Palavras-chave: História Indígena; Decolonialidade; Retomada; Guarani Ñandeva

Ñe'e mbyky

Hembipotape ko tembiapo ha'e omopu'ã historiografia yvy rehegua Guarani Ñandeva oñepyhendava mandu'ami ñanderu ha ñandesy avei tendota kuera rehe, ojehesajekova oñepyrú jevy hague ojeike Yvy Katu pe. Ojehupyty jevy haguã upeva, tekoteve oñentende mba'eichapa raka'e oñepyrú pe aldeia tuja Porto Lindo/ Jakarey (1915-1928) umi mburuvicha morotia kuera oheja guarani kuera pe oiporu haguã ha upeva omoheñoiva pe teko vai, oñemoimba petei yvy michiva pe ke ndohupytyi ñandeva kuera remikoteve, avei mba'epa he'ise pe tekohá (território), ñande reko (nosso modo de ser) ha Ara rehegua (tempo) guarani ñandeva kuerape. Tuicha mba'e ñamomba'eguassu ke pe jevy jey yvy tekohágupe ha'e heñoi temikõteve gui pehengue kuera koa aldeia tuja pegua gui, tuicha mba'e tembiapo remboguata haguã Historia do Tempo Presente ndive, oñomonguetava pe arandu decolonial rehegua, ko 'ape omombe'u ke peva ha'e petei ñorãirõ oñondivepa oñemboguatava ha ndopamõ'ãi gueteri. Pe tekohápe la ñi arandu kuera, ñande arandu, ñande ñe'e, ñande rete. Jevy jey Yvy Katu pe jeporu haguã michimi tuichaite akue ha'e hina ikatu haguãicha ivevuipe opa mba'e vai ogueruva ñandeva pe colonialidade ,ha uperupive jaheka haguã pe Teko porã.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem cedida pelo Neppi.eco.br	28
Figura 2 Imagem retirada da rede social	53
Figura 3 Imagem retirada da rede social	53
Figura 4 Imagem retirada de Beatriz dos Santos Landa, p. 316, 2005.	58
Figura 5 Imagem retirada do livro guarani retã 2008	64
Figura 6 Representação cartográfica das terras indígenas no Mato Grosso do Sul, no ano de 2018.	65
Figura 7 Tekohá Porto Lindo e Yvy Katu	66
Figura 8 Imagem retirada do grupo informativo Porto Lindo (Aplicativo Whatsapp)	77
Figura 9 Fotografia lideranças políticas dialogando com a comunidade. Arquivo pessoal.	78
Figura 10 Fotografia lideranças políticas dialogando com a comunidade. Arquivo pessoal.	78
Figura 11 Ñemongueta - Carlos Vilharva Ndiva	92
Figura 12 Ñemongueta - Ava Tukambi Valdomiro Ndiva	95
Figura 13 Ñemongueta - Honorio Acosta (che ryvy'i) ha Lucia Rocha Kuña Takuapu Ndiva	97
Figura 14 Ñemongueta - Ñanderu Tupã Tenondegua Salvador Ramires	100
Figura 15 Ñemongueta - Almerio Dias Ava Hu'y Rayvi (chuva de flechas)	102
Figura 16 Ñemongueta - Conceição Hara, Kuña Yuku	105
Figura 17 Ñemongueta - Venceslau Cáceres	108

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 - “A aldeia era grande, nós não tínhamos fronteira, essa prática é a coisa do homem branco”: a transformação da <i>Tekohá Jacarey</i> em uma reserva indígena de confinamento em Porto Lindo.....	26
Capítulo 2 - “Não somos donos da terra (...) queremos para as nossas crianças, para que o nosso modo de ser <i>nãnde reko</i> possa continuar”: o significado da <i>tekohá</i> (território) e do <i>nãnde reko</i> (nosso modo de ser).....	40
Capítulo 3 - “Não podemos deixar o nosso modo de ser para trás, mas para isso precisamos do <i>Yvy Katu</i>”: a retomada da terra sagrada na memória dos anciãos.....	53
Considerações Finais ou o(s) tempo(s) guarani: “Tudo tem o seu tempo e nós precisamos a cada ano renovar, como as folhas”.....	79
Referências Bibliográficas.....	87
Entrevistas em Guarani Ñandeva.....	91

INTRODUÇÃO

Diversas formas de violência ocorrem desde o início do contato dos povos tradicionais de diferentes regiões do mundo com a sociedade ocidental, especificamente africanos e indígenas. No século XXI, o sistema capitalista tem afetado em grande escala a comunidade tradicional, que tem resistido há mais de cinco séculos. Esse modo de pensar e de agir colonial só tem trazido destruição, em todos os sentidos, e infelizmente tem sido imposto na comunidade guarani e nos demais povos originários. Para o meu povo, Ñandeva, essa ação ocorreu de forma mais violenta quando ocorreu a criação das reservas, através de remoções forçadas dos nossos territórios, a inserção da religião cristã através da Missão Evangélica Kaiowá e a exploração da mão de obra para derrubar a mata. Mas as comunidades tradicionais, no geral, têm resistido à opressão desde o início da colonização. Entre os Ñandeva, a língua tem sido fundamental para preservar uma visão de mundo ancestral, nela está a sabedoria que atualmente é alicerce para sonhar com o futuro. Para manter nosso modo de ser, precisamos do território onde viveram os antepassados, no caso da minha comunidade o *Yvy Katu*, Terra Sagrada. Afinal, resistimos à “civilização”, como afirma a liderança indígena Ailton Krenak:

A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. Muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”, células que conseguem transmitir através do tempo suas visões sobre o mundo. (KRENAK, 2019, p.14)

A forma de pensar e de agir da sociedade eurocêntrica, o individualismo e o universalismo têm gerado problemas ambientais e sociais graves, poucas pessoas ou elites têm se beneficiado desse modelo, enquanto o restante vive de suporte trabalhando para manter esse grupo. Portanto, valorizar os saberes locais é fundamental para descolonizar esse sistema. Os chamados “selvagens”, que foram racializados na modernidade, são os que praticam de fato uma atitude decolonial. Entendo, assim, o modo de ser indígena como essência dessa luta. Os guaranis, particularmente, seguem em busca da manutenção do *Ñande Reko*¹ ou Bem Viver². Apesar de viver em um *kora*, como chamamos uma área limitada, portanto um confinamento,

¹ Ñande Reko: Modo de ser, organização socioeconômica e político religiosa dos Guarani Nhandeva.

² Bem viver: Viver de acordo com a nossa própria visão de reciprocidade, como por exemplo realizar a troca de algo sem medir a quantidade, geralmente acontece com produtos alimentícios ou simplesmente troca de favores.

a comunidade tem resistido de diversas formas, calcados na memória dos mais velhos. A retomada é o principal resultado disso.

O racismo foi fundamental para a construção dos saberes eurocêntricos que inferiorizam saberes outros, gerando julgamento e violência ao longo da história. Desde o início da colonização, os povos indígenas foram entendidos como povos sem religião, que precisavam ser letrados e transformados em gente. Os colonizadores julgaram estarem certos, portanto, aquele que não praticava o seu costume foi considerado inferior e suas terras e vidas ficaram ameaçadas. O restante da humanidade, é portanto, racializada e subalternizada. Ramon Grosfoguel (2010) nos mostra que o método utilizado em outros continentes foi trazido para Abya Yala³, primeiramente utilizando a dominação mais importante que é a religião.

É importante ressaltar que os considerados “selvagens” viveram milhares de anos neste continente sem esgotar os recursos naturais, já os “civilizados” chegaram a esse novo mundo (como denominaram) e em cinco séculos já estamos percebendo para onde vai nos levar esse sistema que vê a terra como mercadoria, deteriorando tudo por onde passa. Por isso entendo que, nesse sentido, é bom ser “selvagem”, pois significa viver do nosso jeito, não aceitando as interferências externas/capitalistas como solução. Hoje em dia as comunidades indígenas se apropriam dos recursos da sociedade ocidental para expandir a semente, a sabedoria que é oposta a do sistema capitalista, para lutar contra as violações dos direitos e o apagamento da memória. Um exemplo importante é a tecnologia de informação, que tem sido fundamental para denunciar a violência cometida pelo agronegócio, assim como facilita a comunicação entre as lideranças políticas. Outro exemplo é a escola diferenciada, que tem buscado no fortalecimento das práticas culturais e no mergulho na memória dos anciãos a aproximação dos educandos com os sábios e a história/cultura indígena.

É muito triste perceber que o modelo ocidental foi bem estruturado e tem alcançado resultados em diferentes sociedades, impondo um modelo de destruição que separa o saber do sagrado, que transforma pessoas e natureza em objeto. Populações indígenas e africanas foram escravizadas, utilizando argumentos “cristãos” de que não tinham alma. Portanto, é mais que necessário refletirmos sobre comunidades locais, originárias, para que possamos transformar esse modelo e construir um mundo mais justo para todos. Como podemos fazer isso? Sendo

³ Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento”. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia, e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Abya Yala vem sendo usado pelos povos originários do continente como contraponto ao nome América, na construção de um sentimento de unidade e pertencimento.

que o modelo do sistema se tornou padrão em todas as áreas? Dialogando com o parente Daniel Munduruku, confirmamos a importância da memória entre as populações indígenas.

A memória é um vínculo com o passado sem abrir mão do que se vive no presente. Ela que nos coloca em conexão com o que nossos povos chamam tradição. Fique claro, no entanto, que tradição não é algo estanque, mas dinâmico, capaz de obrigar-nos a ser criativo e a oferecermos respostas adequadas para a situação presentes. Ela, a memória, que comanda a resistência pois nos lembra que não temos direito de desistir, caso contrário não estaremos fazendo jus ao sacrifício ao nosso primeiro país. (MUNDURUKU, 2018, p.173)

A metodologia utilizada neste trabalho tem foco na narrativa, ou seja, em ouvir as narrativas dos anciãos e lideranças, que são consideradas de suma relevância. Os anciãos são aqueles mais velhos conhecedores dos valores tradicionais. A maioria dos anciãos são curandeiros que sabem dos remédios, porém muitas delas também são rezadeiras que praticam o *jeroky*, a reza. A liderança política pode ser considerada aquela pessoa que é conhecedora das leis, que busca melhorias para a sua comunidade, na atualidade são: os agentes de saúde, professores, gestores, lideranças evangélicas, jovens estudantes e vereadores indígenas, pode ser qualquer pessoa que tenha interesse em participar na luta pela melhoria na comunidade. O seu papel varia de acordo com a demanda, mas o principal objetivo das lideranças políticas é o diálogo fora da comunidade, fiscalizar agentes externos. Eles estão à frente da sua comunidade para representá-la. Na atualidade, pode ser aquela pessoa que não é tão velha, mas está na defesa quando se trata do direito, mediando o seu mundo e o mundo da sociedade não indígena. Muitos deles possuem os dois papéis, pois ser rezador e/ou político é fundamental para manter a nossa visão sobre o *Tekohá* e a memória: neles estão os valores que orientam os passos no mundo em que estamos na atualidade.

Temos que reconhecer a importância da memória, pois as comunidades tradicionais de diversas etnias têm mantido o contato com a ancestralidade, passando saberes pela oralidade que norteiam o modo de viver o mundo que é oposto ao sistema capitalista. Como dito, desde o período colonial os povos indígenas têm sofrido violência física, cultural e econômica. Esta história reflete diretamente na organização sociopolítica da comunidade Guarani Ñandeva (e também dos Kaiowá) no Estado de Mato Grosso Do Sul. A comunidade estudada neste trabalho manteve contato direto com o invasor após a Guerra do Paraguai (1864-1870), primeiramente para exploração de mão de obra escrava nos ervais, que eram abundantes nesta região após a instalação de fazendas agropecuárias, e por fim nos canaviais. A história dessa comunidade é

invisibilizada, e todo esse processo de exploração resultou em remoções forçadas de suas terras tradicionais (*tekohá*) para o confinamento em reservas criadas pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios), atual FUNAI (Fundação Nacional do Índio), para atender a demanda capitalista. Essa remoção resultou em confinamento que por sua vez afetou a organização tradicional da comunidade, pois para nós guaranis o *tekohá* é o alicerce para mantermos o nosso olhar próprio de ver o mundo, nela está a sabedoria, as normas, a nossa língua, valores e crenças.

É necessário compreender a história indígena e, nesse trabalho, o contexto histórico dessa população específica Guarani percebendo as violências, mas também as lutas constantes e os significados coletivos em relação à *tekohá*. Portanto, o presente trabalho pretende refletir sobre a área da retomada (*Yvy Katu*) pelos guaranis entre 2003 e 2023, através sobretudo das falas dos anciãos, compreendendo a relevância para os Guarani Nandeva da Terra Sagrada para manter o nosso modo próprio de ver e viver no mundo. O início do recorte temporal é 2003, pois foi neste ano que a comunidade viveu a experiência de voltar a ocupar o território sagrado denominado *Yvy Katu*, e vai até 2023, entendendo que a luta guarani por terra é constante e inacabada, ou seja, continua após a finalização deste trabalho.

No século XXI, a retomada foi com certeza dos mais relevantes que a comunidade indígena viveu e vive, através dela ocorreu muita organização entre nós devido às reivindicações de terra. É importante afirmar que as violências e resistências estão presentes desde o período colonial. Essa afirmação pode ser acompanhada pelos relatos dos moradores da comunidade, mas também pela mídia local, nacional e internacional que acompanha os conflitos entre os indígenas e os latifundiários. A retomada da *Yvy Katu* Terra Sagrada pede para que esse marco na história, registrado na nossa memória, se transforme em registro material escrito. Refletir sobre esse processo histórico através das memórias dos anciãos foi o que me motivou para aprofundar esse tema nesta dissertação, respeitando e valorizando assim os saberes tradicionais e a relevância do território, deixando também os registros dos mais velhos como lição aos mais jovens da comunidade. É importante ressaltar que esta é uma demanda da comunidade, o que é importante para um trabalho de História do Tempo Presente, que dialoga com os estudos decoloniais, pois analisarei uma luta que envolve a comunidade e a necessidade de voltar à terra dos antepassados a partir da memória dos anciãos.

Além das memórias dos anciãos, serão analisados também relatórios da Grande Assembleia Guarani denominada *Aty Guassu*, que surgiu no ano de 1984. Essa reunião surgiu com objetivo de lutar contra violências físicas, a favor da educação e da cultura indígena, tendo como principal demanda a luta pela demarcação de terras indígenas no Brasil e denunciar os assassinatos de lideranças das retomadas. Essa assembleia foi organizada pelos anciãos

moradores(as) e lideranças políticas para dialogar sobre os problemas internos e externos que cada aldeia enfrentava e enfrenta, e a partir disso são escolhidas prioridades, onde há um relator de todas as falas que elabora um documento final para serem entregue às autoridades (os chamados relatórios). As reuniões acontecem uma vez por semestre ou pode ser convocada uma reunião de emergência, dependendo da gravidade da situação. Abre-se a reunião com a reza (*jeroky*) e depois os coordenadores começam a falar sobre a dinâmica da reunião, sempre distribuídos em grupos, onde os representantes de cada aldeias se misturam e dialogam sobre suas demandas e também conquistas. Na sequência há a apresentação de cada grupo, o dia seguinte tem a mesma dinâmica e no período vespertino um dos coordenadores faz a leitura da ata com os principais pontos discutidos. Faz a leitura para os integrantes da assembleia, explicando e pedindo sugestão até finalizar. Assim, encerra-se a reunião com a leitura do documento e há a escolha de um novo local para o próximo encontro. As reuniões geralmente duram de três a quatro dias, sendo o tema principal a luta pela terra, pelo *tekohá*.

Tekohá é onde se pratica o modo de ser guarani, onde vivem os seres espirituais que orientam os anciãos, é onde tem remédio, onde vivem os animais. É onde a terra fornece o necessário para a prática da nossa agricultura indígena, uma vez que a terra também está ganhando com a prática da sustentabilidade. A sociedade guarani, especificamente, tem um modo de vida sustentável que pode colaborar com a busca de caminhos contra a destruição profunda da natureza. No mais, uma pesquisa realizada neste caso por um guarani revelará perspectivas que ampliam o entendimento da história e da cultura indígena, auxiliando a sociedade brasileira a compreender melhor a diversidade de seus povos originários.⁴ Segundo o parente da minha comunidade, o pesquisador e professor Eliezer Martins:

Chamamos a terra de sagrado, pois é dela que retiramos muitos alimentos também, pela terra guardamos o nosso corpo depois de falecido, os nossos ossos e a nossa carne torna-se terra. Os conhecimentos das rezas, o modo de ser, os cantos, os saberes, o jeito de ser, o sofrimento, somente o espírito que conforme os rezadores e rezadoras falam, que vai para a grande porta da entrada da terra sagrada e para ir na terra sagrada o espírito do falecido, ao chegar na porta é recebido pelo Louro e o Anu, onde esses pássaros começam a falar sobre a vida desse espírito aqui na terra conforme a vida do falecido ele ou ela vai ser recebido por Nhandruete pra ir na terra sagrada, por isso a terra para nós Guarani Nhandeva é sagrada, e a cada ano todos os rezadores fazem suas rezas pedindo a proteção da terra de maldade para não ser atingido por grandes raios,

⁴ Estudar histórias e culturas indígenas se mostra essencial no combate ao racismo, portanto, este trabalho também se justifica para o entendimento da história e da cultura indígena contada por guaranis e para a implementação da Lei 11645/2008 de 10 de março de 2008, que inclui “no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira e indígena”. (disponível em <https://etnoracial.mec.gov.br> acessado em 08/02/2023)

água do mar, enchentes ou de animais gigantes e ferozes. (CHAPARRO e MARTINS, 2022, p.17-18)

Como podemos perceber, a forma de pensar e de viver da sociedade indígena é diferente da sociedade ocidental, uma vez que tem praticado cada vez mais a monocultura, trazendo impactos negativos para o meio ambiente. A sociedade indígena, por sua vez, entende a terra como centro, como corpo. A poluição, portanto, traz consequências negativas para a humanidade e para todos que nela habitam. Para o xamã yanomami Kopenawa,

Hoje, os brancos acham que deveríamos imitá-los. Mas não é o que queremos. Eu aprendi a conhecer seus costumes desde a minha infância mas não quero de modo algum ser um deles. A meu ver, só poderemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmo se transformarem em Yanomami, sei também que se formos morar em suas cidade, seremos infelizes. Então eles acabarão com as florestas e nunca mais deixarão nenhum lugar onde possamos viver longe deles. Não poderemos mais caçar, nem plantar nada. Nossos filhos vão passar fome. Quando penso em tudo isso, fico tomado de tristeza e de raiva. (KOPENAWA, 2015, p.75)

A ligação da terra para os Guarani e Kaiowá é espiritual, e não mercadoria, ninguém é dono. É a Mãe Terra, o corpo. Através dessa perspectiva, estarei aprofundando a memória específica da minha comunidade sobre *tekohá* e a retomada.

Sou Guarani Ñandeva, cujo significado é somos guarani: *ñande* significa nós e *va* somos, ou seja nós somos guarani. Meu nome de batismo é *Ava Tupã Mabaraka*, que traduzido para a língua portuguesa significa instrumento de *Ñanderu*⁵, por isso minha motivação de aprofundar a história do processo de retomada Yvy Katu (Terra Sagrada), ocorrido a partir de 2003, através das memórias de anciões e lideranças da minha comunidade. Já tenho exercido o meu papel de batismo, pois sou professor de história, possível através da luta por uma escola diferenciada. Atualmente trabalho com os estudantes dos anos finais, isso tem me fortalecido bastante, mas precisava ir além para cumprir a missão, pois tenho percebido que a nossa cultura tem perdido a força, especialmente na reserva. Além do aprendizado no diálogo com os anciões e lideranças políticas, foi o que me incentivou a fazer essa pesquisa. É necessário sensibilizar a comunidade a compreender que não se deve aceitar os males da reserva como algo “normal”.

⁵ Ñanderu significa nosso pai, ou seja, refere-se ao rezador. Neste caso, o nome dado pelo rezador vem do Ñanderuvusu, nosso pai maior, que refere-se ao pai do sol e da lua, que através dos sonhos dão nome ao membro da comunidade.

Sempre haverá missão, pois a nossa luta está em melhorar cada vez mais a nossa comunidade e fazer entender o que é melhor para um Ñandeva contemporâneo.

Portanto, antes de iniciar o trabalho, devo me apresentar academicamente e (principalmente) como indígena Guarani Ñandeva. Iniciei a trajetória acadêmica em 2010 na UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso Do Sul), na unidade de Mundo Novo, que era a mais perto da aldeia que eu moro. Ingressei através do SISU, no ano de 2011 onde cursei na Área de Tecnologia em Gestão Ambiental. Assim como outros indígenas, tive dificuldades relacionadas ao transporte, pois íamos de moto (aproximadamente 12 km) para pegar transporte escolar. A nossa região é localizada na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, onde o índice de violência furto, roubo e algumas vezes assassinato é alto. Iniciamos o nosso curso, mas durante o primeiro ano houve tempo de eleição partidária para o município e isso provocou perseguições entre os parentes indígenas. Além disso, no dia de chuva era impossível transitar, e muitas vezes ficávamos na estrada que liga a vila de Jacareí à Japorã. Outros fatores marcantes que passei nesse período foi o racismo sofrido dentro da universidade, onde algumas pessoas olhavam e riam da minha pessoa, e outros demonstravam que não gostavam da minha presença, ou melhor, da nossa presença indígena.

Lembro-me muito bem de um dia do meu aniversário, meu irmão tinha conseguido um carro para trazer a nossa mãe de volta da aldeia *Te'yikue*, município de Caarapó. Naquela noite, o motorista que morava em Japorã, um rapaz respeitoso, falou pra mim: até daria pra você dormir na minha casa, mas infelizmente estamos reformando. Vou levar você para a delegacia conversar com os guardas, que com certeza te deixarão descansar um pouco. Eu, todo confiante, aceitei, e depois da aula fomos até a delegacia. Chegando lá ele me desejou boa viagem, logo perguntei para um policial se poderia dormir um pouco no sofá, pois estaria saindo 3 três horas da madrugada para buscar a minha mãe. A resposta foi irônica: não dá, tá cheio aqui, não tá vendo não? Se quiser dormir, pode dormir aí fora, com os cachorros. Eu não falei nada, só saí e fui pra prefeitura. Lá achei outro guarda e perguntei pra ele se poderia abrir a prefeitura pra eu dormir no sofá, que respondeu que não tinha autorização, mas poderia abrir uma cabine de caminhão e me avisaria assim que chegasse a hora de embarcar. Penso e repenso hoje sobre esses (e outros) momentos, pois naquela época muitas coisas ainda não entendia sobre o nosso direito, mas deixei tudo na mão dos ñanderu. Esses fatos marcaram a minha passagem pela UEMS, porém houve também pessoas que conversavam e me incentivaram a não desistir do curso, mas havia muita dificuldade financeira. Tive que procurar outros cursos.

No ano seguinte, abriu edital para vestibular na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), voltado à formação de professores. A aplicação da prova ocorreu em dois

municípios, Dourados e na reserva indígena de Amambaí. Na primeira tentativa não consegui, mas realizei novamente no ano de 2012, ingressando na FAIND (Faculdade Intercultural Indígena) Licenciatura Teko Arandu. Quatro vezes por ano permanecíamos por duas semanas na cidade de Dourados Mato Grosso do Sul, pois o curso funcionava com metodologia de alternância, ou seja, possuía tempo universidade e tempo comunidade⁶. Era, portanto, um curso totalmente diferente do qual ingressei anteriormente, voltado para as questões indígenas e a valorização dos saberes tradicionais. A partir do terceiro ano, quando foi disponibilizada bolsa de estudo para o projeto de extensão ProExt na área do audiovisual, concorri e fiquei muito feliz quando consegui a bolsa entre 70 inscritos. O mais marcante desse projeto foi a realização da oficina Rexãkã, que quer dizer iluminado, com participação da UFF (Universidade Federal de Fluminense) e UFGD (Universidade Federal de Grande Dourados) em Maricá no Rio de Janeiro na Aldeia Mata Verde Bonita dos parentes Mbya onde estavam presente as etnias: Terena, Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowá e Guarani Mbya. A partir dessa oficina não parei mais, ainda dentro do projeto realizamos a primeira oficina de audiovisual entre os guarani e Kaiowá no Mato grosso do Sul em 2015, envolvendo jovens e adolescentes da escola de nível fundamental ao ensino superior das aldeias de guapo'y Amambai, Bororo e Jaguapiru (Dourados) e Porto lindo e Yvy Katu Japorã.

No ano de 2017, participei como organizador da segunda oficina juntamente com meu amigo Juvenal Hermes da Silva (in memoriam) e sua equipe. Tivemos apoio do projeto Ação Saberes indígenas na escola (núcleo UFGD) para o deslocamento e alimentação e também recebemos apoio da SEMEJ Secretaria de Educação de Japorã, além de amigos e voluntários de Campo Grande não mediram esforços em nome de Nancy que nos ajudou doando uniforme para o grupo. Nessa oficina, entrevistamos anciãos de acordo com o tema escolhido por cada grupo: *yvu* nascente, *ka aguy* floresta, *jopoi* pescaria e *pohã* remédio. Infelizmente, esses materiais não chegaram a ser publicados por falta de recursos, mas sempre trabalho com eles nas escolas. Assim, no ano de 2017 concluí o meu curso na área de ciências humanas, juntamente com o projeto de extensão voltado para audiovisual. Enfim, essa é a experiência acadêmica que marcou a minha trajetória.

O meu ingresso na Universidade do Estado de Santa Catarina deu início a partir de convite de um amigo, o nome dele é Edson Amaurílio, que fez sua graduação na Universidade

⁶ No tempo universidade, os acadêmicos ficavam duas semanas em período integral, quatro vezes por ano até concluir o curso. Na quarta feira havia a noite política, onde dialogamos sobre a luta dentro na universidade e os desafios que envolvem as nossas comunidades. Na noite de sexta-feira, era a noite cultural, com apresentação intercultural. No tempo comunidade, fazíamos pesquisas conforme o curso e recebíamos orientação, onde os professores se deslocavam para as aldeias.

Federal de Santa Catarina (UFSC), Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica. Ele me contou que estava fazendo um projeto para o Doutorado na UDESC, sendo assim, expliquei que estava à procura de uma vaga para o mestrado. A partir de então, colocamos o nosso plano em ação, estudamos e reescrevemos nossos projetos. Nesse momento, o maior desafio foi a busca e a inserção de documentos pessoais, coisas burocráticas da instituição. Fizemos a entrevista, aguardamos e finalmente saiu a resposta positiva, dois guaranis Ñandeva da fronteira conseguiram vaga no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UDESC) através das Políticas de Ação Afirmativa (seleção diferenciada). O meu amigo não pôde (por uma série de dificuldades) realizar o curso, mas eu já tinha aceitado o desafio e não fiquei sozinho. Tive muito apoio do AYA Laboratório de Estudo Pós-coloniais e Decoloniais, do qual hoje faço parte. Em plena pandemia, o primeiro ano de aula foi online. Foi muito desafiador, chegou ao ponto de ter que trancar uma disciplina devido à internet e à rádio na minha aldeia. No segundo semestre do curso (2022.1), depois de consulta ao Nhanderu, onde ele falou pra mim que receberia muito apoio de parentes indígenas e não indígenas, iniciei minha jornada até Florianópolis com minha esposa e cunhada e dois filhos, sendo uma bebê recém nascida com vinte e dois dias de vida. Ficamos quatro dias na casa dos estudantes indígena da UFSC (maloca), mas logo percebi que as crianças não estavam prontas para viver na cidade, estavam estranhando o ambiente. Conversei então com uma parente da mesma etnia, que é casada com um kacique que é Mbyá. Eles não mediram esforços para nos acolher, são pessoas que tem *mboraihu*, amor ao próximo. Assim, nos deslocamos para a comunidade Pira Rupa, no município de Palhoça, onde aprendi muito com os parentes Mbyá. É uma realidade bastante diferente de viver, comparado a minha reserva do Mato Grosso do Sul⁷.

O desafio no primeiro momento nessa comunidade foi a nossa adaptação com a língua, apesar de haver alguma semelhança na pronúncia tinham significados diferentes. É uma comunidade tranquila, que segundo o kacike é a menor aldeia guarani do Brasil. No primeiro mês almoçamos e jantamos na escola, usávamos o banheiro da escola inclusive. Talvez esse tenha sido o maior desafio que a família enfrentou, pois estávamos acostumados em morar na

⁷ A comunidade que recebeu a minha família é uma comunidade pequena, de aproximadamente 80 pessoas incluindo crianças e adultos. É um Tekohá tranquilo, onde o ñande reko é praticado semanalmente com reunião, trabalho comunitário, reza dentro do opy (casa de reza). Não teve enquanto eu estava lá nenhum assassinato ou roubo, a diferença está nisso e na organização, pois as pessoas estão sempre prontas para ajudar uns aos outros, materialmente e com orientação. A religião ocidental é ausente nesse lugar, não há morador não indígena, e as casas são comunitárias, não tem a lógica da propriedade, os bens materiais são doados pela família assim que vão embora, como foi o nosso caso. Enquanto que aqui na Reserva em MS, são muitas pessoas e isso facilitou a entrada de não indígenas na comunidade num pouco espaço. Mesmo com a retomada, as pessoas têm tido dificuldade para pegar uma área de terra para sua família ou roça. Muitos tem buscado solução saindo para trabalhar fora da comunidade, hoje várias empresas vêm buscar pessoas para trabalhar.

nossa própria casa. Eu me senti bem, pois durante a minha vida já dormi em barraca com colegas de trabalho, e durante a graduação também sempre alugamos casa para dividir a despesa e nos manter no curso. Portanto, sermos recebidos me deixou muito feliz. Não passou muito dias e mais uma vez a fala do Nhanderu se cumpriu, havia pedido somente acolhimento, mas o kacike me ofereceu trabalho, para eu atuar como professor. Primeiro consultei o edital, pois era bolsista da FAPESC. Era possível atuar com carga horária reduzida, portanto aceitei o desafio: um Ñandeva dando aula para os Alunos da EJA da Escola Estadual Indígena Pira Rupa, no município de Palhoça. Moramos quase um mês na casa de passagem e depois ganhamos uma casa comunitária que é igual a *cherogami*, nome guarani que se refere ao programa habitacional criado pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul. A partir desse dia a minha esposa ficou mais contente, pois havia banheiro e cozinha e algumas doações da comunidade como roupas, produtos domésticos e cobertores. São costumes dos moradores para dar as boas-vindas aos parentes⁸.

Outra questão marcante que presenciamos foi o trabalho voluntário da comunidade, que fomos convidados a participar, foi muito boa a experiência, pois nessas atividades realizamos trabalho como limpeza da aldeia e roçamos a beira de todas as estradas da comunidade. Durante a nossa permanência, construímos um barracão para acolher os parentes que vêm de outras regiões, muitas vezes para momentos de lazer, mas também para os encontros das lideranças do litoral. Nesse trabalho voluntário todos participam, inclusive crianças e mulheres, as tarefas são divididas por gênero e idade, as crianças geralmente ficam encarregadas de cuidar de outras crianças enquanto os pais trabalham, ou buscam as ferramentas, sempre com o apoio de um adulto. As mulheres geralmente fazem serviços como juntar os lixos e queimar, enquanto outras ficam na escola preparando o almoço.

Cada mês acontece a convocação do kacike para dialogar sobre as demandas da comunidade, sempre na casa de reza, onde todos participam. Nessas reuniões são apresentadas pessoas novas que chegam na comunidade (se tiver, como foi o meu caso), mas também para resolver problemas familiares e escolares. Esta foi uma experiência que jamais vou esquecer.

Apesar da UDESC ser longe da minha aldeia, acredito que fazer o bem para a comunidade foi o que me incentivou a realizar essa pesquisa, estudando em Florianópolis no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração História do Tempo Presente. Não pude deixar de notar também que essa instituição deu um passo importante para que os pesquisadores indígenas, principalmente na área de História, tivessem acesso ao curso de

⁸ Usamos a expressão parente como nome popular para chamar qualquer indivíduo indígena.

mestrado e doutorado por vagas suplementares. Portanto, na pós-graduação pude inserir um pouco do nosso conhecimento tradicional, valorizando a diversidade cultural e dos saberes originários que são tão ricos em nosso país, colaborando na construção do conhecimento histórico. As ações afirmativas é que colaboram para que os indígenas estejam na universidade, e nesse caso, contém a própria história. Sendo assim, estaremos dialogando sobre a história guarani Ñandeva através dessa pesquisa, intermediando saberes.

Na universidade, também aprendi com outros saberes. Gostaria de destacar a importância da disciplina ministrada pela professora Cláudia Mortari, Pensamentos e Narrativas Pós-coloniais e Decoloniais, que foi fundamental no desenvolvimento da minha pesquisa, mesmo tendo cursado em pandemia no ensino remoto, com dificuldades no acesso à internet. Refletimos sobre o modelo das epistemologias eurocentradas e sua estruturação a partir da exclusão dos saberes tradicionais na América, na África e na Ásia, aliás, por onde tem passado o projeto colonial tem deixado o rastro de destruição física, cultural e epistêmica. Através dessa disciplina pude entender as origens e permanência do racismo e da colonialidade, que inferioriza o outro que não esteja de acordo com o seu modo de vida da modernidade capitalista (MIGNOLO 2010, FANON 2005, POTIGUARA 2018, KRENAK 2019). É impactante pensar nos extermínios que ocorreram na América com as comunidades tradicionais a partir do século XV. Atualmente, a violência não é somente através de armas, mas também da tentativa de retirada de direitos conquistados ou a não aplicação deles nas comunidades indígenas, além do epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

O racismo e a epistemologia eurocêntrica estão totalmente ligados à construção e à manutenção do capitalismo. A perspectiva do conhecimento ocidental deixou de lado o sagrado, se concentrando no dinheiro: o povo da mercadoria, como define o xamã yanomami Davi Kopenawa.

[Os brancos são] o povo da mercadoria. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Hoje já não resta quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa em nossa terra. O valor que damos a essas coisas é maior até do que o que os brancos dão ao ouro que tanto cobiçam. Temo que sua excitação pela mercadoria não tenha fim e eles acabem enredados nela até o caos. (KOPENAWA, 2015, p. 407)

A modernidade tentou tornar os saberes de diversos povos invisíveis, dominando o seu modo de pensar e viver, colocando sua sabedoria como superior. Mas os povos originários

resistem. Concluindo, as leituras realizadas na disciplina foram muito relevantes pois fortalecem a luta comum entre os excluídos. A disciplina permitiu que dialogássemos sobre a relevância dos nossos saberes (indígenas e afro-brasileiros) e o entendimento de que precisamos relacionar os conhecimentos para que possamos transformar o mundo em um lugar mais justo para todos. Nessa perspectiva, a presente pesquisa pretende aprofundar o diálogo com diversos intelectuais indígenas, africanos e latino-americanos, sobretudo do campo dos estudos decoloniais.

Eliane Potiguara, intelectual indígena, nos mostra a relevância de lutar e de se conectar com ancestrais para que possamos resistir em meios a tanta violência:

A coisa mais bonita que temos dentro de nós mesmos é a dignidade. Mesmo se ela está maltratada. Mas não há dor ou tristeza que o vento ou o mar não apaguem. E o mais puro ensinamento dos velhos, dos anciãos, partem da sabedoria, da verdade e do amor. Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma! Bonito é poder dizer sim e avançar. Bonito é construir e abrir as portas a partir do nada. Bonito é renascer todos os dias. Um futuro digno espera os povos indígenas de todo o mundo. Foram muitas vidas violadas, culturas, tradições, religiões, espiritualidade e línguas. A verdade está chegando à tona, mesmo que nos arranquem os dentes! O importante é prosseguir. É comer caranguejo com farinha, peixe seco com beiju e mandioca. É olhar o mar e o céu. E reverenciar os mortos, os ancestrais. É sonhar os sonhos deles e vê-los. É conviver com as "manias de cabôco", mesmo sufocados pela confusão urbana ou as ameaças agrestes, porque na realidade são as relações mais sagradas de nosso povo, porque são relações com a terra e com o criador, nosso Deus Tupã. (POTIGUARA, 2018, p.87)

É fundamental se conhecer e buscar cumprir a missão dada por Nhanderu. A luta não é somente dos indígenas, mas de todos que fazem parte da luta de manter a nossa mãe terra viva para as gerações futuras. Entre os Nhandeva, a fala das mulheres é sagrada, pois delas brota o conhecimento que orientará a passagem pela terra. A maior riqueza é referida a ela, a terra. Ressalto que entre os Nhandeva, não há diferença ao se referir ao gênero masculino ou feminino, usamos o mesmo pronome (Ha'e⁹). Ambos devem caminhar juntos com o pajé, que denominamos de *Nhanderu*, nosso maior defensor na luta pela sobrevivência nos tempos sombrios do capitalismo. Nessa minha passagem, espero poder te tocar com a memória de um povo que está em busca de melhores condições de vida, entre milhares de povos excluídos, seja qual for a sua origem. Não desistiremos. O presente trabalho, como dito, pretende refletir sobre

⁹ Ha'e: pronome na língua materna, terceira do singular, que pode se referir ao homem e à mulher também.

o processo histórico de confinamento e portanto os motivos que resultaram na ampliação da área denominada *Yvy Katu* pelos guaranis entre 2003 e 2023 (enquanto luta constante e inacabada), por meio, sobretudo, das falas dos anciãos, compreendendo a relevância para o Guarani Ñandeva da Terra Sagrada para manter o nosso modo próprio de ver e viver no mundo. Para realizar este trabalho, realizei entrevistas com anciões e lideranças políticas da minha comunidade. A investigação compreende dimensões muito desafiadoras, pois aborda principalmente o papel de pessoas que muitas vezes têm medo de falar ou se mostrar diante da mídia. Afinal, eles são perseguidos e muitos já foram assassinados. Notícias e dados sobre assassinatos das lideranças indígenas não são difíceis de encontrar no noticiário local e do Brasil. Assim falava o Marçal de Souza (*Tupa'i*), assassinado em 1983: “Eu sou uma pessoa marcada para morrer... Mas levantarão outros que terão o mesmo idealismo e que continuarão o trabalho que hoje nós começamos”. (PREZZIA, 2011, p.3).

Neste trabalho, o foco está na comunidade em que vivo há quase três décadas. Pretendo compreender esta ação da retomada e os resultados dela para a comunidade e tentar responder a uma questão muito relevante: Como a comunidade tem mantido e resistido à opressão dentro da Reserva e da área de retomada. Essa pergunta tem como gênese a minha experiência escolar, uma vez que durante o meu processo escolar não tive oportunidade de estudar a história indígena, ficando apenas no foco a história europeia e do Brasil de forma geral. A história da comunidade tem sido deixada de lado não só no Brasil, mas também em outros continentes, há muita desvalorização dos saberes tradicionais e da memória que orientam as sociedades originárias. Desde a vivência familiar, não pude estudar sobre o passado da minha comunidade, na escola era inclusive proibido falar a língua materna! Essa é uma experiência traumática que vivi durante o ensino fundamental, e penso que meus pais passaram por experiências ainda piores, pois no período deles havia muito castigo físico na escola. Podemos chamar de uma educação para obedecer, e não para pensar. Mas, mesmo assim, a oralidade sempre manteve, na nossa educação em casa e nas vivências, sabendo que nós Guarani aprendemos muito também através da observação e de práticas, principalmente culturais: nas rezas, nas brincadeiras, na caça ou na pesca e na produção e no consumo de alimentos.

A educação para nós é coletiva, e isso é importante afirmar ao contar um pouco da minha experiência. Quando éramos crianças, sempre comíamos juntos no mesmo prato, um tipo de prática que foi inferiorizada com a chegada dos não indígenas. O ensino era voltado para transformar os indígenas em “pessoas”, por isso não se estudava sobre a nossa origem. No entanto, as narrativas indígenas permaneceram, pois é uma cultura de tradição oral. Mesmo

assim, o foco na “civilização” dos indígenas deixou marcas profundas, historicamente. Segundo Couto, que se dedicou à história da educação escolar indígena na minha comunidade:

As imagens dos nativos nos diferentes tipos de documentos sobre o Brasil e seus primeiros habitantes são as que os outros tiveram deles, o que não caracteriza, necessariamente, narrativa fiel da realidade. São, na sua grande maioria, equivocadas, mas ainda presentes nos dias atuais. Os tupiniquins, primeiros nativos contatados pelos europeus em sua chegada, foram considerados selvagens, necessitados de religião e cultura (como se eles não as possuíssem), um povo imutável, sem história, trajetória e até então sem passado (este só se iniciaria com a chegada dos “salvadores”). (COUTO, 2007, p.28-29)

Tenho me fortalecido como pessoa indígena para continuar a aprofundar a minha pesquisa a partir dos saberes ancestrais, lutando pelo posicionamento político para garantir principalmente os direitos da minha comunidade e a relevância da multiculturalidade na prática do saber. Como mestrando em História do Tempo Presente pelo PPGH-UDESC, tenho muito orgulho em dizer que essa luta não é só minha, mas da minha comunidade e do meu povo. Nosso sonho só se concretizou pois tive apoio de um grupo do AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais (FAED-UDESC), que está voltado para pesquisas em história indígena e de Áfricas, do qual agora também faço parte. Tenho aprendido muito sobre a relevância dos saberes tradicionais, que historicamente têm sido excluídos, resultando no que teóricos do campo decolonial tem chamado de colonialidade do saber. Portanto, é muito importante que os nossos saberes, presença e lutas estejam no espaço da universidade. Pesquiso e falo, portanto, a partir da minha experiência enquanto guarani, dialogando com diversos saberes para contribuir com a transformação de uma sociedade mais justa.

Partiremos do diálogo com Rosa Sebastiana Colman, Yan Leite Chaparro, Eliezer Martins Rodrigues, pesquisador indígena, e Josemar de Campos Maciel, em pesquisas sobre o mesmo tema da retomada. Colman aborda a questão a partir da sua aproximação com os professores da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, na reserva de Porto Lindo Japorã MS, da qual faço parte, e da escuta de crianças, adultos e sábios da comunidade. Essa pesquisadora estudou sobre a relação da comunidade com a natureza para a reivindicação da retomada, entendendo o significado do território para a comunidade guarani Ñandeva, os desafios de recuperação das áreas exploradas, a relevância do modo próprio de ver o mundo para garantir sua identidade cultural. Portanto, a partir dessas perspectivas, abordarei sobre a relevância da retomada Yvy Katu para a prática dos saberes indígenas.

Nesse sentido, na pesquisa pretendo construir uma historiografia da reserva Indígena *Jakarey* atualmente denominada Porto Lindo, suas origens históricas, seus líderes políticos:

capitão chefes que representavam a comunidade e os caciques; rezadores que fazem o seu papel espiritual, a sua visão sobre o viver na contemporaneidade, a exploração dos recursos naturais e a expulsão do seus *tekohá* que mais recentemente resultou na retomada *yvy katu*, área de ampliação da reserva - a partir das narrativas dos anciãos coletadas através de entrevistas que tenho realizado na minha comunidade. Isso é o mais importante, a questão problema desta pesquisa: o porquê retomar, na perspectiva dos anciãos. Por fim, é importante dizer que o diálogo foi na língua guarani, e depois tudo foi traduzido para este trabalho, permanecendo em guarani nos anexos para que os indígenas falantes de guarani possam ler e utilizar como quiserem. Sabemos que para abordar esses temas sensíveis (QUADRAT, 2018, p. 212) que foram deixados de lado, estaremos apresentando a importância da ética em uma pesquisa que foi feita a partir do dever da memória da minha comunidade. Trazer a memória no cenário atual requer uma metodologia específica. Nesse sentido, a língua e o momento do diálogo são muito importantes sempre e cedo, na hora do chimarrão, ou ao anoitecer, onde eles descansam depois de um dia de trabalho.

Há vários tipos de *Tekó*, o jeito sagrado de ser guarani, conforme a nossa religião. Como o *Tekó* pode ser praticado entre os guaranis na atualidade? O parente Benites nos fala sobre o *Teko Porã*¹⁰:

Hoje o sinônimo do *teko porã* é viver sem problemas.(...) *Teko marangatu*¹¹, o sujeito que o vive tem a característica de ser uma pessoa espiritualizada. O jeito de ser desta pessoa é muito ligado às práticas de canto e dança, ela faz parte do grupo do *Ñanderu* – o rezador (...) *Teko Pyahu*,¹² *Teko Araguayje*.¹³ (...) O *teko araguayje* é o jeito de ser que alcançou a perfeição máxima, próxima ao jeito de ser dos deuses. (BENITES E. & RAMOS, A. D. p.32-33, 2017).

Para os *Ñandeva*, o *teko porã* não se diferencia muito, seria viver em harmonia com todos ao redor, *ava*, pessoa, *mymba kuera*, os animais e os *ka'avo kuera*, as plantas. Para viver bem, todos devem fornecer suporte um para outro, como se fosse uma teia, todos têm ligação, pois dependem uns dos outros para viver. Portanto, o *teko porã* é viver bem no coletivo, desde os animais e as plantas. *Teko marangatu*, o primeiro passo para entrar nessa fase é o batismo, pois sem o batismo não há como ser religioso, pois ali recebemos as orientações através do *nhanderu* e recebemos nosso nome, depois cabe ao indivíduo seguir a missão dada. Atualmente

¹⁰ Teko Porã: Viver tranquilo, sem dependência e interferência externa, ter abundância de fartura para a família.

¹¹ Teko Marangatu: Espiritualidade guarani, a dança e a reza, o batismo, entre outras.

¹² Teko Pyahu: O novo caminhar, como caminhar junto à cultura imposta na reserva, o que serve e o que atrapalha, caminhar. Compreender o processo histórico.

¹³ Teko Araguayje: Alcançar o auge da espiritualidade guarani, ser referência para outros.

os jovens têm perdido essa missão, pois muitos já não recebem mais as orientações dos *ñanderu* para a sua vida e acabam ficando perdidos no meio do caminho, seguindo o mau viver, que seria o nervosismo, a mentira e o roubo, entre outros fatores. O *teko pyahu* é compreender tudo isso e caminhar juntos, sem desvalorizar um saber, pois as igrejas têm feito um papel importante dentro da comunidade, mas as rezas e as danças sempre farão parte do nosso modo de ser. É algo espiritual compreender este modo de ser e como apreender, assim todos farão bem e caminharão ao lado da minha religião. Enquanto que o *teko araguayje*, para nós *ñandeva*, não faz parte dessa fase porque a pessoa que expande a sabedoria e a religiosidade é escolhida já no início do seu caminhar, que é no batismo. Ali os *ñanderu* já falam se ele(a) vai ser rezador(a). Hoje em dia esse modo de ser tem sido assumido por *yvyra 'ija*, jovens guerreiros que se sentem à vontade através do incentivo das escolas e dos movimentos, pois muitos dos rezadores mais antigos já estão nos deixando. Os jovens que recebem essa missão falam muito dos sonhos, quando eles ouvem o *porai*, o canto que eles precisam praticar.

A intenção do trabalho é, portanto, compreender os saberes indígenas *arandu*¹⁴ a partir das narrativas dos anciãos da minha comunidade, a relação cultural e imaterial com *tekohá*, aprofundando assim o conceito do *tekohá* na nossa perspectiva, demonstrando que a reserva criada pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índios) não é um lugar que atende a demanda cultural da comunidade e por isso a própria reivindicação da retomada. A partir da minha observação, as pessoas têm mais acesso aos recursos disponíveis na retomada, antes as pessoas tinham medo porque a área não era indígena. Podemos abordar, além disso, a forma de ocupação da comunidade dentro da retomada, o fortalecimento dos saberes, os remédios e a prática de reza tradicional, da caça e da pesca. É necessário ressaltar que a retomada também trouxe espaço para surgirem novos líderes políticos e espirituais, que saíram da reserva em busca de sua autonomia. Podemos perceber que na área de retomada existem mais casas de reza do que na reserva, por exemplo, e em cada *Tekohá* há uma liderança que cuida da sua comunidade. Estes relatos serão abordados a partir de experiências de membros dessa comunidade, portanto da minha visão como indígena também, como parte do grupo. Como posso perceber na experiência e nas entrevistas que tenho feito com os anciãos, a retomada também trouxe a diminuição de violência interna entre a comunidade principalmente entre os jovens, mas isso não significa que a violência não existe, principalmente externa. Segundo Aty Kunangue,

ordens de despejo forçado e expulsões agressivas são parte do cotidiano do povo Guarani e Kaiowá, que resiste bravamente contra a opressão e a retirada

¹⁴ Arandu: sentir o redor, a sabedoria.

de seus direitos e de suas casas e de seu território. Testemunhas relataram histórias de diversas remoções violentas ao longo dos anos. O povo Guarani e Kaiowá resiste, não queremos despejo, queremos os nossos direitos garantidos, queremos de volta a nossa terra que nos foi tirada e dadas aos ruralistas. (VII Kuñangue Aty Guasu, Grande Assembléia das Mulheres Kaiowá e Guarani, ocorrida entre 16 a 20 de setembro de 2019 em Tekohá Yvy Katu Potrerito, Japorã-MS - disponível em <https://www.kunangue.com/mapeamento-da-viol%C3%Aancia> acesso em 28/02/2023)

Yvy Katu, mesmo ainda não homologada, está atendendo parte da demanda da comunidade. O desafio atual é o arrendamento que vem sendo praticado na área, muitas das lideranças são a favor e outras contra, problematizar isso também é importante neste trabalho.

Representar tensões e traumas na pesquisa não foi fácil, mas necessário, esse é o papel da História do Tempo Presente, compreender a demanda da sociedade sobre determinado assunto, neste caso sobre o território, que será abordado através da memória dos anciãos: o propósito para que ele possa ser retomado e se essas demandas foram e ainda são atendidas diante de um violento sistema capitalista. Os estudos decoloniais também contribuirão para a reflexão do contraponto indígena ao modelo do desenvolvimento da sociedade não indígena, a territorialidade dos Guarani Nhandeva e os desafios diante da colonialidade. Através desses estudos, compreendemos o impacto da colonização e as resistências contemporâneas, inclusive de indígenas na universidade realizando pesquisas acadêmicas que dialogam com saberes ancestrais.

É necessário aprofundar a relação do modo tradicional com o território a partir dos sábios anciãos da comunidade, assim como das lideranças políticas, afinal essa retomada foi recente e a maioria dos atuantes estão prontos para narrar a sua história que transformou a comunidade. É uma história dos vivos para os vivos, fortalecendo assim a nossa luta pela terra, que não é uma mercadoria. Yan Chaparro discute a oposição do significado do desenvolvimento para os Guarani Nhandeva e não indígenas:

O texto proposto parte da perspectiva da reflexividade sobre o conceito de desenvolvimento. Das carnes vivas cotidianas e dos solos incorporados à organização social moderna como objetos contra/em desenvolvimento, por não acreditarem no modelo homogêneo e hegemônico de desenvolvimento. Objetos que perguntam dia após dia: o que é mais rico, uma lavoura ou uma floresta? Esta pergunta encontra nas ironias dos discursos, dos contextos e dos coletivos do subsolo alternativas para estes objetos se manterem o que são, com seus modos de existir, com suas próprias epistemologias, que atravessam o campo de educação, da saúde, da alimentação e da relação produtiva com a terra. Para pensar o desenvolvimento ao lado de outros modos de existir e outras epistemologias, faz-se hoje o esforço de confecção do conceito de etnossensibilidade, processo de construção teórica que só existe a partir e com o outro, no caso da pesquisa em andamento, os Avá Guarani/Nhandeva que se encontram no território Porto Lindo/Yvy Katu, no município de Japorã, Mato Grosso do Sul. (CHAPARRO, 2019, p.233)

Enfim, o foco do trabalho é construir uma historiografia da questão territorial Guarani Ñandeva a partir das narrativas dos anciãos, com foco na retomada, porém para isso será necessário trabalhar historicamente também com período anterior ao contato com os brancos e como as lideranças se organizaram para manter um pedaço de terra que hoje é denominado Porto Lindo, ou seja, o que marcou o período da reserva e, diante disso, como surgiu a ideia e a prática da retomada. Portanto, o objetivo está em escrever uma dissertação sobre a retomada do território sagrado neste município, consequência da relação forçada da comunidade com o Estado e da delimitação territorial. No caso dos povos Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul, houve a criação de oito reservas pelo Estado. O diálogo teórico e metodológico envolve a discussão com a História do Tempo Presente e os estudos decoloniais.

Para dialogar com anciãos, elaborei as seguintes questões: Como você vê a retomada? O que precisa mudar? Entre os Nhandeva, não se conversa através de questões fechadas, mas se abre um diálogo para escutar. Por isso, é necessário se aproximar, fazer visitas, sentir o espírito para que o diálogo seja produtivo. Não se pode chegar e já querer o resultado do objetivo. Para nós, Ñandeva, dialogar com anciãos é uma questão de respeito, por isso as perguntas não podem ser feitas de qualquer maneira ou de modo informal. É preciso que eles e elas sintam a confiança, o bom espírito, para que possam passar informações para determinada pessoa. Precisam que se sintam à vontade, por isso as visitas têm que ser feitas várias vezes. Dialogar com eles, principalmente sobre o seu papel para a comunidade, requer muito cuidado. Primeiramente, é importante se colocar no lugar deles. Nesse sentido, há uma vantagem muito importante quando o pesquisador é da comunidade.

Na perspectiva dos anciãos e lideranças políticas, já sabemos que um dos motivos culturais pelo qual a retomada foi necessária foi o crescimento do número da população nesse espaço, mas como isso ocorreu? Onde estão localizados os *tekohá*? Essas questões serão fundamentais quando formos abordar sobre a história da Reserva, os pioneiros, números de famílias que habitavam no início da criação do espaço, e com o passar do tempo o que motivou a retomada da terra *Yvy Katu* terra sagrada. Já com a área retomada, ficou evidente que os desafios de recuperação do ambiente e a perspectiva espiritual dos anciãos com os *jaras* é fundamental.¹⁵

¹⁵ Deuses que guiam o modo de viver do meu povo guarani ñandeva, os *jaras* habitam o *tekoha* como os *Ka'aguy Jara* (guardião da mata) e os *Yvytu Jara* (guardião do vento). Os deuses são os que estão ali cuidando da mata para que os rezadores possam se comunicar com eles.

No primeiro capítulo, é abordada a história geral dos povos indígenas Guarani e a criação da reserva indígena de Jakarey, que significa Rio dos Jacarés, criada com o decreto de número 835. Atualmente é denominada de Porto Lindo, onde fomos confinados pelo Estado. No capítulo 2, será abordada a importância do *tekohá* como território tradicional para os guaranis, e conseqüentemente a nossa luta judicial, além do significado do *nande reko*, nosso modo de ser. É fundamental a compreensão de que a sabedoria tradicional depende do *tekohá*, por isso, explicarei qual é a relação dos Guarani Ñandeva com o território sagrado. O capítulo 3 analisa a memória de diferentes sujeitos sobre a retomada, principalmente lideranças políticas e rezadores, descrevendo, por exemplo, as conquistas e também a tensão sobre o arrendamento da área reivindicada.

Defendo que a minha comunidade precisa do território para manter a identidade diante do sistema predatório e a sua relação com o espaço é um dos caminhos para manter o equilíbrio da natureza. Mas para nós não é só equilíbrio, é no *tekohá* que estão os saberes, o nosso *arandu*, a nossa língua, o nosso corpo. Tudo está interligado, por isso que pesquisadores indígenas e não-indígenas reafirmam a frase (que concordo) de Bartomeu Meliá: “sem *tekohá* não há *teko*”. No meu trabalho, aprofundo como pesquisador indígena guarani Ñandeva sobre *teko*, nosso modo de ser, e *tekohá*, o território que dá suporte para a prática do *teko e o ñe'e*, a língua, que é fundamental para acessar os saberes. Pretendo defender que a comunidade indígena precisa e luta por pelo menos uma pequena parte da imensa área que foi tirada desde o início da colonização. Na área da História do Tempo Presente, é importante analisar a memória dos vivos para vivos, e assim, compreender o passado que não passa (no caso guarani, a violência territorial e racial) é fundamental para apontar caminhos para o Bem Viver no mundo contemporâneo.

CAPÍTULO 1

“A aldeia era grande, nós não tínhamos fronteira, essa prática é a coisa do homem branco”: a transformação da *Tekohá* Jacarey em uma reserva indígena de confinamento em Porto Lindo

Para compreender um contexto histórico, não é possível voltar no tempo. Mas através de documentos históricos diversos e da memória de indivíduos que estavam em determinado evento, que partilham a experiência da vivência, suas demandas e motivos, podemos recontar uma história. Neste trabalho, será valorizada a memória indígena que está ligada à oralidade e ao território, pois não temos a nossa grafia semelhante aos povos ocidentais, porém a utilizamos para nos defender e compartilhar a nossa luta, inclusive com reivindicações ao Estado e elaboração de trabalhos acadêmicos.

A comunidade que estaremos abordando é constituída pela etnia Nhandeva, no Estado de Mato Grosso do Sul. Neste estado vive a segunda maior população de grupos indígenas no Brasil, com 61.737 segundo o Censo do IBGE de 2010, sendo a maior parte de Guarani e Kaiowá, que estão vivendo hoje confinados em oitos reservas originalmente criadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (LANDA, 2005)

A Terra Indígena Porto Lindo (Jakarey) foi criada através do Decreto no 835 do Governo de Mato Grosso, de 14/11/1928 em um lote reservado e denominado “Porto Lindo”, com 2000ha. Pimentel Barbosa escolheu uma área de 3600ha, conforme consta no seu relatório de 1927, cujos limites eram “a nascente pelo córrego denominado ‘Porto Lindo’, pequeno arroio que desemboca próximo do porto deste nome; ao Norte pelo rio Iguatemy; ao poente pelo Corrego Guasory; e ao Sul com terra devolutas.” (MONTEIRO, 2000, p. 85). Na oportunidade teria comunicado às autoridades e moradores do Patrimônio Sacarão (hoje município de Iguatemi) que estas terras pertenciam aos índios e informando que estas eram constituídas por matas e pequenos poteiros, e também eram devolutas. (LANDA, 2005, p.109)

O historiador Antônio Brand (in memoriam), que acompanhou a luta da comunidade no movimento Aty Guasu, usa como conceito a ideia de confinamento, quando os Kaiowá e os Nhandeva foram inseridos em oitos reservas criadas pelo SPI Serviço de Proteção aos Índios entre os anos de 1915 a 1928. As oitos reservas são: Guapo'y município de Amambaí (3600 ha), Jaguapiru e Bororó município de Dourados (3600 ha), Te'yikue município de Caarapó (3750 ha), Limão Verde município de Amambai (668 ha), Taquapery município de Coronel Sapucaia (1600 ha), Sassoro município de Tacuru (2000 ha), criada através do Decreto nº 835 de 14/11/1928. Atualmente, ocupam apenas 1.650 ha no município de Japorã e por último 2000 ha em Pirajuí, município de Paranhos (COLMAN, 2008). A imagem abaixo mostra o historiador Brand durante sua pesquisa sobre o território tradicional, onde um dos pioneiros (antigos moradores) da reserva de Porto Lindo participa, Delossanto Centurion, que participou da retomada de Yvy Katu.



Figura 1 Imagem cedida pelo Neppi.eco.br

O objetivo do Estado, através do Serviço de Proteção aos Índios (hoje FUNAI), era a liberação das áreas primeiramente para a exploração de erva mate, depois para a instalação de agropecuárias em fazendas e, atualmente, para plantio de cana de açúcar e soja (BRAND, 2008). Essa sequência de ações estatais impactou negativamente a vida da nossa comunidade, ocasionando transformações na economia, uma vez que a comunidade indígena pratica a sua economia voltada ou ligada à reciprocidade. Não havia acúmulo dos produtos produzidos coletivamente, sempre fazendo festas na época de colheita nas casas de reza (*Oga Pysy*) e distribuindo as farturas. Na política, quem comandava as organizações era o *Nanderu*, mas não havia um comando direto, o papel era de servir para a cura, para a orientação da comunidade. Assim, podemos compreender a relevância para os Guarani Ñandeva da Terra Sagrada para manter o nosso modo próprio de ver e viver no mundo. O que resulta de um longo processo histórico, conforme Guarani Retã:

No Brasil, a situação dos Guarani Ñandeva e dos Kaiowá sofre profundas alterações logo após a guerra do Paraguai entre (1764-1870) - ou Grande Guerra como é conhecida no Paraguai. Após essa guerra inicia-se a ocupação sistemática do território guarani no sul do então Estado de Mato Grosso, por

diversas frentes de exploração econômica: inicialmente da erva mate, a seguir a implantação dos projetos agropecuários e de colonização, a soja correspondente a mecanização na década de 1970, e finalmente a cana de açúcar, a partir de 1980. (Caderno Guarani Retã, 2008, p.12-13)

O livro Guarani Retã (2008) abriu no mundo acadêmico a discussão sobre a relevância da retomada para o povo Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, uma referência para quando se realiza pesquisas sobre a comunidade indígena guarani ñandeva neste estado. É elaborado por vários autores que abordam sobre temas como a organização, impacto a partir do contato com a sociedade envolvente, confinamento nas reservas, consequências das perdas do território tradicional, organização tradicional, religião, luta e perda das lideranças tradicionais, luta pela retomada. Trata então do povo no geral, localiza historicamente por onde tem andado e vivido a comunidade Guarani, suas lutas e seus desafios no período histórico e contemporâneo, dentro e fora do Brasil. Trata-se de uma referência para um aprofundamento da historiografia sobre o povo Guarani.

O coordenador do livro Guarani Retã, Grumberg e os outros autores (Azevedo, Brand, Pereira, Heck e Meliá) realizaram um estudo geral do território que denominamos Guarani Retã ou Grande Território, que atualmente abarca três estados do continente sul americano: Argentina, Brasil e Paraguai. São o mesmo povo, mas com diferentes práticas culturais e religiosas, assim como na língua e na luta, inclusive na luta pelo território tradicional e na própria expulsão histórica das *tekohá*¹⁶. Estes pesquisadores têm trabalhado também, especificamente, com o impacto da perda de território para os Guaranis no Mato Grosso do Sul desde a colonização. Essa perda ocorreu significativamente após a Guerra do Paraguai, com a liberação de uma suposta "terra sem dono" para a ocupação primeiramente com o objetivo de extrair erva da região, após para a instalação de fazendas agropastoril. Atualmente, a soja e a cana de açúcar têm tomado o território do nosso povo. Devido a exploração territorial, portanto, foi removida a população originária para uma área limitada que não atendia a sua organização.

Há um desafio muito grande quando se trata de uma história que por séculos foi contada pela visão dos colonizadores. Alguns pesquisadores já deram passos importantes, muitos deles abraçam a nossa luta, são trabalho fundamentais, porém quando um membro de uma comunidade indígena se coloca diante desse desafio o avanço é muito grande. Foi pensando nisso que eu cheguei até aqui, na universidade, para pensar a memória dos anciãos que estão voltando a morar no *Yvy Marane'y* (terra sem mal). Analisar a memória a partir da

¹⁶ Tekoha, denominado espaço que oferece suporte socioeconômico e cultural do povo Guarani, deve oferecer abundância em recursos naturais e espirituais para que haja o Teko Porã o bem viver Guarani.

oralidade é foco desta pesquisa, pois abordar essas questões dentro da academia e no espaço escolar é fundamental para compreender as permanências e as mudanças culturais dentro do espaço onde foi inserida a reserva, como a comunidade tem reagido a essa imposição e a impossível prática do bem viver.

Houve a exploração de erva mate, no primeiro momento, após a instalação de fazendas, e por último a de cana de açúcar e de soja. É um processo danoso que trouxe a desorganização da comunidade no espaço, impondo a maneira capitalista de pensar e de viver na nossa sociedade indígena. Segundo Ava Tukambi Valdomiro Ortiz:

Conforme a história, depois de muitos tempos, o nosso *Tekohá* ficou pequeno porque nasceram mais crianças. Além disso, vieram também os não indígenas mais ou menos na década de 1970, aqui hoje é fronteira, aconteceu então a colonização, o governo fez isso, distribuiu as terras para assentamentos, e deixou só um pedacinho para nós, principalmente aqui em *jakarey*. (entrevista concedida ao autor no dia 22/02/2022)

A comunidade que abordo neste trabalho está localizada no atual território do Estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com o Paraguai. O nome do município é Japorã, a população segundo censo da SESAI 2020 (Secretaria de Saúde Indígena) é de 6130 indivíduos com 1648 hectares na Reserva, enquanto a área da retomada apresenta 934 pessoas com 9.454 hectares. Essa área está em processo de homologação após duas décadas, como tantas outras, e vive o resultado da colonização enfrentando a colonialidade, que influenciou e influencia a organização tradicional. Historicamente, através da defesa da ideologia de “civilização”, foram tomadas as terras das populações originárias pelo próprio governo, colocando os indígenas em reservas criadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Segundo Colman:

A demarcação dessas reservas significava desocupar as áreas restantes para os projetos de desenvolvimento e colonização. Justificava-se a demarcação desses pequenos espaços liberando o restante do território, através da política integracionista da época, através da qual o poder público esperava, que os índios logo seriam assimilados pela sociedade nacional, deixando de ser índio e se tornando pequenos agricultores. Sendo assim, não necessitam de um espaço próprio. (COLMAN, 2007, p.19)

Percebe-se que durante essa criação o objetivo está ligado à integração da população indígena à sociedade nacional, pois a forma de pensar da comunidade indígena é distinta, na sua religião principalmente. A forma tradicional de praticar suas atividades econômicas está

relacionada à reciprocidade e à coletividade. A ação do Estado reflete totalmente na organização tradicional dos povos e também na forma de pensar da sociedade brasileira sobre as nossas comunidades, que por sua vez é reforçada pela mídia que gerou e ainda gera muito preconceito. Ouvimos muito as palavras “bêbados, preguiçosos, vagabundos” para se referir a nós, indígenas. Mas a história verdadeira foi ocultada, não se fala da exploração do trabalho, da criação de fazendas e da derrubada das matas e, mais recentemente, das usinas de álcool e de açúcar no Mato Grosso do Sul (BRAND 1998). Não bastam as explorações, mas também se oculta a memória dessa comunidade e de outras populações indígenas, que eu quero visibilizar com essa pesquisa, como parte de uma comunidade Ñandeva.

No caso da minha comunidade, segundo os anciãos, *Nhemongora* ou *Chikero* é colocar em uma área limitada dentro do seu próprio *tekohá* (cercar em volta, limitar, não sair dessa área, ou seja, confinamento). Trazer esse estudo em uma perspectiva da historiografia do Tempo Presente, pensando principalmente o impacto negativo na desorganização da comunidade é algo importante, em conjunto com a resistência que abriu o horizonte em busca do *tekohá* território tradicional *Yvy Katu*, a Terra Sagrada do meu povo Guarani Ñandeva no município de Japorã Mato Grosso do Sul. Farei isso a partir do estudo de bibliografia e da análise da narrativa dos rezadores e de lideranças políticas que atuaram nessa luta, que denomino como anciãos da comunidade. O avanço é porque se trata do primeiro pesquisador indígena da comunidade a escrever um trabalho como este, vivenciando nossa ligação com a terra que é espiritual, e abordando a temática a partir também da minha experiência.

A história da minha comunidade está na memória, no espaço e nas vivências, foi isso que orientou os *Ñanderu* através da sua mediação com os Deuses para que houvesse recentemente a retomada. Bem como houve e há mobilização contra a exploração do trabalho, a falta de espaço, de alimentos e de remédio. Historicamente, o *tekohá jakarey* era grande, tinham poucas famílias e recursos suficientes para todos, mas com o passar do tempo isso foi alterado com a colonização, a partir disso surgiram demandas que compõem a necessidade de meu povo. Segundo uma liderança da retomada *Yvy Katu*, um dos pioneiros dessa região, Ava Tukambi:

A maioria dos Tekohá era na beira do rio, era grande tinha bastante lenha, remédio, animais para caçar, fazíamos armadilhas para pegar esses animais e peixes, tínhamos material suficiente para construirmos uma casa, tinha sape, coco, tínhamos tudo, a mata oferecia tudo pra gente e o mais importante não tinha fronteira, íamos onde a gente quisesse para buscar recursos, a casa era bem longe uma da outra, assim era a nossa organização antigamente. (entrevista concedida ao autor no dia 22/02/2022)

Conforme a narrativa do ancião, podemos perceber que o passado está sempre presente na memória. O *Tekohá*, território tradicional que atende a necessidade cultural dos guarani Ñandeva, que precisamos, é parte importante a recuperar. Para os Ñandeva, estar ligado ao passado ancestral é a única forma de manter o nosso jeito, a nossa organização diante da modernidade, que está levando tudo ao caos. Esse passado onde existia suporte para nós, onde não havia o mal viver, onde as rezas e as histórias narradas era a rotina nas *tekohás*. Para Ava Tukambi, Valdomiro Ortiz:

Tínhamos o que nós chamamos de material primário para a nossa necessidade, como sape, pindó, tinha muito recurso que a nossa floresta oferecia. Não tinha divisa, não tinha limite como: norte, sul, leste, nem oeste. Tínhamos liberdade para ir onde a gente quisessem sem medo para trazer os recursos, a casa era bem longe uma das outras, assim era o Tekohá, a sua organização, a família morava longe para ter espaço para agricultura, tinha Kacique tinha casa de reza. (entrevista concedida ao autor no dia 22/02/2022)

Por isso entendo ser importante analisar as narrativas de anciãos, lideranças políticas da comunidade para entender a relevância da retomada, *Tekohá Yvy Katu*, que compõe parte da Terra Sagrada, do Território Tradicional dos Guarani Ñandeva de Porto Lindo. A partir da história da reserva indígena Porto Lindo nos aprofundamos na luta, nos desafios impostos pelo sistema da sociedade envolvente, sistema que tem trazido guerras, misérias, desigualdade sociais e desequilíbrio ambientais. Essa estrutura está enraizada na sociedade que se denomina civilizada, mas na verdade é a sociedade violenta do capitalismo.

A criação da Reserva no Mato Grosso do Sul tem impactado diretamente na organização tradicional dos povos indígenas Guarani Ñandeva. No Estado Brasileiro, o Guarani é dividido em três grupos principais, a saber: Guarani Kaiowá (interior do Mato Grosso do Sul), Guarani Ñandeva (ao sul do Estado, região de fronteira com o Paraguai) e o Guarani Mbyá (predominantemente no litoral da região Sul e Sudeste do Brasil). A organização tradicional dos Ñandeva e Kaiowá sofreu graves transformações após a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando o Estado brasileiro passou a liberar “a terra sem dono” nas regiões onde estão localizados os *tekohás* (território tradicional que garante o *nhande rekó*), nosso modo de ser guarani. Há um sentimento de união entre nós guaranis, como diz a liderança Mbyá Kerexu Yxapyry:

O povo indígena carrega dentro de si esse sentimento de “somos filhos de um criador, sustentado por uma mesma mãe, somos uma família, e se somos uma família nós temos que proteger, respeitar. Todo tempo estar nessa linha de

frente ajudando porque é nossa função. É mais do que proteger a vegetação e os animais, é proteger o todo. Isso para nós é o *nhanderekó*. (Portal Catarinas, postado em 08/06/2021)

A partir de 1988, com a promulgação da Constituição Brasileira, a nossa comunidade tem se fortalecido para recuperar pequenas áreas do seu território ancestral. Essa luta, no entanto, tem ocasionado assassinatos de muitas lideranças indígenas. A violência contra membros de nossas comunidades continua, é um genocídio. Na nossa comunidade, a mais recente ocorreu no dia 15 de dezembro de 2022, quando a *nhandesy* (rezadora) Estela Vera Guarani, de 67 anos, foi executada no meio da tarde a tiros por homens encapuzados. Outras lideranças, como Leila Rocha, têm sido ameaçadas por denunciar o arrendamento no Yvy Katu (CIMI 2022). Outro crime ocorrido nesta comunidade foi no dia 1 de agosto de 2017, quando dois parentes saíram para pescar e não voltaram mais. Um ano depois, foram localizados os dois corpos em uma fazenda que faz fronteira com a retomada (PORTALG1 2017). O assassinato de uma liderança política ou rezador (que também pode ser chamado de ancião ou ancião - nosso pai, nossa mãe - *ñanderu* ou *ñandesy*), é uma forma de tentativa de enfraquecimento da nossa luta pelas áreas reivindicadas e nossa força espiritual.

Porém, as memórias sobre a nossa história seguem vivas nos sábios da nossa comunidade. As memórias são portanto fundamentais para levar adiante a luta da minha comunidade, não poderíamos deixar a luta acabar em vão, pois os rezadores já abriram o caminho, é uma ligação muito forte que nós temos, igual *puru'ã*¹⁷. É uma ligação espiritual, de mãe para filho e vice-versa, por isso sempre haverá resistência. Pois as memórias sobre a nossa história estão vivas nos sábios da nossa comunidade, e mesmo que sejam experiências dolorosas, precisamos saber para agir hoje. No período da ditadura, já se tentava ocultar essa história de violência:

A Comissão Nacional da Verdade buscou trazer à tona a verdade acerca dos acontecimentos do período militar, desmistificando e desmentindo fatos ocultados ou omitidos pelo governo da época. (...) O relatório acerca das violações de direitos humanos dos povos indígenas da Comissão Nacional da Verdade (2014a) estima que cerca de 8.350 indígenas foram mortos em decorrência da ação ou da omissão de agentes governamentais. O relatório deixa claro que essa estimativa leva em conta apenas casos documentados que davam margem a alguma estimativa. No entanto, enfatiza que o número de mortos e afetados deve ser muito maior, já que não se conhece com completude o que de fato ocorreu naquele período, tendo em vista que apenas uma pequena parcela dos afetados foi analisada. (CABRAL in MORAES, 2020, p. 109-114)

¹⁷ *Puru`ã*, umbigo, ligação entre filho e mãe no ventre.

Abordar sobre violência é uma experiência desafiadora, mesmo com dor e força levamos adiante a luta, que é também muito útil para compreender o presente. Não podemos deixar a luta acabar em vão, pois os rezadores já abriram o caminho, é uma ligação muito forte que nós temos, igual *puru'ã*, uma ligação espiritual de mãe para filho e vice-versa; por isso sempre haverá resistência. As memórias sobre a nossa história estão vivas nos sábios da nossa comunidade, e mesmo que seja doloroso precisamos saber para agir hoje.

Não saber ou saber pelos outros foi o que me motivou a aprofundar as reais necessidades que o meu povo tem enfrentado após a criação da reserva. Antes queria entender o porquê eu via, dentro da reserva, pessoas indo para as igrejas, outras perdidas na bebida, outras rezando e crianças indo para as escolas. Muitas coisas aconteceram, com violência interna, situação que me deixou intrigado por não saber como me localizar, o porquê do comportamento da nossa sociedade atualmente. A partir da minha formação na licenciatura intercultural indígena, curso ofertado pela UFGD na formação de professores indígenas, conheci um pouco sobre a criação da reserva no Mato Grosso do Sul e os seus impactos negativos para a nossa população, principalmente os males que a nossa população tem enfrentado e ainda enfrenta nas mudanças do deslocamento de seus *tekohá* para o confinamento. A mudança territorial alterou nossa organização:

O confinamento em espaço exíguo trouxe o desafio de adequar a organização social dos guaranis e kaioiwás. A nova situação é marcada pela superpopulação numa mesma região, pela sobreposição de famílias e pelas transformações de ordem econômica. (Guarani Retã, 2008, p.14)

Segundo o sr. Carlos Vilharva, que chegou ao local em 1954 com 14 anos de idade, nesta época havia somente 9 famílias, o que confere com o dado de apresentado por Schaden para o ano de 1949, onde afirma que havia em torno de 120 pessoas. As variações no número de pessoas demonstram o costume Guarani de deslocar-se constantemente por um território de domínio, pois Nimuendaju (1987) apresenta uma cifra de 200 pessoas para o início do século XX, enquanto Schaden (1984) para a metade do século identificou somente em torno de 120 pessoas. (LANDA, 2005, p.102)

Sabendo disso, pude pensar em outra pergunta que orienta a investigação: devemos naturalizar a reserva? Após 95 anos de confinamento, um período em que os saberes tradicionais foram inferiorizados, sendo valorizados apenas aqueles não indígenas, tomados como único caminho para a nossa comunidade. Não é à toa que há vários movimentos pela reivindicação do direito de garantir a Constituição de 1988, principalmente sobre o território tradicional denominado Tekohá.

Contar a nossa história não será fácil, pois as memórias estão voltadas principalmente às violências sofridas desde o contato com os não indígenas, mas é uma necessidade para compreender os processos históricos a partir da memória e da oralidade, que têm sido importantes para garantir o direito relacionado à nossa cultura e um pedaço do território tradicional. Compreendendo a situação sob a perspectiva histórica da colonialidade, podemos perceber o resultado da ação colonial em que a comunidade praticamente fica sem a orientação do nosso mundo sobrenatural, os *Jaras*, Deuses que habitam o *Tekohá*. A reserva tornou-se precária para eles e para nós. Por isso, é muito relevante o *tekohá* para nós Guarani Ñandeva, assim como o diálogo com os anciãos, não somente para registrar, mas para manter vivas nossas lutas. Segundo Ortiz:

O modo de ser tradicional indígena precisa de orientações para que seja vivido, princípios que dizem muito da construção da pessoa, delineando o que diz e o que faz. Nesse sentido é que está meu raciocínio, pois ser mais tradicional ou viver do modo tradicional não depende somente da pessoa, é necessário ter quem o oriente nesse caminho. (IVARRA in MACHADO, 2018, p. 256)

Na divisa hoje com uma fazenda, havia uma lagoa perto do rio onde havia muito jacaré. Conforme a derrubada do mato, a lagoa foi secando e os jacarés foram desaparecendo. Isso aconteceu muitos anos atrás, era um *tekohá* muito grande. As casas eram muito longe uma das outras, cada lugar tinha um nome e se ia passando para o Paraguai. “A aldeia era grande, nós não tínhamos fronteira, essa prática é a coisa do homem branco”, relata uma das lideranças que comandou a reserva por mais de três décadas, Carlos Vilharva *Ka'aguy Hovy*. Assim disse uma liderança política, que teve um papel muito importante após a criação da reserva, quando perguntei o porquê dessa aldeia ter o nome de *jacarey* (rio dos jacarés) hoje. Com o passar do tempo muita coisa aconteceu, décadas depois houve a retomada que nós chamamos de *yvy katu*, a terra sagrada. Na verdade, tudo isso aqui é *yvy katu*, tudo que mencionamos tem o seu nome.

É com essas narrativas que inicio a minha escrita nessa jornada acadêmica, de tentar responder a importância de terra sagrada, ou pelo menos uma parte dela, que atualmente está em processo de homologação. Abordo a memória sobre a criação da reserva a partir da liderança política Carlo Vilharva e outras lideranças e anciãos, portanto as mudanças e a resistência com o confinamento, como temos criado na reserva estratégias para o mundo capitalista, refletindo como as pessoas estão sentindo o confinamento na contemporaneidade. Para isso, foi fundamental compreender a História Oral dentro da História do Tempo Presente, que com certeza está sendo muito útil para trabalhar a memória da minha comunidade. O campo

surgiu na França, no entanto tem uma perspectiva de defender a memória, de recontar a história a partir da experiência de uma determinada comunidade (MORAES 2022).

A escolha por trabalhar mais com essa liderança foi importante, pois Carlos Vilharva foi o único Capitão que comandou essa reserva por três décadas. Segundo ele, lutar pela demarcação dessa reserva também não foi fácil, o movimento foi muito importante, pois foi fundamental garantir uma parte da terra, mas com o passar do tempo tornou-se espaço insuficiente para a prática do bem viver. Então, tem o seu lado importante no início, mas o impacto negativo na organização se ampliou conforme o deslocamento das famílias de outros *tekohá*. A área de confinamento é hoje demarcada como reserva indígena Porto Lindo, através do decreto número 835 de 14 de novembro de 1928 (COLMAN 2015).¹⁸ Segundo LANDA.

Tendo sido criada em 14/11/1928 pelo Governo do Mato Grosso, do qual o estado de Mato Grosso do Sul fazia parte, até desmembrar-se no ano de 1977, quando foi criada por Ernesto Geisel em 24 de agosto através de Lei Complementar. Em 11 de outubro foi assinada a Lei Complementar n. 31 que criava o Estado com a capital em Campo Grande (CAPESTRINI; GUIMARÃES, 2002, p. 249), a região onde está situada a TI Porto Lindo/Jakarey já era fortemente habitada pelos Nandeva, sendo que Nimuendaju (1987) apresenta uma cifra de 200 pessoas no início do século XX. Sobre a criação de reservas Oliveira (2003, p. 224) diz que este foi um dos processos de territorialização imposto para os povos indígenas, e que teria contribuído para a normalização de terras acarretando o aumento do valor da terra sendo que o Estado, através da agência indigenista passou a tutelar os índios para que a presença destes não atrapalhasse “grandes projetos regionais ou governamentais”. A criação da reservas destinadas ao Nandeva/Guarani e Kaiowá no MS está de acordo com as diretrizes políticas de então, pois liberavam a terra para uso dos não-índios, mantinham controle sobre estas populações e justificavam com argumentos de cunho humanitário pois visavam a preservação física destas populações frente aos “interesses locais contrariados.” (LANDA 2005, p. 97-98)

Portanto a sua criação ainda não alcançou o centenário, por isso abordar essas questões requer muito cuidado. Quando me desafiei a realizar um trabalho acadêmico sobre essas memórias, percebi o quanto a remoção de seus *tekohás* foi traumática para as famílias, que por sua vez abriu o caminho para a retomada do Yvy Katu. Trazer essas memórias, dentro da História do Tempo Presente, é muito relevante pois esse trabalho não será somente um trabalho acadêmico para um título, mas sim uma reflexão para entender a origem do *teko vai* - mal viver - dentro do confinamento, dos males que a nossa comunidade enfrenta no seu cotidiano, e da retomada do território sagrado. *Ñanderu Tupã Tenondegua* Salvador Ramires, que hoje é uma

¹⁸ No mesmo período, foi criada a reserva de Porto Lindo (Decreto no 835 de 14.11.1928) ou Posto Indígena do Jacareí, com 2.000 ha. Atualmente conta com uma população de 3.687 pessoas, ocupando apenas 1.650 ha, no município de Japorã e localizada a 25 km da sede do município. Os moradores desta reserva estão em processo de ampliação da área, com a retomada de Yvy Katu, como se verá no terceiro capítulo deste estudo. (COLMAN,2015)

das lideranças políticas importantes da comunidade, também rezador, nos relata como era a vinda e ida quando não se vivia dentro da reserva:

A gente sempre vínhamos e voltávamos de uma aldeia para outra, quando tinha 9 anos eu já era esperto, me lembro que quando a gente saiu de Caarapó vínhamos a pé eu meu irmão e minha mãe, completando um dia de viagem paramos na beira de um mato onde havia um senhor não indígena morando, ele nos emprestou o seu rancho para dormir no dia seguinte. Lá para 4 quatro horas a mamãe já levantava e preparava a comida pra gente levar, comíamos rápido e o que sobrava era pra gente levar, mas naquele dia a gente escutou o caminhão vindo e não conseguimos levar a comida pois estávamos sem pratos, a gente colocava comida quente e comíamos o que dava. Foi muito triste, por isso que hoje eu não quero que ninguém jogue fora a comida, pois ela também é sagrada (entrevista concedida ao autor no dia no dia 20 de fevereiro de 2022)

Abordar essas narrativas têm sido o desafio muito grande, pois de alguma forma a gente sente a dor que essas famílias passaram, hoje somente essa liderança permanece na reserva de Porto lindo, seu irmão e irmã retornaram para a reserva de Caarapó (Te'yikue) ondem vivem atualmente. As famílias que saem de seu *tekohá* é porque estão sendo incomodadas, a reserva não dava o suporte e hoje isso é nítido dentro das reservas. No caso da minha comunidade, o suicídio passou a ser recorrente. Em diálogo com a minha mãe, que na década de 1970 e 1980 morou aqui em Porto Lindo, soube que o número de suicídio disparou na década de 90 dentro da reserva. Segundo ela, a cada semana se suicidavam quatro ou cinco pessoas, às vezes em um dia havia velórios concomitantes.

Abordar essa temática como acadêmico indígena é um dever com o nosso passado, apesar de difícil, é caminho necessário para compreendermos os passos que queremos, pois nesse tempo sombrio muitas vezes as pessoas naturalizam os fatos ocorridos dentro de uma sociedade. Este é o nosso papel como historiadores, ampliar a escala e mostrar o oculto para o senso comum, dialogar especificamente a partir da experiência de uma determinada sociedade como no nosso caso os Guarani Ñandeva. É muito rico, e triste também, porém necessário. No campo da História do Tempo presente, chama-se “reivindicações da memória”:

Em todos os casos, a historicização do passado recente, suas teorizações e suas institucionalizações foram realizadas, em sua maioria, a partir e pela exigência de demandas sociais de reconhecimento e de justiça – que podem ser rotuladas como “reivindicações memoriais” – relativas à passados traumáticos difíceis de assumir por parte das comunidades nacionais e que emanam de pessoas ou de grupos que não pertencem ao meio dos historiadores profissionais. O reconhecimento de uma dívida a saldar em

relação ao passado parece, portanto, comum a reivindicações memoriais. (DELACROIX, 2018 p.47)

Essa reivindicação da memória para nós da comunidade indígena é uma chance para contar a nossa história utilizando a metodologia da história oral de uma forma singular, construída numa aldeia indígena, uma vez que para nós guarani Ñandeva o *ayvu* a fala é sagrada, onde podemos aprofundar a nossa memória, reerguer a memória dos anciãos, pois a comunidade hoje precisa se posicionar frente ao mundo sombrio, se orientar a partir dos mais velhos. Além da superlotação na reserva, é preciso enfrentar a cultura imposta na comunidade de um jeito que todos possam estar conscientes das escolhas. Por isso, é necessário compreender a origem da reserva a partir das perspectivas dos anciãos e lideranças políticas. Já compreendemos que não foi um bom tempo para as famílias e nem agora, com esse violento passado que não passa. Quando comecei a dialogar com o capitão Carlos Vilharva, ele nos contou como era a população na comunidade:

Cheguei aqui no ano de 1950 quando tinha 10 anos, não tinha nem estrada só carretera, tinha basicamente 80 oitenta pessoas. Depois de alguns tempos, o *kacike* mandou me chamar, aí ele pediu para mim ajudar como segurança, esse *kacike* era o Máximo Benitez Juan Galeano e Nulaco Lopes aqui era assim, os três comandavam esse *tekohá*, era difícil os três não falavam a língua portuguesa e eles me chamaram para fazer essa mediação, porém quando tinha 22 anos o *kacique* mandou me chamar de novo e fui, mas já era pra entregar o seu cargo para mim, ele me falou: você é a minha única confiança por isso eu quero que agora você comanda o nosso *tekohá*, lá estava também os militares e os missionários, o general no qual não me lembro o nome me falou que não precisaria ficar com medo que ele estaria ali para ajudar, os missionários como Benedito também estava lá. Eu aceitei e o general concordou e pediu que para qualquer coisa que precisasse estaria nos ajudando, depois disso eu chamei alguns para me ajudar como Terecio Souza, Izidro Cáceres e Mário Cardoso. (entrevista concedida ao autor no dia 20 de agosto de 2022).

Compreende-se que, a partir desta narrativa, a presença do Estado como amigo só para ganhar a confiança e impor a sua organização dentro da comunidade, assim como a igreja com sua doutrina religiosa. O equívoco dessas lideranças é tentar copiar a organização dos não indígenas para aplicar na sua comunidade, como por exemplo ser necessário que de fora se reconheça o poder de um indivíduo ali na comunidade.

A expulsão de seus *tekohás* foi muito impactante na nossa história, assim como o confinamento. A população indígena do estado de Mato Grosso do Sul, especificamente os Kaiowá e Guarani, sofreram desde o início do contato com os colonizadores, que ocorreu diretamente após a Guerra do Paraguai (1864-1870).

um dos maiores males que os guarani tem que suportar é a invasão e destruição de sua terra, ameaça contra o seu modo de ser, a expulsão, a discriminação e o desprezo que vieram com a chegada dos “outros”, dos colonos e dos fazendeiros, e mais recentemente dos produtores de soja e de cana de açúcar. (Caderno Guarani Retã 2008, pg. 13)

Os anciãos hoje lembram de forma dolorosa desses eventos, que para eles são passagens traumáticas. Por isso, é um desafio muito grande quando vão abordar sobre essas memórias. Assim relatou uma liderança, rezador da comunidade de Salvador Ramires cujo o nome em guarani é *Ñande Ru Tupã Tenonde Gua*, que significa o pai guardião:

Eu vi com o meu pai quando a gente estava tirando mel de uma árvore podre caída, vimos os exércitos roçando onde agora está passando a torre de energia, um chegou e falou pra gente: daqui pra lá e fazendo gesto pra gente não passar no outro lado, eu lembro bem nessa época eu tinha sete ou oito anos, a partir daí começamos a ficar com medo. (Entrevista concedida ao autor no dia 20 de fevereiro de 2022).

Pode-se dizer que desse momento em diante começaram a colocar na cabeça dos nossos parentes a limitação de seus territórios ou o confinamento, como chamamos: essa palavra se originou a partir do *sarambipa*, que significa esparramo, que se refere à quando as famílias foram expulsas de seus *tekohá* pelo homem branco. É o confinamento, um termo que significa limitar o território em um pequeno espaço, onde foram deslocadas várias comunidades de seus *tekohá* para reservas criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). É relevante lembrar que o rezador entrevistado está com meio século de vida, ou seja, o encontro com os não indígenas foi recente para a nossa população, e tem trazido graves consequências graves para a comunidade.

É muito importante lembrar que para nós indígenas não existe divisão de território, as pessoas tinham liberdade de se deslocar de um lugar para outro sem problemas, mas atualmente a situação já é diferente, pois o próprio estado demarca “seu território” e assim confina um povo. As fronteiras, portanto, não são indígenas, foram impostas pelo Estado ao longo da colonização e depois dela. Para nós, os guaranis são guaranis, aqui ou no Paraguai. Naquele tempo, não havia divisão de Estado na cabeça dos parentes indígenas.

Nesse sentido, a reserva como confinamento tem gerado gravíssima consequência, além de tentar copiar a cultura não indígena, a perda de controle no ensinamento tradicional, o *ñande reko*. O suicídio entre os jovens tem sido preocupante e o alto índice de consumo de bebida alcoólicas tem trazido conflito interno entre os jovens e na própria família, inclusive entre os menores de idade.

Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil registrou uma média nacional de 5,7 óbitos para 100 mil habitantes. Na população indígena, foram registrados um número de óbito três vezes maior que a média nacional – são 15,2. Destes registros, 44,8% (aproximadamente, 6,8 óbitos), são suicídios de crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos. Ao contrário do panorama nacional, em que o maior índice é entre adolescentes e adultos de 15 a 20 anos (OMS, 2017). Os Guarani-Kaiowá – presentes no Mato Grosso do Sul (MS) –, é o maior grupo étnico no Brasil e apresentam altas taxas de mortalidade por suicídio.(Sousa, Maria 2022. p.45-46).

Atualmente, o espaço é insuficiente para a prática da roça tradicional e tem facilitado a exploração de mão de obra em fazendas e usinas de cana de açúcar da região. É mais que necessário repensar a organização e atender a demanda indígena para que voltem a praticar o seu *teko*, modo de ser, aprofundando o seu conhecimento. Para isso, precisam do seu território tradicional e se organizam sem interferência externa. Porém, isso tem sido um desafio muito grande no período contemporâneo, pois a população muitas vezes naturaliza a reserva e acha que a cultura ocidental individualista é superior. Isso tem sido visto a partir da minha atuação como professor da minha comunidade. No entanto, entre os mais velhos a resistência é maior, pois não aceitam o modo de ser da sociedade envolvente. Por isso dialogar com anciãos é muito importante, pois neles está a memória que guia a luta pelo território.

As origens de tudo realizado pelo estado tem relação com o sistema capitalista, e o confinamento dos indígenas é uma forma de mostrar o poder e atender a sociedade privilegiada. Portanto, estudar essa memória traumática não é fácil, mas para um pesquisador indígena as narrativas são muito importantes porque fortalecem as demandas da nossa comunidade.

CAPÍTULO 2

“Não somos donos da terra (...) queremos para as nossas crianças, para que o nosso modo de ser *nãnde reko* possa continuar”: o significado da *tekohá* (território) e do *nãnde reko* (nosso modo de ser)

O presente capítulo pretende refletir sobre o significado e a relevância da *Tekohá* através sobretudo das falas dos anciãos apresentadas em entrevistas que realizei em minha comunidade. Foram muitas questões enfrentadas na criação da reserva e na retomada, que trabalharemos no último capítulo, que nos fazem compreender a relevância para nós Guarani Ñandeva da Terra Sagrada para manter o nosso modo próprio de ver e viver no mundo. Também pesquisei como fonte histórica alguns relatórios produzidos durante a Grande Assembleia Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, chamada *Aty Guassu*, que surgiu no ano de 1984, que revela a centralidade da luta pela terra.

A Assembleia Guarani surgiu a partir da preocupação com o futuro do povo Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, através dela houve avanço na visibilidade de um povo que não

aceita a forma como o Estado tem tratado o povo originário. O seu principal objetivo é a luta pelo *tekohá* e a denúncia da violência física e cultural dentro das reservas. Os anciãos que lutaram pelos nossos direitos, que hoje são reconhecidos pelo Estado, estão nos deixando; mas também deixam o seu legado de continuar a luta, pois tudo que foi conquistado foi através de muita luta.

A costumeira tranquilidade e paciência Guarani parecia ter-se definitivamente esgotado. Diante da iminência de mais uma covarde agressão, se propõem a unir-se na luta, com a ajuda de todas as aldeias e mesmo outros povos. E quando lembraram história de luta e organização, através das Aty Guasu que começaram em 1984, lembraram os inúmeros líderes que tombaram na luta pela terra. A emoção tomou conta daquele grupo aguerrido. Lágrimas rolaram pelas faces sofridas daqueles lutadores. (Relatório Aty Guassu, 2005, p. 2-3)

O que nos resta é continuar a lutar pela vida digna da nossa comunidade, por isso a partir da Constituição de 1988 muitas lideranças retornaram para as suas áreas tradicionais, como no caso do *tekohá Pyelito* no município de Iguatemi, *Sombrerito* no município de Sete Quedas e muitos outros no Estado do Paraná. A situação marcante foi que na retomada de *Sombrerito* houve assassinato de lideranças indígenas, no despejo realizado pelos jagunços da região, em julho de 2005, ano desse relatório citado. No caso da nossa luta pela *tekohá Yvy Katu*, no final do ano de 2003, a mobilização foi geral. A reserva ficou em silêncio, pois a maioria da população estava concentrada na área da retomada. Apesar de ameaças e conflitos, não houve assassinatos de lideranças no *Yvy Katu*, pois houve a preparação para que tudo pudesse ocorrer de acordo com os *ñanderu*, pois é uma luta pelo que nos foi tirado no início da colonização, e agora urgentemente precisamos dela, do *tekohá* para vivermos de acordo com a nossas normas. Partindo dessa perspectiva, abordarei aqui como é relevante o *tekohá*, um espaço com suporte para a prática do costume. Segundo Benites:

Um *tekohá* guasu é composto de múltiplos pequenos lugares ligados em rede, os *tekohá* menores; e, dentro deste *tekohá*, existem lugares ainda menores, onde a ligação do nó é mais forte e perene. Em cada um destes lugares está o esteio, o sustentador do *tekohá*, o ponto das áreas mais influentes dos *ñanderu* e *ñandesy*, onde as normas que modelam as paisagens sociais, como também os entornos, direcionam para o objetivo do coletivo constituído pelo sustentador do *tekohá*. (BENITES, p.147-148, 2015)

Portanto, o tekohá não é somente o espaço com recursos naturais, mas também onde habitam os *jaras* - guardiões - que cuidam e orientam a religiosidade e *teko*¹⁹ (vida Guarani) *organização tradicional*, que formam o *ñande reko*²⁰ (nosso sistema). Abordarei neste capítulo a relevância do espaço para a prática do nosso modo de ser a partir da narrativa, da oralidade dos anciões e lideranças Guaranis Ñandeva da minha comunidade²¹. Somos muitos povos com diferentes dialetos, culturas, saberes que podem construir alicerces para transformar o mundo em um espaço melhor para todos. Porque não sonhar? Por que não se situar? É o que nós aprendemos, ter autonomia para fazer diferença partindo do local ao global sempre dialogando com os diferentes, pois o sistema moderno/colonial está cada vez mais devastador. Segundo Krenak, isso foi resultado da modernidade.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo do exercício de ser. A Modernidade jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obras no centro urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. (KRENAK 2019. p.09)

Os afro-brasileiros também sofrem com esse modelo de sistema moderno/colonial, e demais grupos subalternizados que vivem o racismo e lutam para que o Estado cumpra o seu dever institucional. O que aprendemos é que temos que agir no coletivo, fazendo com que o Estado olhe para nós como cidadãos que lutam para manter a sua organização tradicional, mesmo que oprimidos em vários sentidos, sofrendo violência, assassinato, sendo expulsos de suas próprias terras. O preconceito racial e epistemológico é grande, mas mesmo assim ainda resistimos sempre pois a memória nos orienta, através de uma cultura imaterial. Assim somos orientados para fazer algo, para sermos o que somos, pois isso é algo que está na gente, não pode ser transformado ou substituído.

O que podemos fazer é dialogar e utilizar o conhecimento e as tecnologias para fazer a diferença, assim como a comunidade tradicional tem resistido, não aceitando o modelo imposto desde a colonização. A orientação é seguir no coletivo mantendo o sagrado, sabendo que o modelo padrão só tem trazido problemas para a nossa mãe terra, mãe que pede socorro com o

¹⁹ Teko: As normas e os valores que o indivíduo recebe desde o ventre da mãe.

²⁰ Ñande reko: o que nós vivenciamos juntos, o costume, a religião e os valores.

²¹ Para os Guarani, os espaços da terra são para vivenciar todos os ensinamentos dentro da nossa tradição. A ocupação guarani no seu território são marcadas através de plantas sagradas que são plantadas pelos *xeramoi kuery*, onde se estalam para formar o TEKOA (aldeia ou fazer vida nova), sua organização social o TEKO (vida guarani), o NHANDE REKO (nosso sistema) e o ORE REKO (nosso costume).

avanço do sistema capitalista. Segundo o relatório de 2019 do Aty Guassu, a Grande Assembleia Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul:

A monocultura e a pecuária, que financiados por dinheiro público e todo tipo de apoio governamental, tomam o espaço sagrado de nossos tekohá. Inviabilizam a agricultura familiar indígena, levando nosso povo a rumos incertos sobre nossa segurança alimentar e econômica, visando a sobrevivência e bem estar de nossas futuras gerações. Além disso, vem destruindo o pouco que ainda resta de nossas florestas e recursos naturais indispensáveis para nossa sobrevivência física e cultural. (Relatório Aty Guassu, 2019, p. 1)

A comunidade tradicional e os demais subalternizados têm muitos a mostrar como podemos viver para garantir um futuro mais justo. A técnica utilizada pelo Estado brasileiro para subalternizar os saberes foi e ainda é intensa, porém a nossa comunidade resiste, pois a sabedoria está na língua e é transferida assim oralmente e espiritualmente no *nemongarai*.²² Através disso ressurgem lideranças políticas *yvyra ija*, discípulos dos rezadores que juntos recebem orientação espiritual para ir à luta e assim se organizar para reivindicar seus direitos. A população guarani kaiowá tem buscado uma estratégia para fortalecer os saberes que o Estado tentou subalternizar; a resistência é nítida nos sons dos *mbaraka* (chocalho) nos encontros regionais e nacionais mobilizados pelos parentes. Tentar com que a comunidade indígena possa ser aliada para a destruição da natureza fracassou, por isso o Estado tem visto a comunidade indígena como obstáculo para o desenvolvimento do país e tem nos tratado de forma não prioritária nas questões da homologação das terras indígenas, ou mesmo de forma extremamente violenta. Como explica Ailton Krenak,

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais — sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza. (KRENAK, 2019, p. 21).

²² Nhemongarai é um ritual realizado pelo rezador para batizar uma ou várias crianças. Nesse dia são realizadas rezas a noite toda com o pai e a mãe, ao amanhecer o rezador batiza a criança e junto com ela as plantas, alimentos e a sementes. É neste ritual que a criança recebe o nome.

Atualmente, há muitos problemas gerados pelo sistema, o que mais preocupa é o que chamam de aquecimento global. Ailton Krenak informa que surgiram várias instituições governamentais que dizem trabalhar para a diminuição desse impacto ambiental, no entanto ele tem criticado essas organizações e o conceito de desenvolvimento sustentável. A relação da comunidade indígena com a natureza é diferente, uma vez que para nós o lugar (*tekohá*) precisa estar em abundância de animais e vegetais para a prática da cultura envolvendo a prática medicinal, caça e pesca e principalmente a religião (*teko marangatu*), o Bem Viver. Uma das lideranças do Estado de Santa Catarina, coordenadora do movimento APIB (Articulação dos Povos indígenas do Brasil), Kerexu Yxapyry, afirma:

Nhanderekó para nós é um sistema de vida e para esse sistema de vida funcionar tem que estar tudo interligado. A gente tem o tekó, o eu, a minha vida, o meu corpo físico carregando a minha vida dentro do meu corpo. Esse corpo é uma casa, um templo da vida. E a gente tem tekohá, para nós o espaço, o ambiente onde vivem os corpos com vida. O nhanderekó é onde a vida está e é relacionado com todos: com o corpo, com o espaço, com a parte do ambiente. E nós conseguimos fazer circular essa vida, esse respiro, que eu consigo compartilhar com as plantas, com os animais, e com outros seres humanos. Então, isso para nós é o nhanderekó, é viver esse Bem Viver com todos, compartilhar isso com todos. (...) Se a gente precisa viver bem, a gente precisa viver esse Bem Viver, a gente precisa da terra, porque é ela que vai nos dar tudo isso. (YXAPYRY, 2021)"

As elites transformam a nossa sociedade em dois eixos, consumidores e suporte, inviabilizando o valor real que cada sociedade tem. Nós indígenas não tratamos como recurso a Terra, mas como ser orgânico que tem vida, no qual nos transformaremos assim que partimos para morar com o nosso ancestral no *Yvy Marane'y*. Portanto, a oralidade e o território aprofundam ainda mais os saberes tradicionais do meu povo. Trago então a importante narrativa do ancião Venceslau Rodrigues sobre a importância do *tekohá* para a prática do *teko*.

Estou tão feliz aqui, pois não falta muita coisa para mim, mas acredito que tem muitas coisas que ainda precisam melhorar para nós. Não tenho muito interesse em saber o que as autoridades vão fazer no futuro em relação a nosso tekohá, o importante é que estou muito feliz aqui, enquanto estiver vivo não quero ver nada de ruim, essa terra é nossa mesmo, não sei porque eles não quer devolver o que já é nosso. Não somos donos da terra, somos apenas seres terrestres, já estragaram a nossa terra e já ganharam muito, nós queremos não para estragar, queremos para as nossas crianças, para que o nosso modo de ser *nãnde reko* possa continuar. (Entrevista concedida ao autor no dia 07/02/2021)

Para nós, a terra é como corpo e a água, é como veias que precisam estar sempre limpas. A floresta precisa estar sempre abundante de animais para que os demais seres sobrenaturais, os guardiões, possam estar cuidando e orientando a nossa população e os demais irmãos indígenas. Assim como os pássaros pousam nas árvores, os espíritos se alegram ao ver o todo, uma teia de ligação onde não há topo; apenas mediação. Nesse nosso mundo onde somos parte de um só corpo, a terra, a nossa mãe, que um dia alimentaremos com a nossa chegada final de *oguata*, o fim da missão, que foi dada no batismo ainda nos braços da nossa mãe. E no futuro descerá o *parakau* papagaio, pousando nos sonhos dos rezadores, mostrando que mais espíritos estarão vindo no corpo do guarani que fará parte da nossa mãe terra e que terá nome próprio com a mediação do Nhãnderu, sempre com objetivo de cumprir a sua missão dada na infância, conforme o seu nome, estará defendendo sempre a nossa mãe terra. *Ka' aguy Hovy* Carlos Vilharva afirma como é importante ter o nome de batismo:

Meu nome de batismo é *Ka'aguy Hovy* (Mata Verde), isso e já me dá o poder porque o meu nome não vem dos não indígenas, por isso hoje vem muitas pessoas me procurar para conversar. (entrevista concedida ao autor no dia 20 de agosto de 2022)

Para os guaranis, o significado de território (*tekohá*) não é de uma área limitada de confinamento gerado pelo Estado, mas de um espaço ancestral, onde o recurso oferece uma estrutura para as práticas culturais dos povos tradicionais. Segundo Moreira:

Na nossa visão espiritual todo o espaço onde NHANDERU criou é nosso, é a riqueza do povo guarani. A TERRA É PARA NÓS CUIDAR, somos guardiões do universo, somos um povo em que NHANDERU confia, por isso deu toda a sabedoria e conhecimento de como cada elemento surgiu, a humanidade, plantas sagradas, pássaros, enfim, tudo.” (MOREIRA, 2015, p.13)

Agora passo a abordar especificamente a comunidade Guarani Ñandeva, que é a minha comunidade.² Para a nossa comunidade, o saber é sagrado, desde que as crianças estão na barriga da mãe ele já recebe a orientação dos *Ñanderu*. Para isso, o espaço precisa oferecer remédios tradicionais, para a prática e a valorização dos valores precisamos das florestas, assim os (*jaras*) deuses guardiões podem orientar os *Ñande ru* no seu desenvolvimento. Sem as matas, esses valores perdem a força, as crianças vivem aprofundando mais e apenas os valores da sociedade envolvente. Assim, atualmente a comunidade tem buscado o significado através da oralidade, buscando a orientação dos rezadores e a atuação das lideranças políticas que lutam

por melhorias. Um exemplo é a prática da educação escolar indígena diferenciada, que sensibiliza as crianças através de saberes ancestrais. A relevância de manter e buscar o bem coletivo são resultados dos rezadores que abriram o horizonte. A orientação dos rezadores é necessária para quaisquer atos que a pessoa for fazer em sua vida, vale ressaltar que a própria retomada é resultado disso. Conforme Chaparro:

Os Guarani Nhandeva educavam e continuam educando seus filhos de acordo com os conhecimentos que os rezadores recebem dos Nhanderüete e também da natureza que faz a ligação com o corpo, o espírito e a alma dos Guarani desde o antes do descobrimento do Brasil, e após a chegada dos europeus e durante muito tempo todos esses conhecimentos os rezadores e os sábios repassava em forma oral, e não era por escrita. (CHAPARRO in MARTINS, 2022, p.14)

Hoje em dia os espíritos da onça (*jaguarete*) estão naqueles que não gostam de nós *ava* (pessoa), mas estamos ciente que mesmo tentando matar a nossa sabedoria através da destruição das matas, negando que o nosso território não pertence a nós, lutaremos, porque nós somos a terra! Como no início dos tempos tentaram cozinhar *Kuarahy e Jasy* (o sol e a lua), sempre terá resistência, novos guerreiros e guerreiras com o mesmo espírito de luta contra as opressões e sempre haverá ajuda como o *parakau loro*, que ajudou os gêmeos. *Tatatiná jara*, o Deus do nevoeiro, cuida das florestas e dos animais. No tempo que isso ocorre, as crianças e a comunidade no geral não podem entrar na floresta e nem caçar sem pedir a sua licença. Só os *Ñande ru* podem se comunicar com ele, nesse tempo também as crianças precisam ter (*yvyra para'i*) artefatos feitos de cedro listrado, que podem ser feitos como pulseiras ou colares para que esse deus possa identificar e proteger esse indivíduo quando vai entrar na floresta. Sem o artefato, ele pode ser amaldiçoado (*mba'ejehu*).

Mas como essa cultura pode ser praticada atualmente, sendo que as florestas já estão deterioradas? Trazendo isso para o tempo presente, como nós podemos nos preparar para o mundo branco? Podemos perceber que essas ideias aparecem em relatórios do Aty Guassu, que abordam entre outras coisas a resistência e a relevância do *tekohá* para nossas práticas culturais:

A sociedade brasileira e os órgãos do Governo devem entender que nossa luta remonta há muitas décadas e nosso povo nunca irá abandoná-la, especialmente a luta pela demarcação de nossos tekohá, pelo atendimento de saúde e educação de qualidade! O povo indígena de Mato Grosso do Sul quer a paz e nunca a violência! Os Governos e a sociedade brasileira devem entender que a conquista de nossos direitos é garantia de nossa sobrevivência humana. Demarcar as terras de nosso povo não afetará a economia do estado e o que queremos é muito pouco perto daquilo que perdemos ao longo da história e de todo

mal que estamos sofrendo! Soluções existem para a garantia de nossos direitos básicos. O que falta é a vontade política, de sermos ouvidos e consultados pelo respeito a nossa autonomia! (Relatório Aty Guassu, 2009, p. 2)

Hoje, para nós indígenas, a universidade e outras instituições públicas têm abraçado a nossa luta. A nossa comunidade tem buscado também no modo de ser não indígena o significado das histórias, os espíritos dos pássaros podem também descer naqueles que hoje ajudam a nossa causa, principalmente no direcionamento do mundo não indígena, tentando fazer com que saiam do papel os direitos, como garantir a permanência de um acadêmico indígena que voltará mais forte para atuar e ajudar a sua comunidade. É importante estudar também para saber como funciona o Estado brasileiro. E se manter resistente, como um indígena guarani.

Teko (modo de ser) e *há* (lugar) é uma junção de palavras que significa que os guaranis só podem manter suas culturas se tiverem seus territórios tradicionais com suporte para atender a sua demanda, a sua visão própria de ver e viver no mundo. Para praticar a reza, é fundamental que tenha a casa de reza (*Oga pysy*), a escola dos guaranis. Oliveira, que estudou os parentes Mbya, diz que chama as atividades de reza Guarani em M'Biguaçu de *mborai*, que inclui canto, dança, instrumentos musicais e sessões de cura. Ao anoitecer, os guaranis se reúnem na *opy*: “Alguns se sentam em volta sobre os bancos dispostos ao redor do fogo, outros se dispõem sobre seus cobertores, tomam *kay* (Chimarrão) e impreterivelmente fumam seu *Petyngua* (*Cachimbo*). As *kyringue* (crianças) fazem o mesmo, sustentando o pequeno *Petyngua*” (OLIVEIRA 2005 p.79). Sobre a educação entre os Nandeva, atenta Chaparro:

Existem seis princípios dos rezadores Guarani Nhandeva para o ensino da educação das crianças para a valorização do meio ambiente e também para facilitar a sua língua materna para o ensino e a aprendizagens, e isto acontece pela oralidade, são estes os princípios: 1- *y* - quer dizer água 2- *yvy* - quer dizer terra ou superfície da terra. 3- *yvyra* - mato ou árvores. 4- *yvypora* - que somos espírito da terra. 5- *tymba* ou *mymba* - os animais da terra. 6- *yvytu* - vento ou ar que respiramos. O ensino sobre a água inicia-se com o rezador ou rezadora na vida do povo Guarani, pois no momento do batismo pingando com a mão a água benzida na cabeça da criança e explicando que a água que temos aqui na terra tem os Jaras, e para o batismo a água precisa do benzimento, e a água que bebemos da nascente têm o seu Jara, e não pode destruir, pois esse tipo de ação como Jara, traz grande consequências na pessoa que age de uma forma errada, e se não acontecer na pessoa, a família pode sofrer ou alcançar esse sofrimento e por isso cada pessoa que acompanha ou participa do momento de batismo aprende junto com a família os cuidados com água que temos ao nosso redor. (CHAPARRO in MARTINS, 2022 p, 14.)

Os sábios e os rezadores transmitem os valores que orientarão a sua comunidade, que estão totalmente relacionados com a natureza, as florestas, os animais e os remédios. A estratégia utilizada para transmitir valores acontece na rotina das crianças. Os valores que dependem da natureza ainda são praticados na oralidade, porém a sua prática física tem perdido a força na população, pois muito da comunidade tem seguido a religião cristã, principalmente a pentecostal, que atualmente está inserida em grande escala na comunidade. Sem saber, muitos deles praticam conforme o colonizador, inferiorizando o nosso modo de ser, gerando preconceitos dentro da reserva, impedindo que as crianças frequentem as casas de rezas e as danças. Novamente, o ancião Rodrigues compartilha sua importante memória. Atualmente, ele está com 83 anos e reside na retomada Yvy Katu, mas também tem a sua casa na reserva, porém a deixou para viver na retomada.

Quando cheguei aqui tinha 24 anos, aqui tinha muitas matas, árvores frutíferas, como jabuticaba e guavira, as crianças obedeciam a mãe e o pai, trabalhavam, praticavam mais o *Nande Reko*, agora tudo é novo, depois que a energia foi instalada trouxe muitas coisas ruins com ele. (entrevista concedida ao autor no dia 07/02/2021)

Podemos perceber que o passado está sempre presente na memória. O *Tekohá* é o território tradicional que atende a necessidade cultural dos guarani Ñandeva, é uma parte dessa memória que precisamos recuperar. Para os Ñandeva estar ligado ao passado é a única forma de recuperar o nosso jeito, a nossa organização diante da modernidade, que está levando tudo ao caos. Por isso entendo ser importante analisar narrativas de anciãos, lideranças políticas da comunidade para entender a relevância da retomada, *Tekohá Yvy Katu*, que compõe a Terra Sagrada, o Território Tradicional dos Guarani Ñandeva.

Para retomar *Yvy Katu* várias reuniões sobre a retomada foram feitas junto com a liderança política e os *yvyra ija*, que são os jovens guerreiros. A comunidade cada vez mais tem se envolvido nesta questão, esse processo resulta atualmente na participação de várias famílias, principalmente os mais velhos anciãos e anciãs que saem da reserva em busca de tranquilidade e paz na área de retomada. O *tekohá* é o espaço onde eles se sentem mais afastados do *teko vaí*, fator que determina o mal viver, as violências, as pressões da cultura dominante.

Como temos acompanhado o atual cenário da população tradicional do país, estamos lutando pela reivindicação de terras contra o projeto capitalista chamado de Marco Temporal, uma tese na qual a ideia é liberar a terra indígena para exploração, além de expulsar de seus

territórios tradicionais aqueles que não estavam neles quando a constituição de 1988 (artigos 231 e 232) foi aprovada. Milhares de vidas estão em jogo, mesmo com a decisão do STF contra o Marco Temporal, o congresso e o senado tentam estratégias anti-indígenas. A luta continua, mas infelizmente os assassinatos de indígenas também. Houve inclusive queima de casa de reza e pessoas, principalmente na nossa região do Estado do Mato Grosso do Sul, aumentando conflitos entre os indígenas e fazendeiros, como tem mostrado o documentário “A sombra de um Delírio Verde²³”.

A falta de espaço na atual reserva tem facilitado a exploração de trabalho, a violência interna, a opressão do pentecostalismo e tem afastado a comunidade da relação com as lideranças políticas e espirituais. Mesmo com a ampliação da área, muitas famílias não têm condição de manter a própria roça e vendem a sua mão de obra para outras pessoas, para os não indígenas principalmente, que também tem lavouras dentro da retomada. O papel do *ñanderu* e *ñandesy* (rezador e rezadeira) é muito importante nas decisões coletivas, eles que dão a palavra final quando se trata da retomada (*tekohárã*). Portanto, a conversa inicial com eles revelou preocupação com a nova geração.

Na nossa reserva há muitas pessoas, elas podem ser classificadas em três categorias sociais, declarados como: evangélicos (muitas vezes a doutrina religiosa não permite práticas rituais tradicionais); a família do rezador (que pratica o *jeroky*, a dança tradicional) e outros que não são evangélicos nem praticam o *jeroky*, no entanto, sabem da sua relevância quando se trata da luta pela área de retomada ou direito. Percebe-se que a liderança política, aquele ou aquela que se coloca a frente, quando vão tratar sobre a reivindicação, são pessoas muito relevantes para os Guarani e Kaiowá, pois possuem papel fundamental no direcionamento da sua comunidade, por outro lado são pessoas marcadas para morrer, por isso muitas vezes as lideranças políticas não querem se expor muito quando se trata da área de conflito. Os fazendeiros têm as estratégias de tirar a vida das lideranças para enfraquecer a luta, mas no início essa morte incentivou para que continuasse a luta pelas demandas da comunidade, a principal é retomar uma parte do território roubado pelo colonizador. Porém a luta continua hoje, pois a partir do roubo e destruição do *tekohá* que surgiu a luta coletiva para defender o

²³ Documentário que mostra a aliança entre os empresários e políticos para a monocultura de cana de açúcar e para produção de biocombustível na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, onde os Kaiowá e Guarani foram obrigados a deixarem o seu *tekohá* para viver na reserva, aumentando a desnutrição infantil e os assassinatos de lideranças, assim como a exploração da mão de obra indígena no corte de cana. Esses são os destaques do documentário de 2012, dirigido por An Baccaert, Cristiano Navarro e Nicola Mu.

tekohá, conhecido como *Tupã I* (pequeno deus). A morte de Marçal, uma grande liderança política, por exemplo, resultou no surgimento de uma grande assembleia, segundo Pimentel:

A grande mobilização inaugural do movimento que lançaria as bases para Aty Guassu aconteceu em 1985, na área conhecida como Pirakuá, justamente após a morte de Marçal, assassinado na vila Campestre, em Antônio João, em novembro de 1983. O crime ocorreu logo após Marçal denunciar publicamente que recebia pressão dos fazendeiros. (PIMENTEL, 2015 p.04)

Essa assembleia segue até os dias atuais, assim como outras surgiram mais recentemente (*Aty kuñangue*) Assembleia das mulheres, Encontro dos Caciques, Encontro dos Professores e Retomada Aty Jovens são alguns exemplos da importância do diálogo, onde são discutidos vários temas que interessam a nossa comunidade, reforçando nossa luta. No caso do Aty kunhangue, as mulheres trazem as suas pautas:

Assim, mesmo que questões como a demarcação das terras indígenas e a proteção dos territórios sejam demandas importantes, percebo como a reflexão sobre resistência de mulheres indígenas em contextos de enfrentamento às violências, não somente no âmbito privado, mas também as violências sofridas em ambientes públicos evidenciam que os corpos das mulheres são territórios violentados por homens (indígenas ou não) e pelo próprio Estado. (NICHNIG 2021,p.04)

A união entre lideranças políticas e anciãos é marcante, pois sem o rezador os encontros não teriam o resultado esperado, por isso sempre em qualquer reunião da comunidade se abre com *jehovasa*, a reza dos *ñande ru* ou *ñande sy*. Através deles que vem os deuses para ouvir a demanda da comunidade e orientam para tomar decisões.

Como informado anteriormente, realizei as entrevistas na língua guarani e as traduzi para utilizar neste trabalho. A pergunta elaborada de início foi feita para mim mesmo: como eu me sentiria com determinadas questões ao ser questionado sobre o *tekohá*? Conforme o diálogo ia acontecendo, novas questões apareciam, permitindo que os anciãos falassem com tranquilidade, deixando em aberto para eles abordarem o que sentem. Neste caso, mais objetivamente, uma questão a ser abordada é a seguinte: as demandas da comunidade, principalmente dos anciões, foram atendidas em relação à *tekohá*? Havia geralmente uma grande preocupação com a nova geração, segundo Honório Acosta, liderança que atuou no início do processo, mas atualmente está na reserva:

Os mais velhos pensaram nas crianças, pois aqui já não tinha mais jeito, mas nós não temos muito apoio, aí vem os não indígenas que tem o maquinário, conversam com o representante e começam a trabalhar em nome de parceria e hoje resulta nisso, toda a área leste da retomada está nas mãos dos não índios,

isso precisa ser visto em coletivo. (entrevista concedida ao autor no dia: 02/03/2023)

A relevância da oralidade tem ajudado a sociedade que não tinha voz na escrita da história a aparecer, para que possa se recontar essa história. Utilizar a oralidade para entender essa história requer muita atenção, pois para nós, Ñandeva, a fala é sagrada. Graças à oralidade hoje estamos aqui, pelos valores transmitidos, as “lendas” que para nós é história, os animais que para nós são irmãos, sendo que muitos são sagrados, assim como as plantas. A oralidade tem sido a principal fonte de transmissão de conhecimento, de resistir às opressões e vários tipos de violências estratégicas que foram impostas com o objetivo de deixarmos de ser quem somos. Narrativas pautadas na oralidade de povos tradicionais antes era considerada algo não desejado no campo da historiografia. Segundo Hampaté Bâ:

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários *status* sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição. E esse fato que levou durante muito tempo os historiadores, que vinham de sociedade letrada, acreditar erroneamente que as tradições eram um tipo de contos de fada, canção de ninar ou brincadeira de criança. (HAMPATÉ in ZERBO 2010, p.08)

Para a sociedade indígena, especificamente os Ñandeva, a não escrita tem trazido vantagens relacionadas à preservação sociocultural, nosso modo de ensinar, de manter uma memória que media os seus passos no processo de suas vidas. Talvez seja bom de ter sido assim, pois se não talvez a história seria outra, o desaparecimento como grupo ou a sua língua aconteceu com muitos povos. A forma como os Guaranis transmitem os seus valores é muito relevante, e está presente em várias formas da prática cultural, segundo o parente Moreira:

Quando cantamos e rezamos, estamos reverenciamos à NHANDERU, e seus guardiões, TUPÃ, NHAMANDU, JAKAIRA, KARAI, por tudo que ele nos ensinou para sobreviver, alegria, sentimentos, amor, tranquilidade, a sabedoria de falar somente a verdade e o necessário na vida, respeito aos outros, e repassar, praticar a tradição na oralidade é também a nossa regra da palavra escrita na oralidade, de hoje termos a linguagem falada pelos homens, mulheres, crianças, tcheramoi, tchedjaryi. (MOREIRA, 2015, p.13)

Para os Guaranis Ñandeva, a oralidade pode ser percebida como *Ne'ê*, a definição desta palavra é ampla, uma vez que está ligada à espiritualidade. Geralmente, a mãe sonha com o *Parakau* (papagaio), que tem o símbolo de espírito, por isso a pena desta ave sagrada está presente em quase todos os artefatos Guaranis Ñandeva, principalmente no *mbaraka* (chocalho)

e *akanguaa* (cocar) que os *Nanderu* ou *Nandesy* usam na cabeça. Após o nascimento da criança, vem o batismo (*Nemongarai*): esse processo exige do pai e da mãe o máximo, pois são eles que preparam tudo e nessa noite a mãe e o pai não podem dormir, precisam estar junto aos anciãos, rezador ou rezadora, fazendo *jeroky*, a reza para que os Deuses possam estar descendo para fazer a orientação e enfim dar nome as crianças, definindo como vai ser o seu comportamento no decorrer da vida. Os pais são orientados como devem educar o seu filho nesse evento que ocorre anualmente, quando tem bastante crianças. Junto com o batismo vem a comida do plantio novo, nesses dias a casa de reza recebe toda a família para celebrar, dividindo toda a comida como sinal de novo tempo abençoado pelo *Nanderu*. Portanto, a oralidade não é somente a fala para a nossa comunidade, ela está relacionada com o espaço, com os rituais tradicionais, no *tekohá*. Por isso, os guaranis lutam pela sua terra em busca de uma vida conforme a sua cultura, por isso precisam urgentemente de suas terras, assim como as terras precisam de nós guaranis para que possamos seguir transmitindo nossos valores para a nossa geração e para aqueles que queiram transformar o mundo num lugar melhor. O nosso *tekohá*, portanto, é o alicerce, assim como a língua que depende do território, dos nomes que estão ali, de cada remédio da floresta.

Através do estudo pude perceber que não somente os povos indígenas estão em jogo, mas sim toda a humanidade precisa de um modelo novo ou reinventar o modelo de agir para que ainda possamos viver em harmonia com a natureza, não separando a humanidade e a natureza. Precisamos valorizar os saberes que respeitem a diversidade, temos muitos a aprender com as demais sociedades, pois este modelo tem nos levado para a extinção, se eu não for muito radical. Oralidade, além de comunicação, serve aqui para aprofundar a minha pesquisa valorizando o saber indígena. Mesmo sabendo que os direitos conquistados são violados nos manteremos firmes, pois sabemos que sempre tem aquele que vai nos defender, assim como a jornada do sol e da lua. Não foi fácil, sabemos que a nossa luta não será fácil. Nós não desistiremos, mas sim resistiremos e dialogaremos para que possamos lutar, manter a nossa comunidade utilizando nosso *arandu ka'aguy*, a sabedoria tradicional em defesa do *tekohá* (território) e do *ñande reko* (nosso modo de ser guarani).

CAPÍTULO 3

“Não podemos deixar o nosso modo de ser para trás, mas para isso precisamos do *yvy katu*”: a retomada das terras Guarani Ñandeva através da memória dos anciãos

Figura 2 Imagem retirada da rede social



Figura 3 Imagem retirada da rede social

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=804896386193254&set=a.304359942913570>

Neste capítulo, o foco está em escrever uma historiografia da retomada do território sagrado neste município, consequência da relação forçada da comunidade com o Estado e da

delimitação territorial. No caso dos povos Guarani e Kaiowá do Mato Grosso do Sul, houve a criação de oitos reservas pelo Estado. Por isso foi necessário (na dissertação) compreender a origem da reserva que impactou negativamente a população indígena Guarani e Kaiowá, e a importância da *tekohá* para nós guaranis. É um processo que está interligado: a partir do confinamento surge a necessidade de retomar, uma necessidade que abriu a porta para outra. Como me disse o ancião Rodrigues, “atualmente está mudando muitas coisas, e não podemos deixar o nosso modo de ser para trás, mas para isso precisamos do *yvy katu*”. A espera tem sido algo questionável, pois o estado tem dado a prioridade ao agronegócio e isso tem trazido consequências graves para o povo Guarani, segundo o relatório da Grande Assembleia Guarani:

Passaram-se dezoito anos e a maior parte das terras não foi regularizada e pelo menos cinco das lideranças que assinaram o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) já morreram. Essa omissão do governo é a razão do quadro extremo de violência e genocídio em que passa os kaiowá e Guarani. Situação que gera muita indignação e revolta em todos nós. Nossas lideranças continuam sendo perseguidas, criminalizadas e assassinadas. Toda essa situação causa danos físicos e psicológicos nas pessoas levando em muitos casos a dependência química e ao suicídio. Não resta às nossas comunidades outro caminho a não ser a retomada das terras tradicionais. (Relatório Aty Guasu 2017, p. 1-2)

A retomada pela Terra Sagrada Ñandeva deu início em 17 de dezembro de 2003, mas a sua preparação começou bem antes com várias reuniões e rezas intensas na casa de reza pedindo a proteção dos *ñanderuvussu*, para que nada acontecesse com os guerreiros(as). Depois de meses de rezas e diálogo, abriram-se os caminhos para voltar para a Terra Sagrada, pois já não se podia mais viver em uma área tão minúscula, onde a violência e o suicídio era frequente. Foi nessa data que a comunidade se dividiu em grupos para bloquear as estradas que davam acesso à reserva Iguatemi e à retomada, como mais adiante contou o ancião Cheryvy'i. Nosso pai, com sua sabedoria, abriu o caminho para voltar a morar nas terras dos antepassados: lutas e desafios que muitas vezes foram pagos com a vida de *kacikes* e jovens da comunidade em conflito. A situação mais recente envolveu o *Guapo'y*, no município de Amambaí, onde um jovem foi morto pela Polícia Militar durante a tentativa de remoção dos seus territórios, segundo Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

A História do Tempo Presente tem mostrado o caminho para esse diálogo que será de suma relevância para a minha comunidade e para os demais que queiram conhecer, aprender e sensibilizar a história indígena Guarani Ñandeva a partir das suas próprias narrativas. Além disso, as ferramentas e as reflexões metodológicas envolvidas na investigação dizem respeito à ética que o historiador impõe em seu trabalho, o que diz respeito a estabelecer limites e possibilidades do tratamento com as fontes. A ética ainda compreende as formas de contar ou

de representar essas narrativas. Segundo o francês Ricoeur , isso diz respeito, em linhas gerais, à perspectiva ética a partir da qual pretendo trabalhar para que possa representar a história da minha comunidade de maneira digna.

A comunidade estudada neste trabalho está há duas décadas em conflito, está em processo de homologação, mas o Estado se mostra incapaz de resolver a demanda dos verdadeiros donos desta terra. Se bem que, para nós, não somos donos, mas sim partes da terra. Beatriz Landa descreve o objetivo da reocupação, do Yvy Katu:

A conclusão a que certamente se chegaria, de que seria necessária uma ampliação urgente da área, pois cada vez menos os índios na TI Porto Lindo/Jakarey estavam conseguindo manter o seu teko, pois o seu tekohá estava cada vez mais comprometido em termos de espaço, a comunidade fez a sua conclusão. Do seu jeito, do seu modo, e nos ensinando que reivindicam acertadamente quando começam a sentir-se ameaçados demais nos seus aspectos sociais, religiosos, econômicos e culturais. (LANDA 2005 p. 294)

A retomada é fundamental para que as práticas culturais possam ser fortalecidas. Antigamente, na economia, a comunidade indígena plantava para o consumo. Mas após a chegada dos brancos a minha comunidade também tem plantado para comercializar, as principais plantas para o comércio são a rama e o milho, que são mais fácil para a venda, mas também plantas diversas e frutíferas como: banana, abacaxi, feijão, feijão de corda, abóbora, batata, melancia, etc. Nós, Guarani Ñandeva, mesmo com tanta opressão cultural praticamos o bem viver, portanto precisamos de terras para viver e deixar as áreas se recuperarem mantendo o jeito de ser guarani, como na plantação de sementes e praticando o *Koivara*²⁴, sem utilização de produtos agrotóxicos, recuperando as áreas que antes eram pasto nas retomadas como a do Yvy Katu. A prática desse tipo de agricultura na reserva, confinamento histórico, é muito difícil realizar, sendo que na reserva hoje há mais colônia, espécie de capim virando praga que dificulta a prática do *sarakua*, além do carrapicho que estão presentes na maioria das roças. Não tem mais espaço ou terra adequada, pois as famílias são obrigadas a plantar na mesma roça todo ano, não deixando o solo se recuperar.

Com a retomada, surgiu a esperança de voltar a praticar esse tipo de agricultura, mas também há plantio para comercializar, inclusive em parceria com os não indígenas. A partir da minha observação houve aumento de parceria entre indígenas e brancos, essa aliança é possível perceber através da observação das plantações de rama em grande escala na retomada. Fator importante que devemos destacar é a recuperação do ambiente, onde antes era pasto, hoje já se

²⁴ *Koivara*: técnica onde é utilizado um pedaço de madeira para furar a terra, onde são colocadas as sementes.

pode notar que alguma espécie de árvore na beira dos rios, principalmente, as florestas estão se recuperando. Além disso, as pessoas têm entrado nas matas à procura de remédio e para retirar madeira para sua casa, portanto, com a retomada a comunidade tem utilizado os materiais, colaborando com a humanidade no geral em busca de soluções para o meio ambiente, utilizando os recursos disponíveis, sem esgotar. Mas atualmente a retomada tem experimentado também a monocultura em certa área, principalmente na região leste que é chamada de *Narangaty* (laranjeiras), o que inclusive gerou tensão entre as lideranças por causa da “parceria” entre lideranças e não indígenas.

Apresento um dos entrevistados citados nesse trabalho, um rezador e liderança política chamada *Ñanderu Tupã Tenondegua* (pai guardião), que tem como nome não-indígena Salvador Ramires. Ele tem 50 anos de idade e atua ativamente como liderança política, foi vice kacique recentemente e um dos pioneiros que buscou fortalecimento para a retomada de parte de nossas terras no ano de 2003. A motivação da entrevista, primeiramente, foi que ele faz parte da família²⁵ (vizinho e pai da minha parceira, portanto é considerado sogro) e já havia dialogado com ele na intenção de registrar narrativas indígenas sobre a história da comunidade. Segundo essa liderança, a preocupação com a retomada aconteceu a partir da superlotação na reserva. Sem espaço para a roça e criação de animais, as pessoas já não sabiam onde fazer a casa, ocorrendo desentendimentos com vizinhos, não só da comunidade mas também gerando conflitos entre as lideranças pela disputa da capitania e preconceito religioso principalmente dos pastores com rezadores da religião cristã.

É de suma relevância abordar que, após essa retomada, abriu-se caminho para o fortalecimento de *ñanderu* e *ñandesy* exercendo o seu papel na retomada, as rezas, os *guachires* e *pejú*²⁶ ou *oipeju*, principalmente para as famílias que saíram da reserva para fazer a sua casa de reza na retomada, onde disponibiliza o seu atendimento para a comunidade enquanto para a liderança antes existiam muitos conflitos em disputas políticas internas dentro da reserva. Com a retomada, as lideranças buscaram seu espaço na retomada Yvy Katu. Hoje há quatorze *tekohás* na retomada, e cada um tem o seu representante, mas muitos deles vieram de outras reservas. Segundo Kunã Takuapu Lucia Rocha:

Hoje a maioria que estavam lá no início já não estão mais aqui e você sabe meu filho, porque você estava lá alguns já nos deixaram e outros retornaram aqui como nós, enquanto isso as pessoas que ficaram lá, se organizaram lá e a vez

²⁵ Família: Vizinho e pai da minha parceira, portanto é considerado como sogro.

²⁶ Pejú: sugar, geralmente o rezador(a) faz isso para retirar a doença do paciente, cura espiritual.

de vocês agora, nós já fizemos a nossa parte e já estamos ficando velha, as pessoas precisam entrar lá e fazer sua roça, no início não tinham água encanada e nem energia lá, mas eles ficaram, por isso devemos respeitar porque eles passaram fome sede e medo como a gente no início. (Entrevista concedida ao autor no dia 20 de fevereiro de 2023.)

É fundamental pensar sobre a origem do movimento indígena que surgiu antes da criação da Constituição de 1988, colaborando com a elaboração do artigo 231, que garante direitos indígenas. Entre os guaranis, na importante assembleia que existe até hoje, o *Aty Guasu*, ou Grande Assembleia Guarani Kaiowá, os principais interesses coletivos da comunidade são debatidos. Segundo o parente e doutor em Antropologia Social Tonico Benites.

Diante desta situação fundiária complicada e conflituosa, que se originaram, desde o final da década de 1970, as primeiras iniciativas de articulação e luta de várias lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus antigos territórios. As narrações de várias lideranças religiosas e políticas evidenciam que as realizações dos grandes rituais religiosos (jeroky guasu) e das grandes assembleias intercomunitárias (aty guasu) foram, e ainda são fundamentais para os líderes políticos e religiosos se envolverem nos processos de reocupação de seus territórios tradicionais específicos. (BENITES, 2012, p.168)

No início, era sobre o *kokue*²⁷, mas atualmente tem sido principalmente uma denúncia do genocídio e organização da luta pela homologação do território tradicional, portanto, abordaremos sobre a relação do Estado com a comunidade indígena Guarani Ñandeva, a sua resistência diante da tese do Marco Temporal que tem ameaçado os povos indígenas no Brasil, relacionando como historicamente o território foi tomado para liberação para exploração. Portanto, dialogar sobre as origens dos movimentos indígenas e a resistência diante do sistema capitalista é fundamental para continuar manter a nossa visão própria de ver o mundo, o saber indígena necessita do *tekohá* para que possa sobreviver.

Qual é o papel dos rezadores em uma área de conflito? A relação com os seres espirituais foi importante para impedir a desocupação dessa área na primeira tentativa de despejo realizada pelos fazendeiros da região, ocorrida no dia 18 de dezembro de 2003. A violência sofrida que muitas vezes foi negada pelos fazendeiros, foi filmada pelo repórter que estava no local, são imagens pesadas que mostram o quase confronto entre a população e fazendeiro, o papel dos *Nhānderu* (nosso pai) e *Nhandesy* (nossa mãe) que realizaram a reza

²⁷ *Kokue*: roças onde são plantadas produtos para o consumo como milho, abóbora, melancia, abacaxi, banana, mamão, rama, amendoim, feijão, etc.

chamando a tempestade que fez com que os fazendeiros fossem embora. A retomada da área tradicional trouxe alívio muito grande para a comunidade. Segundo Beatriz Landa.

Enquanto o presente estudo estava sendo conduzido, e que cada vez se chegava a conclusão que mesmo que estivessem conseguindo manter de forma muito sistemática o uso tradicional do espaço, que estava assentada sobre os três pilares formados pela casa, roça e mata perpassada por uma organização social baseada na família extensa, apesar de todas às pressões internas (aumento demográfico, diminuição da terra disponível para cada família extensa e a conseqüente proximidade física entre as diferentes famílias, questões da política interna do local) e externas (projetos vindos de fora que modificavam em vários aspectos as antigas formas de produção, interferências políticas partidárias entre outros), este cada vez estava se tornando inviável e palco de muitos conflitos internos, houve o movimento pela retomada do tekohá Yvy katu (Foto 89), que mobilizou toda a região no período de 18 de dezembro de 2003 até 20 de fevereiro de 2004 (relação das notícias no anexo), quando foi assinado um acordo entre os Nandeva/Guarani e fazendeiros, enquanto corre na justiça federal o processo de reconhecimento para demarcação definitiva deste espaço como pertencente aos Nandeva/Guarani. (LANDA, 2005 p.294)



Foto 91. Arcos, flechas e yvyra para que foram portados durante o conflito. (Foto Diário MS, 12/01/04)

Figura 4 Imagem retirada de Beatriz dos Santos Landa, p. 316, 2005.

Yan Chaparro, outro pesquisador que dedicou o seu trabalho sobre a nossa comunidade, aborda a sua participação em uma das assembleias que ocorreu na retomada Yvy Katu em outubro de 2009, diante da forte chuva que atrasou o início dessa reunião. A grande assembleia, o nosso Aty Guasu, é muito importante. Nesse dia, o temporal afetou a região mas mesmo assim as rezas e os *guachires*²⁸ reuniram jovens, adultos e anciãos de várias comunidades do estado. Na reunião, é debatida a questão organizacional, como a educação, a saúde e a terra são o principal alicerce para a vida. As pessoas que vêm de outra aldeia já sabem como é a luta, pois nesses encontros eles não vêm a passeio mas sim na luta pela melhoria e para levar ideias para a sua comunidade, pois aprendem com os rezadores os valores do seu povo e a respeitar a dos outros. Portanto, somar juntos pela mesma causa do *Tekohá*.

Nas assembleias, é sempre debatido como se pode avançar para alcançar de fato direitos, pois mesmo com a Constituição de 1988 muitas lideranças políticas e moradores são perseguidos e assassinados, como no caso de Estela Vera no ano passado, rezadora que residia no *Tekohá Pykasu*, uma microrregião da retomada Yvy Katu:

O assassinato da indígena Estela Vera Guarani, de 67 anos, é um acontecimento estarrecedor. É o quinto homicídio de indígenas Kaiowá e Guarani em áreas de conflito em Mato Grosso do Sul, somente em 2022. E isso parece estar longe de acabar. Rezadora tradicional e liderança em sua aldeia, Estela foi morta a tiros no dia 15 de dezembro. Estava em casa com seu filho quando, às 15h, dois homens encapuzados e armados entraram e os atacaram. Tentaram fugir, mas Estela foi atingida pelos disparos. (CIMI pg. 1, 2022)

Nessa reunião de 2009, apesar da precária estrutura, muitos foram para participar embaixo de chuva, pois a demanda pela nossa causa é maior, e a comunidade sabe da importância da assembleia em uma área de retomada. É uma forma de fortalecimento das lutas pelo território fazendeiros. A luta pela retomada apareceu bastante nos relatos de pessoas da comunidade, houve muita concentração de anciãos de outras regiões do estado pedindo para que a paz possa prevalecer na retomada e na reserva. Segundo uma das lideranças políticas que participou desde o início, e que hoje está com 68 anos, Honorário Acosta (nome indígena Che Ryvy'i, que significa meu irmão menor):

Essa terra hoje é importante para todos, mas no início nós que passamos fome, frios e sede e risco de ser morto, não dormíamos, vivemos semanas assim bloqueando primeiro a estrada em três entradas, exigindo que os fazendeiros saíssem da nossa terra, mas eles não queriam. Sendo assim fomos obrigado a

²⁸ Guachire são rodas formadas onde são cantados vários sentimentos, inclusive de luta.

entrar para falar que nós estamos de volta para ocupar a nossa terra sagrada.
(Entrevista concedida ao autor no dia 20/02/2023)

Uma bibliografia fundamental sobre o tema foi escrita pelo parente Tônico Benites Kaiowá, ele morava na aldeia Jaguapire, município de Tacuru. Como dito anteriormente, sou guarani Ñandeva e ele guarani Kaiowá, como a maioria da sua comunidade que é do mesmo povo mas de diferente grupo. Sua tese intitulada “*Rojeroky hina ha roike jevy tekohápe* (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowá e dos Ava Guarani pela recuperação de seus *tekohá*”, aborda sobre a história de uma das primeiras retomadas no Mato Grosso do Sul, *Jagua Pire*, no município de Tacuru. Há muita semelhança quando se trata das violentas expulsões que marcam a história dos povos Guarani e Kaiowá, e de sua luta pelo território tradicional. A resistência é fundamental, pois o modo pelo qual se busca o território, principalmente comparando com os não indígenas, é extremamente diferente. Não se trata de compra e venda de um lote para se tornar propriedade privada. O Aty Guassu, portanto, não é só o encontro de várias lideranças e de moradores Guarani Kaiowá e Ñandeva do Mato Grosso do Sul, mas onde as vivências e os saberes são compartilhados. Nesses encontros também são oferecidas orientação espiritual e cura de doenças físicas e psicológicas. A nossa comunidade tem buscado isso também na retomada, pois nas regiões onde ainda é possível encontrar floresta, os mais velhos buscam remédios e recursos para a construção de casas. Para orientação espiritual, quando há doenças, procuramos rezadores na retomada, pois ali eles tem a sua casa de reza e atendem a comunidade.

Uma diferença importante, em relação à pesquisa de Benites, é o recorte temporal. A nossa retomada Yvy Katu é mais recente, ocorreu em 2003. Os protagonistas que atuaram nesta história ainda estão presentes no território, portanto a sua visão, a narrativa ainda está viva na memória. A tentativa de despejo organizada pelos próprios fazendeiros que repercutiu nas mídias não deu certo, pois os *Ñanderu* não deixaram. A relevância de ouvir os anciãos antes de ir à luta (e para realizar esta pesquisa) é um passo que será abordado no trabalho, pois a mobilização da comunidade a partir deles(as) tem marcado essa luta. Honório Acosta me relatou que os *Nhanderu* são essenciais, pois são eles que orientam a caminhada nessa luta, neste caso do Yvy Katu:

A reunião aconteceu na casa de reza do rezador Angelo, mas estava lá Delosanto Centurião, Carlos Souza e seu Irmão Hinacio Souza e Paulino Souza, são eles que falaram pra gente como deve fazer para iniciar. No meu caso fiquei de organizar aqui da minha região e Bentinho a região de guassory na sua ponte e missão e posto com a

saída para Iguatemi. (Honório Acosta, entrevista concedida ao autor no dia 20/02/2023)

Historicamente, os anciãos e membros da comunidade foram inseridos em várias reservas, e sentiram a necessidade de voltar a retomar a terra ancestral. A terra é onde viveram os seus antepassados, onde se vive o modo de ser guarani. No nosso caso, o Yvy Katu, que segundo Eliezer Martins:

Desde 2003, dezoito de dezembro, os Guarani Ñandeva resolveram retomar Yvy Katu, estão acampadas mais de oitenta famílias lá. O novo tekohá de Porto Lindo somaria mais ou menos 9.600ha se a área de Yvy Katu fosse totalmente retomada. YvyKatu foi um antigo tekohá Guarani Kaiowá ocupado pelos exploradores da erva mate. (MARTINS, 2018, p. 53)

Na política Nhandeva seguimos a partir da visão dos sábios, são eles que decidem a partir da mediação com o *Nhãnderuete*²⁹, nosso pai maior. Atualmente, é importante informar que a comunidade possui dois grupos religiosos, as famílias tradicionais que estão mais no fundo da reserva e também na retomada, tentando preservar a sua casa de reza ao lado da casa ou mesmo onde dá para ver o *tataendy'i* (altar). Esses anciãos são procurados muitas vezes para pedir remédio, orientação e cura espiritual, praticam a dança e a reza, entre outros aspectos da cultura, principalmente para o batismo e eventos escolares.

As famílias evangélicas são aquelas famílias que estão mais próximas da estrada, construindo sua própria igreja. As igrejas surgem quando há desentendimentos por partes dos pastores, ou quando alguns membros não aceitam as regras da igreja que estão frequentando, sendo assim formam a sua própria igreja, procurando pastor de fora da aldeia. Por isso hoje tem muitas igrejas dentro da reserva. Mas nem todos conseguem ficar dentro da religião neopentecostal, muitas vezes o próprio pastor deixa a sua igreja e volta ao mundo, que na linguagem dos crentes significa não obedecer mais a regra da igreja. Também há aqueles que convertem e ensinam os fiéis, mas muitas vezes saem da sua igreja (se desviam), e às vezes voltam. Há também as famílias que ficam no meio, ou seja, que não praticam a reza e nem frequentam as igrejas ocidentais.

No entanto, quando se fala da mobilização geral, percebe-se que os espíritos indígenas, o ñande reko sempre se torna mais forte e a reza se torna o mais relevante, como na recente manifestação que a comunidade tem ido em peso contra o PL 490. Nessa visão, a conversão

²⁹ Nhãnderuete, refere-se ao pai do sol e da lua.

do indivíduo não impede de participar quando se trata da luta pelo território e demais direitos que ameaçam o coletivo. Essa questão abre o texto do parente sobre a história da retomada *Jagua Pire*, além disso nos convida a conhecer porque uma família não consegue viver dentro da reserva, precisa de seu próprio espaço para viver de acordo com as suas regras, o seu *teko*, o modo de ser. Segundo Tonico Benites,

Naquele contexto histórico, na casa grande (oy ngusu) do líder político e espiritual Moreno, os integrantes de duas grandes famílias, em conjunto, passaram a organizar o jeroxy (um grande ritual religioso). É da realização frequente desse ritual que surgiu a deliberação definitiva de que não se deveria abandonar o tekohá Jaguapire, devendo permanecer ali reunidos. Mais importante foi que no seio do jeroxy somou-se bastante coragem e a força determinante de lutar pela continuidade da posse do tekohá. Dessa forma, a decisão irrenunciável procedente do ñande ru Vusu (nosso grande avô) dos patamares celestes (yváy), através dos líderes espirituais kaiowa foi para não entregar os lugares de nossos ancestrais ao fazendeiros. (BENITES, 2014, p.84)

Discute-se assim o conceito de re-organização, tentar viver, se organizar em um espaço que não atende a demanda espiritual e cultural guarani, porque foram tirados de seus *tekohás*. Portanto, a reocupação, o processo da retomada são fundamentais, enfim, é constante o desafio das lutas dos indígenas, no geral, e do povo Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul.

Toda a sociedade tradicional sofreu com a chegada dos colonizadores europeus e sofre com a continuidade das explorações, seja na América na Ásia e na África, porém junto a ela vem a resistência, o meio no qual essa sociedade busca a sua adaptação na contemporaneidade. Sabendo o que foi feito em nome da "civilização", que custou muitas vidas e ainda custa, a comunidade indígena Guarani tem resistido desde o início do seu contato com os europeus. “O evento histórico mais importante é a guerra Guaranítica (1753-1756) ocorrida no sul do atual Brasil. Foi um marco da resistência guarani”, segundo o historiador Neumann. Os Guarani são conhecidos como um povo que resiste à opressão desde o início, tentando defender a sua organização tradicional, a sua composição por núcleo familiar. É importante compreender que em uma casa grande moravam mais de trinta pessoas, e ali habitava um *kacike* ou *Ñanderu*, como comandantes. O *Tekohá* era grande, território no qual a família saía para caçar, pescar e plantar, sempre em coletivo.

É importante destacar que os kaiowa e guarani são agricultores e profundos conhecedores dos ciclos da terra, dos melhores solos e da variedade de mandioca, feijão, abóbora ou milho. Nesse sentido, merece especial destaque o milho que tem importância vital para os guaranis e os kaiowa. O milho na

cosmologia dessas populações é tão expressivo que já foi considerado por Schaden (1974) como a “sociedade do milho”. (COLMAN, 2008, p.162)

Porém, essa organização milenar foi sendo interrompida com a chegada dos colonizadores que, apoiados pelo governo, deram início à exploração da erva mate. Nesse processo foi explorada a mão de obra indígena, o que atualmente é pouco pesquisado levando em conta as narrativas indígenas. Porém, há registros que abordam a presença dos colonizadores no início da ocupação desta área:

A história da economia da erva mate, portanto, constitui-se em um elemento de grande importância para compreender a consolidação do processo de colonização europeia e euroamericana na região platina colonial. Torna-se ainda relevante para entender o processo ligado à posse e incorporação do antigo sul de Mato Grosso ao território nacional do Brasil. (OLIVEIRA in ESSELIN, 2015, p.280)

A consequência deste ato marcou muito a sociedade Guarani do Mato Grosso do Sul, pois resultou em confinamento nas reservas, como já abordado, o que facilitou para que a mão de obra fosse explorada. Podemos destacar nessa organização a escolha dos não indígenas como porta-vozes da comunidade, o Capitão, nome que vem da polícia ou do exército, que é aquele que tem que obedecer ao seu superior. Conforme as narrativas, antigamente os caciques tinham esse papel, mas eles nunca precisaram mandar, pois tinham o papel de curar e ensinar através dos cantos das rezas e práticas culturais. Após ser nomeado capitão, já no confinamento, os rezadores tinham o papel de batismo (*ñemongarai*) para que o escolhido pudesse levar esse trabalho em frente. Por isso, no caso do último capitão que foi batizado, o seu mandato durou mais de trinta anos. Chamava-se Carlos Vilharva.

Precisamos entender o que motivou a retomada e o que representou a ação que, por muitas vezes, é contada de forma equivocada ou simplesmente não aparecendo na historiografia. A palavra mais usada pela mídia quando se trata da retomada é invasão de terra ou invasão de fazenda. Essa visão equivocada aumenta o preconceito sobre a população indígena de forma geral, as pessoas sabem sobre a comunidade através da mídia que está ao lado dos mais fortes quando se trata de capital. Portanto, aqui o foco é a memória dos anciões da retomada, que está relacionada ao processo histórico da criação imposta da Reserva Indígena. Para a comunidade Guarani e Kaiowá do estado de Mato Grosso do Sul, a retomada significa voltar ao *tekohá* ou parte do território tradicional. Esse território, segundo os estudiosos Meliá e Grumberg, seria

ao norte, até os rios Apa e Dourados e, ao Sul, até a serra de maracaju e os afluentes rio Jejuí. Sua extensão Este-Oeste atinge uns cem quilômetros, em ambos os lados da serra do Amambaí. Daria uma área de aproximadamente 40 mil km² divididos ao meio pela fronteira entre o Brasil e o Paraguai (Apud Rosa e Brand, 2008, p.154)

Depois de muitos sofrimentos e direitos violados, a comunidade tem retornado aos poucos áreas que foram retiradas. Atualmente, os guaranis têm ocupado países da América do Sul: Veja o mapa publicado no Caderno Guarani Retã, que mostra povos Guarani na fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, porém sabemos que estão além dessas fronteiras construídas, ocupando por exemplo também o litoral (imagem menor).

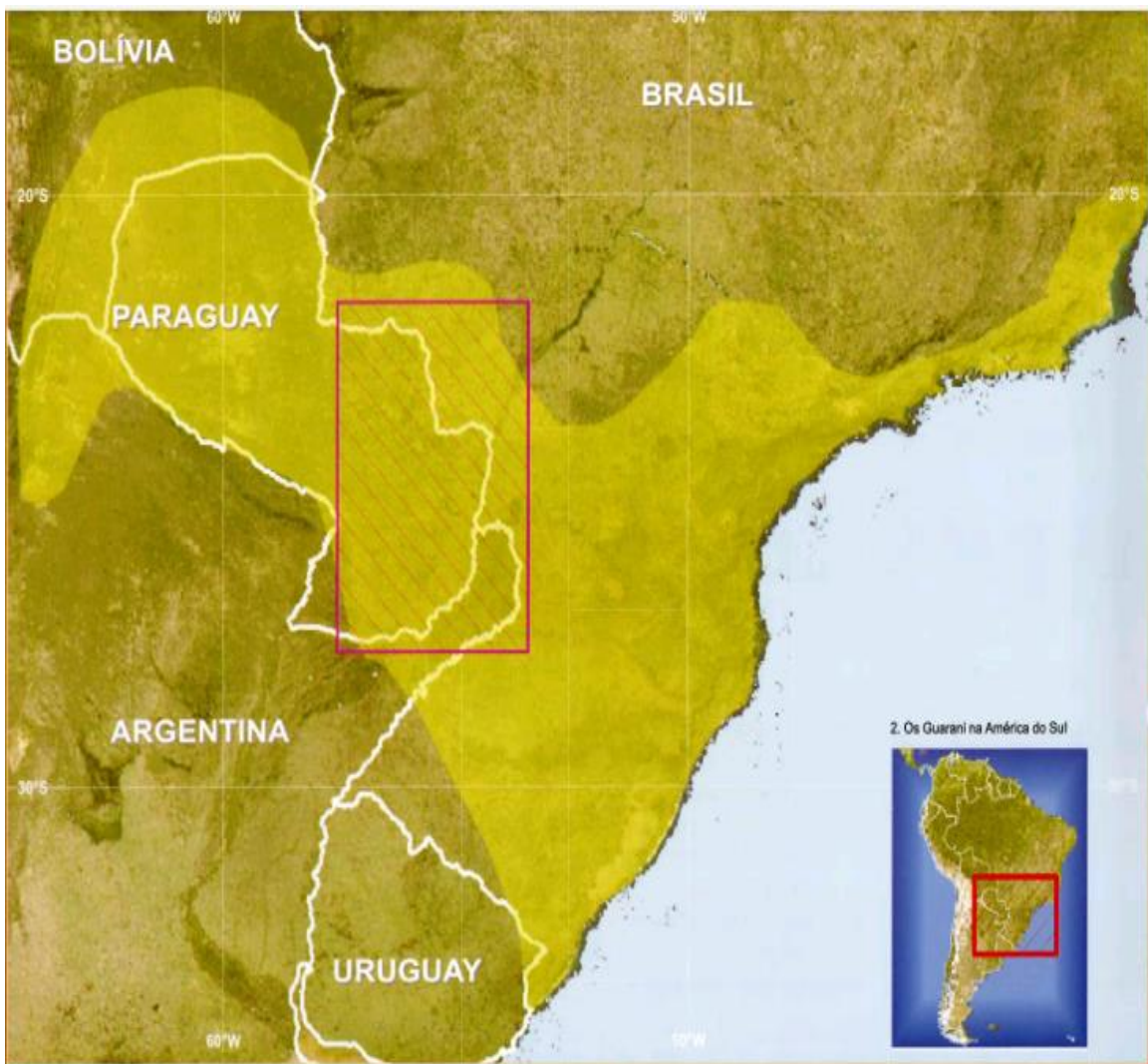


Figura 5 Imagem retirada do livro guarani retã 2008

Os três países abordados são Brasil, Paraguai e Argentina. Porém, ainda são encontrados guaranis na Bolívia. Segundo Colman, o número da população nesta área, do povo

em geral, é de 94.657, isso no ano de 2005 (Caderno Guarani Retã). Focando especificamente no Estado de Mato Grosso do Sul, o total de área indígena é de 829.230,05 hectares e o total da população indígena é de 61.737. A seguir, apresenta-se uma representação cartográfica das terras indígenas no Mato Grosso do Sul, no ano de 2018.

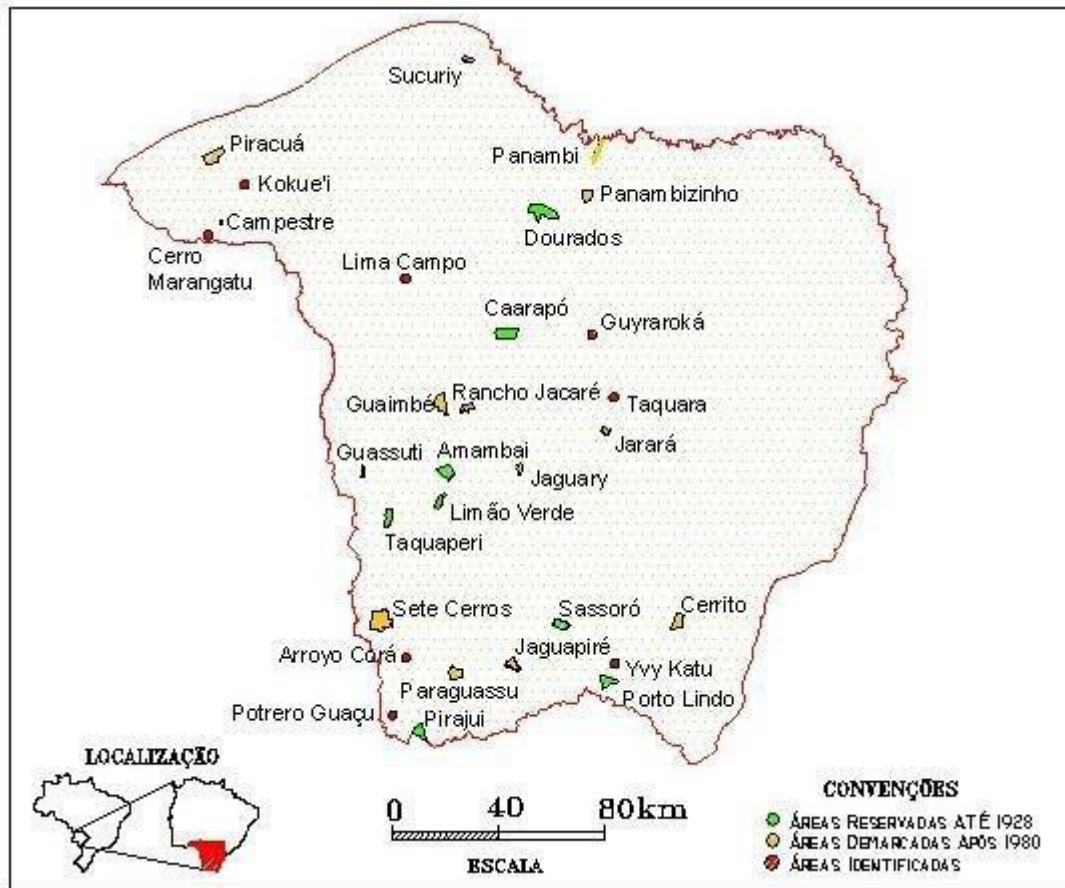


Figura 6 Representação cartográfica das terras indígenas no Mato Grosso do Sul, no ano de 2018.

fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-Mapa-de-localizacao-das-terras-indigenas-em-MS_fig1_329710967

Conforme o mapa acima, são apresentadas trinta áreas de comunidades indígenas Guarani e Kaiowá. As áreas verdes são as reservas indígenas criadas de 1915-1928, são oito reservas onde foram inseridas as famílias que viviam em seus *tekohás*. As áreas amarelas são as que foram demarcadas após 1980, e as áreas vermelhas são as atualmente identificadas mas ainda não estão homologadas, como o caso da nossa terra sagrada. Foca-se agora na retomada *Yvy Katu*, que envolve a área representada na imagem a seguir. Ao Sul, aparece a Reserva criada pelo SPI e ao Norte a área de retomada. Abordaremos, no momento, a respeito do número de famílias e populações nessas duas áreas. Vivem hoje, segundo a Fundação Nacional

Desde que eu me lembro aqui na atual reserva havia somente 29 vinte e nove moradores, mas com o passar do tempo a população aumentou e atualmente isso se tornou preocupante, os *ñande ru* abriram os caminhos das lideranças políticas e tradicionais para que possam se unir e retomar as terras para haver mudanças e avanços, por isso agradeço a todos as lideranças que se empenharam nesta luta que não foi fácil. (entrevista concedida ao autor no dia 20/02/2022)

Portanto, a preocupação se dá a partir do chamado *sarambi* ou também chamado “esparramo” (BRAND, 2008). É importante notar que o conceito “é utilizado pelos indígenas para explicar o processo de dispersão das aldeias e famílias extensas no momento em que ocorreu a implantação das fazendas de gado e correspondente perda da terra” (Caderno Guarani Retã, 2008, p.11). Sendo assim, essas famílias foram expulsas de suas terras, não só os Ñandeva mas também os Kaiowá que muitas vezes foram colocados na mesma reserva, gerando desentendimento entre eles. Aborda-se, nesse sentido, o exemplo de um grupo que foi levado para outro lugar, forçado a conviver com outro grupo:

Em 1978, um grupo de índios Kaiowá e Guarani, do Rancho Jacaré, da Companhia Mate Laranjeira, município de Laguna Carapã, foi levado à força, com a participação da Funai, para a terra indígena Kadiwéu na serra da Bodoquena, município de Porto Murtinho. Depois de um tempo no desterro, iniciaram uma longa e penosa volta à sua própria terra de onde haviam sido expulsos. Foi um dramático retorno, com mortes pelo caminho, demonstrando claramente que preferiam morrer a ficar exilados. Infelizmente, propostas semelhantes de transferência dos guaranis para outra terra continuam até hoje, no Mato Grosso do Sul. (Caderno Guarani Retã, 2008, p.15)

As remoções forçadas de seus *Tekohá* custaram muito caro para a comunidade indígena. Tentar se adaptar em uma área desconhecida trouxe uma série de consequências. Atualmente, é nítido nas reservas indígenas a exploração da mão de obra indígena. Outro fator que marca até hoje a minha comunidade é o suicídio. No ano de 2022, nos quatros primeiros meses, foram registrados três suicídios, segundo o site da prefeitura³⁰. As remoções de famílias de seus *Tekohá* fez com que a população aumentasse muito rápido nas reservas indígenas, esse aumento não atendia às necessidades das famílias, pois é um espaço pequeno criado pelo governo.

Quando se trata da nossa cultura, nosso modo próprio de ver o mundo, é uma visão oposta da sociedade colonizadora. Mesmo assim há resistência, principalmente por parte dos anciãos, onde a memória é mais forte.

³⁰ <https://www.japora.ms.gov.br/noticia/saude-mental-para-a-comunidade-indigena/558>

Ser indivíduo de uma sociedade indígena é enfrentar o desafio e lutar pelo futuro da geração. Os anciãos já nos deixaram o caminho: sem *Tekohá* não há *teko*, o modo de ser Guarani. Mas, como podemos fazer isso agora diante de todos os desafios que foram impostos para nós, tanto pelos colonizadores quanto pelos invasores atuais? Somente através da memória é que podemos pensar em coletivo e resistir. Segundo a liderança política Ava Hu'y Rayvi, morador antigo na comunidade que teve papel muito importante durante e ainda hoje na retomada, morador da Reserva indígena de Porto Lindo (Jacarey), atualmente com 52 anos de idade e que também atua como professor:

É preciso que seja todos juntos de novo para colocar as coisas no lugar, assim como foi para retomar a coletividade precisa fortalecer de novo, pois a preocupação (*jepy apy*) é grande e precisamos nos reunir de novo, pois aqueles que pensam na família, a forma como está indo não está bem. (entrevista concedida ao autor no dia 12/06/2022)

O que podemos afirmar no momento é que ser indígena é perigoso, pois a qualquer momento sofremos preconceitos, violências, que muitas vezes podem acabar em fatalidade. Historicamente, a violência foi feita pelo próprio Estado e tem nos acompanhado desde a colonização, ou seja, é mantida na colonialidade. Há também muita preocupação, segundo a nosso *kacike* Roberto Carlos Martins, com a falta de diálogo entre as lideranças da reserva e as lideranças dos *tekohás* de *Yvy Katu*, porque não dialogam por motivos políticos. Nas eleições foram adversários, e por isso resultam desentendimentos, facilitando para a dominação externa. Quando há uma convocação do *kacike*, nem todos vêm para a reunião, gerando instabilidade nas decisões. O *kacike* da comunidade tem chamado os líderes das retomadas a chegar mais, a dialogar mais sobre a demanda da retomada. Outra preocupação da liderança Roberto Carlos Martins é em relação à forma de organização desta retomada, pois atualmente há denúncias pelas próprias lideranças indígenas na Grande Assembleia dos Guarani e Kaiowá do Estado de Mato Grosso do Sul (*Aty Guassu*) sobre o arrendamento dos não indígenas nessa área de retomada, portanto, houve denúncias como a abaixo:

Nós lideranças da Grande Assembleia - *Aty Guassu* do povo Guarani e Kaiowá, viemos a público repudiar as agressões e as ameaças de morte, promovida pelos arrendatários contra a nossa liderança representativa Leila Rocha, fato ocorrido no dia 10/07/2022 no *Tekohá Yvy Katu* - Japorã -MS. (Relatório *Aty Guassu* 10/06/2022)

A preocupação dos anciãos sobre o modo de produzir o *teko* ou *ñande reko* está na narrativa das origens do nosso povo, que orientou a comunidade (principalmente os *ñanderu*)

para que voltássemos à terra dos nossos antepassados, tornando exemplo a ampliação da área do município de Caarapó, Reserva indígena *Te'yikue*.

As retomadas em 2013 e 2016 foram um processo de transbordamento, quando a situação vigente quebrou os muros invisíveis da reserva para retomar o *tekoymã* (condição para obter o teko *araguyje*), que estava oculto no *tekohá*, submersos pela fazendas no entorno da reserva Te'yikue. Esses atos (eventos) de transbordamento rememoram quando o sol (*Pa'i kuara*) e a lua (*Jasy*) escaparam de dentro de uma grande panela, onde estavam sendo cozidos, para ser desviscerados, esfacelados e devorados pelo *jaguarete ypy* (onça originária) no início do tempo, como conta o *ñanderu* Atana e *ñandesy* Dona Anamelia. (BENITES, 2021 p.237)

Esse é o exemplo claro que a memória é fundamental para buscar o *tekohá*, que no nosso caso é o *yvy katu*. A maioria da comunidade, através da reza do *ñanderu* e *ñandesy*, voltou a ocupar o território sagrado para que possamos viver do nosso jeito, buscando o *teko araguyje*: o jeito sagrado dos Guarani. Entre nós, Ñandeva, isso é praticar e receber orientação dos rezadores para melhorar a caminhada de todos. Voltar a viver em território tradicional não é somente ampliar a área reivindicada, mas sim tentar voltar a viver no seu mundo. Segundo Ava Tukambi:

Há diferença entre o *tekohá* antigo Porto Lindo e Yvy Katu, houve melhoria na convivência, nossa comunidade começou a ocupar os espaço, tem mais espaço para fazer as casas, abriram espaço para a prática da cultura, enquanto se fala em cultura não é só reza e *guachire*, ela engloba toda a vida do ser humano guarani que gosta de caçar pescar, tirar raiz das plantas medicinais para poder fazer remédio caseiro, são essas coisas que antes não existiam antes da retomada. Com a retomada *ava kuera* foram de novo na beira do rio, no brejo, procuravam remédio que já estava sumindo da memória começaram a relembrar de novo. Então para o povo guarani isso é um avanço muito grande, além de ter espaço para a construção de casas, plantações. A diferença é que após a retomada houve avanço, houve fortalecimento para fazer *yvyra para*, pau listrado, *jeroky* fortalecimento das rezas.

Ava kuera quer dizer pessoas, ou seja, refere-se ao nosso grupo que com a retomada abriu muitas práticas culturais, enquanto que o *yvyra para* significa pau listrado, que não é feito de qualquer árvore, e não pode ser levantado para ouro de qualquer forma. É feito exclusivamente para a luta e proteção, por isso há também os menores, que podem ser usados nos colares para a proteção espiritual. Segundo essa liderança, viver de acordo com normas próprias foi uma das principais reivindicações da comunidade. As pessoas, principalmente os mais velhos, se sentem mais confortáveis na retomada pois lá tem recursos, mesmo que seja

pouco, atende um pouco da demanda, enquanto que aqui na reserva já estão muito escassos. Pena que essa luta tem mais de 20 anos, e muitos deles e delas já partiram sem ver o resultado final. Isso tem sido o maior desafio neste mundo capitalista, em que os direitos estão sendo deixados para segundo plano. É muito importante destacar que essas memórias estão vivas e é isso que a comunidade tem colocado na sua mente para enfrentar a luta. Todos os desafios que enfrentamos hoje já foram enfrentados pelos nossos antepassados, e eles estão escritos na memória dos anciãos e também nos espaços *Tekohá*.

A memória a partir das narrativas dos anciãos têm influenciado para que a nossa sociedade possa buscar o caminho para o bem viver. Assim como o sol e a lua, a comunidade tem reagido, os Ñandeva reagiram a partir da superlotação em um espaço que não atende a necessidade do seu mundo e do mundo espiritual. Para Che Ryvy'i Honório Acosta,

Esse evento deu início lá na casa de reza, na casa do Angelo em 2003, porque teve muita demanda sobre a terra, pois aqui na reserva ficou pequeno, sobre isso dialogamos, precisávamos ampliar. Levamos isso em conjunto, tudo aconteceu na casa de reza, nós calculamos como poderíamos realizar essa ação, avançar entre as lideranças políticas e rezadores como Delossanto Centurion, Paulino Souza, Inacio Souza, entre outros. Dialogamos sobre as estratégias de como poderíamos fazer e decidimos ali bloquear as estradas que acessam a reserva, como a ponte de guassory, jacarey e iguatemi (Entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023).

Para os anciãos, mais que o processo legal o importante é que eles estão lá vivendo longe do *teko pochy ou teko vaí*, as maldades que vem afetando a comunidade: a violência, a desorganização espiritual, a opressão da cultura ocidental que estão em massa na reserva. Isso não significa que eles estão contentes com a demora da homologação, prova disso é que eles estão sempre presentes nas manifestações de protesto que mobilizam povos indígenas e o seu papel é fundamental para que a comunidade possa ir em grande peso num evento como a manifestação contra o Projeto de Lei 490.

Segue abaixo fala importante do Che Ryvy'i Honório Costa, sobre o necessário processo de retomada ocorrido no ano de 2002:

Decidimos que cada grupo iria se dividir para fechar essas entradas, assim nós iniciamos e eu fiquei para acompanhar a região de Bentinho para bloquear a ponte de *jacarey*, a região de missão e posto 1 ficou responsável para fechar o rio iguatemi e a região *guassory* na ponte da sua região. Nós ficamos aproximadamente 15 dias fechando a estrada, ficamos lá, estávamos aproximadamente em 150 pessoas. Após quinze dias de espera por uma ação judicial, não teve avanço, então era a hora de entrar no *Yvy Katu*. Então voltamos da ponte e acampamos na entrada para fazenda Remanço, teve muito sofrimento, idosos, crianças rezando dia e noite. Nós não queríamos saber se

estava fazendo sol, frio, chuva, passando 20 dias dialogamos com o grupo do *guassory* e do rio iguatemi, então resolvemos no mesmo dia entrar na fazenda Paloma, Agrolak, Casa Branca, Chaparrals e Remanço, e assim retornamos para bloquear a estrada, assim vivemos durante quatro meses. (Entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023)

Iniciada no final de dezembro de 2003, o processo da retomada não é somente ir para a área reivindicada, há uma metodologia da mediação entre os *Ñanderu* e o mundo espiritual, eles que definem a hora certa para que não aconteça algo ruim durante o processo. Para um dos *Ñanderu* da reserva indígena de Porto Lindo que atuou no processo da retomada Yvy Katu, *Ñanderu* Tupã Tenondegua,

Os *ñanderu* recebem a orientação através do sonho, quando é a hora, mas para isso todos precisam se envolver na reza para dar a força ao *Ñanderu*. Foi o que aconteceu nessa comunidade: houve a preparação, levaram meses para realizar essa ação. Quando a gente faz algo todos juntos, como aconteceu aqui, o nosso pai nos ouve e atende a nossa necessidade. É preciso consultar eles primeiro e aguardar a orientação. (entrevista concedida ao autor no dia 22/02/2022).

Dialogando com ele, entendemos o quanto é relevante a espiritualidade para a nossa comunidade. Sem a presença dos anciãos, lideranças políticas e a comunidade, essa ação não seria possível ou teria tomado outro rumo. É muito importante destacar que nessa área, apesar de ter tensões e conflitos, não houve registro de assassinato durante a retomada e no decorrer do seu processo. Um dos marcantes conflitos foi a tentativa de não indígenas de entrar para expulsar a comunidade, porém os *ñanderu* tem feito o seu trabalho para que essa ação não acontecesse. Houve reza na ponte, onde a tempestade veio com muita força, não deixando os não indígenas prosseguirem. Foi o que Pimentel chamou de Assembleia Tempestuosa, portanto, a memória, a religião, a sabedoria dos *ñanderu* é fundamental em qualquer processo que envolve a comunidade.

Em todas as retomadas há uma presença marcante dos caciques. Eles desempenham um papel importante no movimento de luta por retomada de terras. A atuação dos líderes religiosos kaiowá e guarani se observa desde os primeiros contatos, pois eles são os primeiros a resistir à invasão de seus territórios. (COLMAN, 2007, p. 48)

A relevância da memória é fundamental para a manutenção de uma identidade que foi influenciada pelo deslocamento forçado. Infelizmente, a mediação dos *Ñanderu* atualmente na

comunidade tem perdido a força devido a inserção de valores não indígenas na comunidade.

Segundo Ka'aguy Hovy Carlos Vilharva:

Yvy Katu estava indo no caminho certo depois começou a perder sua força e ninguém solucionou ainda essa nossa terra, pode ser que tenhamos sorte e pedir para os *nanderuvusu* tocar o coração das autoridades responsáveis. O que nos deixa fraco é que hoje o nosso *jeroky* não está mais sendo praticado, pelo menos aqui na aldeia, mas tem rezador, o que falta é conversar com eles pois estão todos parados. No meu tempo, eu levava eles junto em qualquer reunião lá estavam eles rezando, por isso me tornei muito forte no meu trabalho. Depois de mim ninguém mais fez isso, por isso não conseguem solucionar, mas eu não perco a esperança, pode ser que um dia alguém levante e lembre, busque esse caminho. Mas para isso a pessoa tem que se interessar, hoje em dia já não tem muitas pessoas que se interessam, o que eu vejo agora é as pessoas usando muito a política externa, os não índios interferem na cabeça das lideranças e assim vai indo, mas não podemos perder a esperança, porque nós somos os verdadeiros donos da terra, porque somos partes delas (Entrevista concedida ao autor no dia 22 de agosto de 2022)

Diante da luta, percebo que essa estratégia tem ressurgido, os rezadores têm acompanhado as lideranças fazendo a reza junto aos guerreiros, a comunidade tem se fortalecido e ajudado nas rezas, por isso as lutas também tem aproximado os Nhandeva do seu modo de ser, o Nhandereko. A preocupação de registrar essas memórias surgiu a partir disso, pois a memória é forte entre os anciãos para resistir ao mundo dos não indígenas. Segue a fala de Che Ryvy'i Honório Costa:

Isso tem que ser mesmo registrado, nós levantamos guerra mesmo pela nossa área tradicional, passamos perigo, eu tinha um grupo, desse muitos já se foram, eles me encorajaram para avançar na retomada. Isso é verdade, aconteceu porque a comunidade criou coragem e interesse (entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023).

É muito relevante ressaltar que aprender o caminhar no mundo da sociedade não indígena tem o seu ponto positivo, o exemplo disso é levar adiante a luta da comunidade indígena Nhandeva, buscando primeiramente os anciãos, os seus conselhos e apontamentos para o futuro da comunidade. No caso deste trabalho, através da elaboração de uma dissertação acadêmica.

Assim a família tem se orientado para não naturalizar a reserva, compreendendo que esse espaço é um resultado de um processo histórico. Nesse sentido, é necessário que a comunidade busque mais diálogo com os anciãos, principalmente nas escolas que na atualidade são um espaço de diálogo com as crianças e jovens, assim como a casa de reza (*oga ysy*).

Destaco aqui que, apesar da inserção da religião ocidental em massa na comunidade, principalmente o pentecostalismo, toda sexta feira há um encontro de rezadores na comunidade realizado em diferentes casas. Nesses encontros, são levadas crianças para o batismo e comida solidária, onde os participantes almoçam e no período vespertino continuam a reza na casa de outro rezador, assim sucessivamente.

Essa atividade foi elaborada por um secretário de assistência social em 2020, quando a gestão desta secretaria ficou no comando de um vereador indígena, Professor Joaquim Adiala. Nesse encontro, vieram rezador e rezadeira da retomada e da reserva, ambos dialogaram entre si e com os demais presentes sobre a importância da retomada e do *nhandereko*, mas atualmente não há mais notícias sobre esse encontro. Na época, tiveram apoio no transporte e alimentação para que o encontro pudesse ser realizado, e de forma geral fortaleceu bastante os rezadores e a comunidade, que tem se envolvido cada vez mais.

Compreender as demandas dos anciãos e da comunidade terá sempre uma prioridade na minha comunidade, e exigirá um esforço por parte dos pesquisadores. Porém muitas vezes as pessoas não dialogam sobre os interesses coletivos com os anciãos, por isso têm se equivocado em algumas decisões sobre a ocupação do território. Para *ñandesy* Kuña Takuapu, Lucia Rocha:

Isso que às vezes me entristece, porque as pessoas daqui não estão lá ocupando, onde era a casa branca a maioria é de fora, mas o que vamos fazer com isso, eu já sou velha e o seu tio também, agora é vez de vocês, nós os mais antigos fizemos isso para vocês, não só para nossa família, mas pensando em todos, porque a terra é de todos. Por isso os mais novos tem que pensar, pegar uma área e ir morar. (entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023)

O desafio é sentir o que eles querem passar através de suas narrativas, pois os valores estão nas histórias, na memória e no espaço de suas vivências. Por isso, a demanda territorial surgiu a partir disso; a conquista desta área trouxe um caminhar novo, pois tem mais espaço para a prática de agricultura, criação de animais, a caça e a pesca tem voltado a se praticar. Não se tem mais medo de ir pescar, pois o território é tradicional. No entanto, a sua forma de ocupação tem sido questionada entre as lideranças. Uma vez que muitas das pessoas que estão nessas áreas, segundo as lideranças, não participaram do processo de retomadas. Algumas pessoas que estão hoje são pessoas que vieram de outros lugares, pois nessa retomada teve uma reviravolta judicial, onde primeiro a comunidade foi colocada em 10% de cada área onde existia as propriedades, sendo assim muitas pessoas retornaram para a reserva esperando a ordem judicial para enfim ocupar os 100%, mas algumas lideranças não queriam esperar e

houve a segunda retomada, onde surgiram novas lideranças. Nessa segunda retomada muitas lideranças já não participaram mais, e assim acabam perdendo o seu espaço para outras lideranças indígenas que não são dessa comunidade, que são parentes indígenas que vieram de outras reservas ou até mesmo do país vizinho Paraguai. Por isso algumas lideranças voltaram para a reserva foi o caso do senhor Honório Acosta, onde outros entraram no lugar dele, dando início ao trabalho de parcerias com os não indígenas. No leste da retomada, Kuña Takuapu contou que:

Em 2004 houve a ação do juiz sobre a ocupação de 10% de cada fazenda e os fazendeiros retornaram, isso durou 10 anos, ficamos lá. No ano de 2013 a 2014 houve a segunda retomada lá em Paloma, entraram grupo do Narciso Agrolak, entraram o grupo do Rosalino Ortiz, em Potrero entrou o grupo da Leila Rocha Indilo, em Chaparrals e Nilsinho na casa branca, ali houve a divisão e nós ficamos com o Remanso, e assim permanece até hoje. (Entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023)

A forma de ocupação e o diálogo para o caminho de entendimento ainda é um desafio a ser superado, porém quando se trata da área tradicional, a coletividade tem sido forte entre as comunidades guaranis, as lideranças políticas internas e externas. O desafio é porque alguns são contra e outros são a favor da forma como está se organizando o *Tekohá*, que estão a favor da "parceria" como eles denominam o arrendamento. A maioria está plantando rama ou mandioca, mas algumas lideranças não permitem este tipo de agricultura porque estão plantando no modelo de monocultura, ou seja, em alta escala utilizando produtos agrotóxicos na preparação de terra para o plantio. Além disso, não são todos que se beneficiam nessa parceria, são alguns que têm área na retomada, que muitas vezes não são da reserva, por isso estão ocorrendo desentendimentos inclusive entre lideranças. São questões que precisam ser debatidas entre a comunidade e as lideranças que atuam na retomada, muitos deles dependem disso para a renda familiar, além das pessoas da reserva que trabalham nessa retomada. É preciso organizar, debater e achar meios que atendam as demandas das comunidades juntos.

Na reunião realizada no dia 27 de junho de 2023, onde esteve presente um representante do Ministério Público Federal e a FUNAI, Fundação Nacional do Índio, foi conversado sobre a repartição da área entre as famílias, pois tem algumas famílias com muitos hectares de terras em "parceria" com os não indígenas, e essas práticas de agricultura também tem dado renda para as famílias da reserva que vão trabalhar em diárias cortando rama ou arrancando mandioca para os próprios parentes. Segundo a lideranças política Che Ryvy'i que atuou na área, isso não tem sido bom para a comunidade nem para o meio ambiente:

Agora eu não me sinto melhor por que fiz isso, mas sinto que fiz o necessário pela minha comunidade, a história teve início e está indo agora, olhando assim sinto que está tudo bem pelo menos os fazendeiros não estão mais incomodando diretamente. Só falta a homologação por parte do governo, nós que lutamos mesmo no início não estamos ocupando a área, não sei se é falta de interesse ou não estão dando a oportunidade. Hoje estão lá estranhos que não lutam como nós, eles se sentem o dono, na minha visão isso está errado, os que lutaram não estão lá e os que estão lá agora estão destruindo a nossa mata. Somente nós podemos impedir isso, os que vieram de fora tem outra visão, só quer destruir. (Entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023.)

O que podemos dizer é que nós não podemos deixar que a prática da monocultura seja aceita como a normalidade, não foi isso que os anciãos pensaram quando abriram o caminho para a retomada. As florestas que se encontra em algumas regiões estão sendo desmatadas e árvores vendidas para fora, algumas famílias da região da retomada tem melhorado a renda familiar a partir de área de ocupação, mas muitas coisas precisam ser verificadas por parte dos órgãos responsáveis e fiscalizar, pois realmente a região leste da retomada tem experimentado a prática da monocultura que beneficia poucas pessoas, enquanto que na reserva tem famílias que precisam, e quando vão a pedir área se negam a dar a terra. Che Ryvy'i nod disse:

Eu na minha visão tínhamos que conversar de novo porque somos muitos aqui, eu penso assim, cada família se juntar e pegar área pra eles. Tem muitas pessoas que lutaram e que estão sem terra agora, lá no Remanso tem espaço no Nilsinho, mas eles já colocaram os seus parentes, pra mim o essencial é conversar porque vai ter e já tem a necessidade da terra, porque tem vocês seus irmãos, tia e nós assim também. Chega o momento que nós temos que ir lá entrar e pegar a área para a família, porque nós temos direito, não temos que pedir para as pessoas que estão ali na frente, porque retomamos pra gente, não precisamos implorar, eles não precisam negar porque é nosso. A gente tá precisando e eles tem que dividir, pra mim o melhor lugar é o Remanso porque lá tem terra boa, florestas e muitas nascentes, é disso que nós precisamos, têm mais riqueza naturais e aos poucos estão destruindo. Isso é a minha maior preocupação, essa terra é nossa e nós entre parentes não precisamos brigar. É mais fácil dialogar, mas terão que dividir, pois nós retomamos para nós, pois aqui na reserva tem muitas famílias que estão com dificuldade, precisam ir lá para fazer a sua criação e roça. (Entrevista concedida ao autor no dia 02/03/2023)

Outro fator importante que precisa ser destacado é a interferência da política partidária nessa área, assim como na reserva. Não sabemos quais são as combinações entre eles e parentes indígenas, mesmo que sendo a maioria da comunidade do município e na áreas indígenas cerca de 54%, a voz dominante vem de fora. Portanto, a retomada também está inserida nesse processo, pois a maioria que trabalha em “parceria” com indígenas são os representantes

políticos. É preciso que sejam sensibilizados os mais jovens a buscar meios para trabalhar nesta área, para que o modo de como ganhar a renda possa ser melhorado entre as comunidades indígenas, pois não podemos praticar a exploração de uns aos outros, mas para isso o diálogo é necessário entre a comunidade.

Apesar de sofrer diariamente, a comunidade tem resistido cada vez mais após a promulgação da Constituição de 1988, na qual está garantido o direito para os povos indígenas³¹, inclusive pelas terras. As áreas reivindicadas por nós são tradicionais, com ocupação anterior à chegada dos invasores, é onde está a sabedoria, é de onde fomos removidos ou expulsos pelos colonizadores e pelo Estado. Atualmente, há várias terras tradicionais que estão em processo de jurisdição, o que gerava conflito entre os proprietários e comunidade indígena. Como repercutiu nas mídias nacional e internacional, o governo federal anterior anunciou (e cumpriu) que em seu mandato jamais homologaria área indígena, mais uma vez a legislação que ampara o direito indígena foi deixada em segundo plano para atender a demanda do neoliberalismo. A situação atual tem sido esperançosa, quando este ano acompanhamos a posse de um presidente que declarou apoio aos povos excluídos e criou o Primeiro Ministério do Povos Indígenas no país. Porém mesmo assim, como no passado, é frequente a violação de direitos com ataques em áreas indígenas e perseguição a lideranças tradicionais e políticas. No passado, era o extermínio nas armas, atualmente busca-se com uma interpretação da legislação implantar a falácia do Marco Temporal, que segundo Acordi:

Hoje a ação encontra-se suspensa, e uma das teses apresentadas é a tese do marco temporal, a qual estabelece que os povos indígenas só podem reivindicar terras que ocupavam na data da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988. Ou seja, dessa maneira, o território reivindicado é de propriedade permanente dos indígenas, garantindo que usufruam, de maneira exclusiva, de seus bens. (ACORDI in SANTOS, 2022 p.29).

Na atualidade, a comunidade tem mostrado sua força através de manifestações, as lideranças políticas e rezadores tem mobilizado a comunidade para ir por exemplo para a BR Federal 163 que liga o município de Mundo Novo a Eldorado. Recentemente, para que houvesse o deslocamento a comunidade se preparou três dias. No dia 04 de junho de 2023 houve a primeira concentração na casa de um dos entrevistados, *Nhanderu Tupã Tenondegua* (Salvador Ramires), conforme a imagem a seguir:

³¹ Artigo 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.



Figura 8 Imagem retirada do grupo informativo Porto Lindo (Aplicativo Whatsapp)

Para dialogar sobre o que realmente estava em jogo no Marco Temporal, o vereador indígena Dorival Velasquez, junto ao rezador, falou sobre a seriedade da situação, porque os povos indígenas estão mostrando ao não aceite desta proposta. Nessa reunião também estavam presentes lideranças de outras áreas de retomada, como no caso de Sombreiro, município de Sete Quedas e Pyelito, município de Iguatemi. Essas lideranças e famílias saíram das comunidades para retomar a sua área tradicional, a imagem a seguir mostra essa reunião onde as lideranças, rezadores e comunidade se concentraram preparando as estratégias, ao lado da BR-163. No segundo dia o kaciue da aldeia que é uma liderança política, Roberto Carlos Martins, convocou a reunião na frente da Missão Evangélica Kaiowá, juntamente com as lideranças espirituais *ñanderu* e *ñande sy* para resolver como seria a manifestação. Também estava presente nessa reunião o prefeito e alguns vereadores do município oferecendo apoio para a nossa comunidade, inclusive no transporte e na alimentação. Nesta reunião, foi decidido

ir para a BR-163 acompanhar a votação, caso o tal fosse aprovado, a comunidade estava decidida a bloquear a BR federal.

Essa história ainda está em construção, pois a homologação não foi realizada e os conflitos entre a comunidade indígena e não indígena estão cada vez mais tensos na região. A política ruralista tenta derrubar o direito indígena à terra, portanto, à vida tradicional digna, o que pode comprometer a área tradicional reivindicada, pois a retomada é posterior ao ano de 1988. Isso precisa ser aprofundado em outras oportunidades, mas com certeza revela o quanto é grave as consequências que pode afetar a nossa comunidade decisões anti-indígenas. A luta indígena contra o Marco Temporal está forte, e tivemos uma vitória no senado, mas outras lutas serão travadas. Para nós guaranis, essa luta é para viver no *Tekohá* o *nhanderekó*.



Figura 9 Fotografias mostram lideranças políticas dialogando com a comunidade. Arquivo pessoal.



Figura 10 Fotografias mostram lideranças políticas dialogando com a comunidade. Arquivo pessoal.

Considerações Finais ou o(s) tempo(s) guarani: “Tudo tem o seu tempo e nós precisamos a cada ano renovar, como as folhas”

O destaque deste trabalho é demonstrar que os anciãos são sempre o alicerce da luta do meu povo, e devem ser acionados em busca de soluções para um processo histórico violento, para a demanda constante do sistema capitalista. Dialogar a partir da História do Tempo Presente tem sido fundamental, uma vez que esse campo foca na reflexão sobre o passado que não passa, ou seja, no caso dessa pesquisa, na violência da colonialidade e na resistência da minha comunidade. Esse estudo tem ajudado a compreender a relevância da retomada para a comunidade Ñandeva, sua estratégia para ir à luta, uma história a partir da memória viva para vivos - que necessita também uma reflexão sobre o tempo. Para escrever uma dissertação em História, como guarani, é importante pensar o tempo guarani, um tempo ancestral, que vivemos no nosso cotidiano - e é isso que pretendo fazer nessas considerações finais da dissertação.

É fundamental começar com o sentido de duas palavras: a primeira é o que nos ensinam, que precisamos viver hoje, que o amanhã não pertence a gente. A palavra é *ko'erõ* significa “se amanhecer”. Por isso os Guarani não pensam em acumular o capital, pois não temos certeza do amanhã. É preciso viver o hoje, aproveitar, isso se temos o *tekohá*, pois nele já está tudo que precisamos, inclusive a orientação espiritual. Se tem *tekohá*, o futuro está garantido para que a nova geração possa viver tranquila. O capital não salvará se o *oguata* (o caminhar) chegar no fim, o importante é que a nossa visão permanece dentro de cada indivíduo para que o novo espírito possa descer, sempre foi assim.

A segunda é a palavra *yvytu*, que traduzindo significa para nós ar, ela dá o sentido de que quem respira é a terra *yvy* terra *tu* vem *pytu*, que significa respirar e transpirar. Portanto, o que sentimos e vemos hoje é a consequência das ações humanas que interferem no respirar da mãe, que por sua vez trouxe consequências negativas para os *yvy pora* (seres terrestre). Por isso, desde criança nossos pais nos ensinam como a natureza é importante, pois eles também tem os seus *jaras* (deuses), ou seja, guardiões que habitam no local e que nós devemos respeitar. A oralidade é fundamental para a transmissão de valores, e tudo isso depende do *tekohá*.

Abordar sobre o tempo para os nhandeva tem o sentido de voltar ao início denominado (*ñepyrumby*), que significa origem. Reforço, mais uma vez, que a sabedoria está na língua: a gente fala guarani, sonha em guarani, a vivência toda é em guarani. *Ñepyru* significa pisar ou início, tem duplo sentido. *Mby* é palavra antiga que permanece até hoje, e o sentido dela é o mesmo que *py* que significa pé, que também pode ser chamado de *nepyrupy*. Isso dá o sentido de quando aconteceu o primeiro *guatá*, que significa caminhar ou andar. Aqui usaremos *guatá*

como caminhar, quando houve a grande caminhada feita pelos gêmeos *kuarahy* e *jasy*, sol e a lua, no início do tempo em busca do *Nhandervusu* nosso pai maior que é o pai do sol e da lua. Portanto, pode ser traduzido no contexto de quando começaram a pisar na terra. A partir desses significados que daremos continuidade a como os guaranis ñandevas vêem e vivem o tempo.

Para mergulhar nesse tema do tempo, busquei a memória dos anciãos da comunidade através do diálogo. Escolhi duas pessoas: uma que já estava dando entrevista sobre a reserva e a retomada, e outra pessoa nova nessa caminhada. *Ava Hu'y Rayvi*, Almerío Dias, foi escolhido por já ter colaborado comigo, ao longo deste trabalho, além de me conhecer desde criança. É uma pessoa que convive com minha família, faz remédio para os meus filhos sempre que precisa e atua como professor de língua Guarani. Muitas pessoas da comunidade o procuram para pedir remédio tradicional, é uma pessoa respeitada da nossa população por fazer este trabalho. Alguns pesquisadores não indígenas também o têm procurado para realizar entrevistas relacionadas à cultura. Conceição Hara Rodrigues, assim como o anterior, já concedeu entrevista para mim em uma oficina de audiovisual realizada em 2017. Sempre que posso a visito, pois é a irmã mais velha da minha mãe, e ela sempre fala para mim sobre a importância de registrar a nossa sabedoria para que a geração não esqueça o que somos. É uma pessoa que sempre participou das rezas *jeroky* e dos batismos na casa de reza da aldeia. Apresenta-se a seguir a fala do primeiro entrevistado sobre o significado do tempo para os Nhandeva:

O tempo para os ñandeva é baseado no sol, na lua e no clima. Isto é interessante porque para nós o início do ano é marcado pelo batismo (*ñemongarai*) e neste evento são batizados as crianças, a roça e a fartura. Os mais velhos não cortavam para fazer a casa por exemplo em qualquer período, tem que ser na lua minguante, eles descascam a árvore e deixam no sol para secar para que os bichinhos não estraguem (*tiguã'ã*), e eles não colocam árvore verde para servir de suporte para a casa, por isso as casas podem durar décadas mas não estraguem. Assim também para fazer as casas tem horário certo para arrancar o sape (*jahape*) após arrancar colocam acima da fogueira (*jorea*) para que os bichinhos não estraguem o material. (entrevista concedida autor no dia 18/06/2023)

Podemos dizer que o início do batismo é que marca o início de um novo tempo, a cada ano (*ara pyahu*). Para o indivíduo começa o seu *guatá* quando a criança recebe o batismo. *Ñemongarai* é o batismo, durante o ritual o rezador e a rezadeira, que na maioria das vezes são marido e mulher, passam a noite rezando junto com os pais da criança que será batizada. Ao amanhecer, sempre em direção a leste, ao nascer do sol, a mãe e o pai da criança são convocados na frente do altar que é *tataindy'i*. Ali o rezador pega o seu *ygary* (água misturada com a casca

de cedro) e passa na cabeça da criança, assim ela recebe o seu nome. Orienta-se os pais como devem educar o seu filho(a), e como vai ser o comportamento no decorrer do seu *guatá*. Nesse período nós caçamos, fazemos armadilhas e pescamos. Para essa celebração, a comunidade se dedica a essas atividades para celebrar o evento festivo de esperança. É o tempo da fartura, onde são celebrados os produtos produzidos e agradecemos aos deuses através da reza e *kotyhu*³². Mas também pedindo aos *Nhanderuvussu* para abençoar o que vai ser plantado e orientação adequada para crianças.

Por isso reforço o quanto é ampla a relevância do território sagrado para o nosso povo, sem território não há como fazer mais essa prática, precisamos para fortalecer a nossa percepção, pois sem *tekohá* não há como realizar a plantação para que haja tempo de agradecimento e nem o batismo, que é o mais importante para iniciar o ciclo temporal, onde são batizadas as crianças, os alimentos e as sementes para caminhar no tempo. Posso dizer a partir da experiência e das entrevistas com os anciãos que o início do tempo pode ser dividido em tempo da fartura, que também pode ser tempo do agradecimento e tempo de esperança, os três marcados a partir da criança; é ela quem dá a esperança, sem ela não há como realizar o batismo e pedir para que a próxima colheita seja abundante para a nossa família. A criança é o símbolo de que os *Nhanderu* estão ouvindo o nosso *Ayvu*, a essência da fala, através dela fazemos o pedido ao *ñanderuete*. Nesse início, os *ñanderu* já falam como vai ser o resto do tempo *ara* até a próxima colheita, do batismo até o clima frio (*ara ro 'y*), que marca um ciclo; assim, vão transcorrendo os tempos guaranis. Chegando ao final desse ciclo, os guaranis começam a plantar o milho, então inicia-se a plantação do *avati moroti*, o milho branco: é o tempo da plantação (*sarakua*).

Eu vi muitas vezes, o meu avô colocava na sua (ajaka) cesta, milho, indo cedo para a roça plantar e só chegava após o sol se pôr. Ele falava, estou cansado, plantei muito hoje. Deve ser muito mesmo, porque você foi cedo e só chegou agora, falei pra ele e perguntei: quantos você plantou hoje? Ele me falou: plantei seis espigas, então não era só plantar, eles escolhiam melhor semente para pôr na terra, sendo três grãos de milho sempre, e a espiga eles jogam no rio. Assim, meu avô falava que o vento não afetaria, ou seja, pode vir qualquer tipo de clima que não afeta a planta e ele cresce melhor, e eles plantam sempre na lua minguante, não pode plantar na lua crescente. Também na lua crescente, eles não colhem alimentos frutíferos nem plantam, por isso os mais velhos quando guardam a semente, não estragam, pode ficar anos mas nenhuma praga afetar. (entrevista concedida ao autor no dia 18/06/2023)

³² *Kotyhu* é uma roda onde são cantadas canções, é uma transmissão e expressão de sentimentos: amor, agradecimento, felicidade, despedida, cantadas dependendo do momento.

Portanto, em cada tempo os ñandevas organizam a sua prática conforme a sua visão, tem a sua metodologia de lidar com o tempo, seja para festividades ou a produção de alimentos. O tempo de produção é muito importante para os ñandeva, pois ali plantamos para que a colheita seja abundante para todos, respeitando o tempo certo para que haja fartura para a comunidade. Segue a fala do Ava hu'y Rayvi:

A rama eles não guardam como hoje, eles pegam e plantam perto do toco onde vai se apoiar ali pode ficar anos também, mas não seca. Chegando o tempo da plantação, eles tiram e plantam. A partir do dia 24 de junho é que eles plantam vários tipos de alimentos: milho, batata, melancia, rama, cana de açúcar, abóbora e muitos outros. (entrevista concedida ao autor no dia 18/06/2023)

Como fazer isso se não tem *tekohá*? A reserva não tem mais recursos necessários para essa prática, pois falta espaço para a prática do *sarakua*³³. Por isso a comunidade tem mostrado às autoridades que não aceita a ideia do Marco Temporal, estamos vivendo em um tempo difícil onde a ganância fala mais alto e os nossos direitos, com muita luta conquistados, são violados. Mas como, na percepção dos anciãos, é chamado esse tempo difícil, o que marca esse período?

A relação dos ñandevas com o tempo é sagrada, pois a nossa referência é a lua, não no sentido astronômico, mas como Deus divino. Eles que orientam os *Nhanderu* para se relacionar com o tempo, por isso quando tem eclipse, para nós, a lua está chorando. Nesse tempo, é preciso cuidar, é o sinal que alguém importante como um rezador ou liderança pode ir embora, então é necessário cuidar de todos. Tempo que podemos chamar de tempo de cuidar ou pode haver tempo da tristeza. Nesse tempo, a reza é mais frequente do que o normal, os *Nhanderu* buscam a resposta do porquê do choro da lua. Portanto, tudo está na origem do sol e da lua, na nossa cultura a lua é o irmão menor, mais frágil, enquanto o sol dificilmente chora, mas quando chora algo fica sério. Os animais começam a ficar sem orientação, por isso é necessário cuidar de todos, não só das pessoas, mas também dos animais e dos vegetais.

Outra anciã que venho dialogando ao longo deste trabalho se chama Conceição Hara Rodrigues (Kuña Yruku), com 64 anos de idade. Marcamos uma conversa no dia 25 de julho de 2023 para falar sobre o tempo, bem cedo. Como de costume, fui tomar chimarrão com ela. Enquanto estávamos conversando, chegavam várias pessoas que interrompiam a nossa conversa, mas falei pra ela que não precisava se preocupar. Conforme o diálogo acontecia, ela

³³ *Sarakua* é uma forma de plantar grãos como milho, feijão de corda, melancia entre outros, utilizando lança para perfuração do solo onde são colocadas as sementes.

se mostrava bastante segura daquilo que estava me passando, e dizia para as pessoas que não podia atendê-las pois estava passando informações importantes para mim. Nem mesmo os netos e os filhos podiam falar naquele momento. Segundo essa anciã, estamos vivendo em um tempo difícil, onde o individualismo está tomando conta também do nosso povo. Perguntei pra ela porque está acontecendo isso hoje em dia. Segundo ela:

Hoje em dia já estão acabando os kaciues que fazem o seu trabalho e os pais não estão procurando mais, assim as crianças crescem no meio de tantas coisas ruins sem receber orientação espiritual, por isso as coisas também tem afetado os jovens e as crianças de hoje, antes não era assim, as crianças recebiam nome juntos às plantas e sementes para que o tempo ruim não afete a sua mente. (entrevista concedida ao autor no dia 25/07/2023)

Acredito que a forma de ocupar a terra em algumas regiões da retomada, o arrendamento, tem trazido melhoria para as famílias, porém isso é coisa do momento, se continuar assim não terá mais espaço para a futura geração. Concordo com os rezadores que a terra é o eixo para viver de acordo com a nossa percepção, nosso *nhanderekó*. A naturalização da forma como algumas pessoas vêm utilizando o território, como no caso do arrendamento de alguma área da região, pode influenciar a não realização do batismo, pois ficam sem orientação e acaba buscando *karai reko*, o modo de ser não indígena. Por isso teve desentendimentos entre as lideranças, como infelizmente tenho acompanhado nas reuniões recentes feitas pelo Ministério Público Federal e pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

É de suma relevância abordar que os tempos difíceis na nossa cultura vem com o desmatamento das matas dentro e fora da reserva, desde o início da colonização, e que ainda permanece. A orientação espiritual tem dependência muito grande do espaço, ou seja, do território, que é fundamental para educar as nossas crianças do nosso jeito. Hoje em dia os males têm afetado bastante a nossa aldeia, como no caso do suicídio.

Para esse tempo difícil, precisamos usar a cabeça para educar as nossas crianças, pois nós somos como folhas, tudo tem o seu tempo e nós precisamos a cada ano renovar, deixar as coisas o tempo levar, como as folhas, deixar brotar a nossa espiritualidade cada ano, como disse, como as folhas. Você já deve ter visto elas se renovam a cada ano em certos períodos, nós também temos que ser assim, precisamos usar a cabeça para continuar nesse tempo. (entrevista concedida ao autor no dia 25/07/2023)

Receber esse tipo de depoimento tem sido muito relevante para mim, que será repassado para as nossas crianças, como a comparação da vida com a folha e a busca por orientação

espiritual. Nesse tempo difícil, é necessário viver do nosso jeito. A reza, principalmente, é fundamental para que os deuses possam ouvir os nossos anseios. Sem o rezador, os deuses não atendem, ele é o que intermedia entre os avá pessoa e o mundo espiritual. Antigamente, como as pessoas faziam quando a tempestade se aproximava?

Ali entra o papel do rezador, eles se preparam juntos ao seu yvyra ija guerreiro e começam a rezar pedindo aos tupã para que a tempestade não afete a região ou tekohá, mas não é só rezar, tem que ter o material, o nosso material, eles rezam, mostrando para os deuses que estão ali. Mas hoje houve muitas mudanças e muitas coisas se enfraqueceram, principalmente entre os jovens, quando se aproxima o tempo dos pássaros é que precisamos nos cuidar, pois ali os nhanderu manda as aves, mas também os insetos para se criar aqui na terra e depois levam de volta. (Kuña Yruku entrevista concedida ao autor no dia 25/07/2023/)

Neste sentido, estamos falando da tempestade como trovão, entre outras coisas como a ventania. Para nós guaranis, tudo isso tem sentido, portanto, o nosso sinal também está repleto no tempo climático. E no tempo atual, isso tem sido mais frequente, e sempre que vem a tempestade ouvimos a reza em alguma região da aldeia, pedindo para que essa tempestade passe logo e leve o espírito do mal. Por isso é importante ter o recurso em casa como cedro e casa de sapé, é neste material que os Nhanderu nos identificam como pessoas *ava*.

No sentido mais amplo que hoje estamos vivendo, é a falta de território mas também a forma de se organizar dentro dele que precisa buscar a orientação dos rezadores. Vivemos no tempo de cuidar ou vigiar (*ara pochy*) em meio a tempestade, que foi provocado pelo sistema econômico que destrói o nosso corpo. Precisamos lutar e resistir, é o que fazemos para salvar a nossa mãe terra e assim voltar a praticar plenamente a nossa percepção sobre o tempo e a cultura em geral. Porém, como mostrado, na reserva isso é um desafio muito grande, por isso os *Nhanderu* abriram o caminho para a retomar, mas sempre com eles, pois não é qualquer área, mas um pedaço da terra onde viveram os nossos antepassados.

É de suma relevância abordar que mesmo em tempestade *ara pochy*, quando se trata do PL 490, a comunidade geral tem participado da manifestação, pois sabe da sua importância para nós Ñandeva. Mesmo que não tenha área na retomada, as pessoas têm ido em peso nessa luta pois somos coletivo, somos a terra. Os rezadores e as lideranças são os nossos porta-vozes para que possamos sair desse tempo difícil e mandar para longe os espíritos maléficos que tentam destruir o nosso direito de ser o que somos. Estamos em um tempo que precisamos resistir à opressão da cultura eurocêntrica, para que haja futuro para a nossa mãe terra. A missão dada em meio ao mar, onde os colonizadores estão querendo matar a nossa mãe, como

jaguarete no início da caminhada que queria matar o sol e a lua, colocando em grande panela para ferver, mas mesmo assim não conseguiram. Portanto, somos os descendentes deles, e por isso resistimos o máximo para proteger a natureza. Agora, aos poucos, estão matando a nossa mãe, e querem matar todos nós. mas estamos aqui como guardiões da terra para fazer a nossa parte juntos com os *ñanderu* e as *nhandesy jasy*, que através de sua sabedoria repassam os valores que orientam a nossa comunidade, para viver de acordo com o nosso sistema.

Há pessoas prontas para ouvir e ajudar a expandir a mensagem do beija-flor guarani: assim como os *parakau* (loro) ajudaram no início o sol e a lua, as universidades têm exercido esse papel hoje que é de suma relevância para todos nós.

O trabalho está longe de finalizar, porque nós só cumprimos a nossa missão assim que partimos para *yvy marane'y*, a Terra Sem Males. Enquanto estivermos aqui, em meio a chamada civilização, precisamos ser selvagem e mostrar que a forma de viver da sociedade dominante é um equívoco que só traz destruição, em todos os sentidos. Dessa forma, há muitos parentes que recebem o nome de batismo e estão seguindo o caminho correto de expandir a sabedoria para os demais, que estão se iludindo com a forma de viver ocidental. É no batismo, como explicado, que a criança recebe qual vai ser o seu papel na comunidade, ou liderança ou rezador(a), e até mesmo aquele que já viveu pode retornar para cumprir a sua missão. Por isso, por onde eu vou levo comigo o meu nome de batismo: *Ava Tupã Mbaraka*, que significa instrumento de *Nhanderu*. Hoje atuo na escola da minha comunidade, fazendo o fortalecimento do nosso saber através do ensino escolar diferenciado, sensibilizando sobre a relevância do *tekohá* para nós, incentivando os *yvyra ija* crianças, jovens guerreiros, discípulos que continuarão no lugar do anciãos.

Temos que buscar cada vez mais a sabedoria dos anciãos que estão nos deixando. Eles e elas já abriram o caminho, que é garantir no amparo legal os nossos direitos, e deram origem à mais importante assembleia que existe até hoje. Agora é lutar para que as leis saiam do papel para a prática, e uma das inúmeras lutas que vamos trilhar, sempre com os anciãos, é redescobrir o quanto a nossa sabedoria é relevante para o nosso futuro, para o futuro da humanidade. Como foi abordado no início do trabalho, este não é e não será um trabalho pronto, mas um estudo de uma memória que trouxe grande avanço nos nossos direitos territoriais, a partir de uma mobilização da comunidade que se mantém inclusive através dessa memória, que reforça nossa luta e identidade. São fragmentos de memórias do que a comunidade viveu para ter mais dignidade, para viver de acordo com o seu modo de vida. Há muitas outras pessoas que podem contar a sua experiência de como a luta foi árdua, para que hoje possamos viver a retomada. É um dos muitos assuntos que as crianças, ao redor do fogo, ouvem para assim

transmitir para as novas gerações de guaranis ñandevas. A nossa missão estará cumprida assim que os brancos incorporarem os saberes indígenas, e se sensibilizem a praticar o fato de que somos um só corpo, e que a nossa mãe precisa de nós para que possamos estar sempre vivos, como humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACORDI, Vanessa Aparecida Campagna; DOS SANTOS, Marlei Angela Ribeiro. DIREITO INDÍGENA, TERRITORIALIDADES E A TESE DO MARCO TEMPORAL: PERSPECTIVAS BRASILEIRAS. *Gavagai-Revista Interdisciplinar de Humanidades*, v. 9, n. 2, p. 28-50, 2022.

ADOUER, Silvia Beatriz, JONSON, F. M. **Quem mandou matar a rezadora Estela Vera Guarani?** *Contra Poder*, 4 de Janeiro de 2023. Disponível em <https://contrapoder.net/colunas/quem-mandou-matar-a-rezadora-estela-vera-guarani/> Acesso em 04/03/2023.

ANTUNES, Elizandro Karai. **Nhandereko Ypy Kue**. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) – Departamento de História, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.

BÂ, Amadou Hampâté. **A Tradição Viva**. In: ISKANDER, Z. (Org.) *História Geral da África*. Vol. 1. São Paulo: Ática, Unesco, 1980.

BENITES E. & RAMOS, A. D. **O Caminho Guarani e Kaiowá na busca do jeito sagrado de ser - Oguata teko Araguayje rehehápe**. Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León, Salamanca, 2017, p. 30-35.

BENITES, Tónico. **Trajetória de luta árdua da articulação das lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus territórios tradicionais tekohá guasu**. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v.4, n.2, jul.-dez., p.165-174, 2012.

BENITES, Tónico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohápe** (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowá e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekohá. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BENITES, Eliel. **A busca do Teko Araguayje (Jeito sagrado de ser) Nas retomadas Guarani/Kaiowá**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação – Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

CABRAL, Rafael Lameira Giesta in MORAIS, Vitoria Larissa Dantas. **Povos indígenas brasileiros na Ditadura Militar: Tensões sobre Desenvolvimento e Violação de Direitos Humanos**, *João Pessoa*, v.11, N.1 P.106-12 jan-jun, 2022.

CATARINAS, Portal. **Kerexu Yxapyry fala sobre o nhanderekó: o bem viver no modo de vida Guarani**. Portal Catarinas, 2021. Disponível em: <<https://catarinas.info/kerexy-yrapyry-fala-sobre-o-nhandereko-o-bem-viver-ao-modoguarani/>>

CAMARA, José in MOREIRA, Rafaela: **Identificado índio Guarani Kaiowa morto em ação da polícia em MS**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/06/25/identificado-indigena-morto-em-confronto-contrapolicia-em-ms.ghtml> acesso em 24/07/2022.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CHAPARRO; Y.L.; MARTINS; R. E. **Modo de existir e mitos Guarani Nhandeva**: Palavras que asseguram os mundos. Terrasemamos, Brasil 2022.

CHAPARRO, Y. L., Rodrigues, E. M., & Maciel, J. de C. . **O conceito de desenvolvimento de frente ao espelho: a etno sensibilidade e os Avá Guarani/Nhandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu**. *Multitemas*, 24 (58), 231–245. Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande, 2019.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, **Documento final de Aty guassu 3 a 5 de junho de 2009**.

CIMI, Nota do Cimi: assassinato de Guarani e Kaiowá é resultado de ação policial ilegal e da omissão do Estado. Disponível em <https://cimi.org.br/2022/06/nota-cimi-assassinato-guarani-kaiowa-guapoy/> Acesso em 04/03/2023.

COLMAN, Rosa Sebastiana. **Guarani Retã e Mobilidade Espacial Guarani: Belas Caminhadas e Processo de expulsão no território Guarani.** Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

COLMAN, Rosa Sebastiana. **Território e Sustentabilidade: os guarani kaiowá de Yvy Katu.** Dissertação de mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em desenvolvimento local, 2007.

COUTO, Cristiane Beatriz Dhamer. **História da Implantação da Educação Escolar na comunidade indígena Nãndeva-Guarani da Reserva de Porto Lindo Japorã-MS.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina (UEL) 2007.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39-79, jan./mar. 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONÇALVES, João Batista. **Etnoterritorialidade e a homologação da Terra Indígena Morro dos Cavalos.** Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) – Departamento de História, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.** Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 25-49, Jan./Abr., 2016.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul.* Coimbra, Portugal: Cortez, 2010

DE OLIVEIRA, J. E.; ESSELIN, P. M. **Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278, 2015.

GRIMBERG, Georg; MELIA, Bartomeu. **Guarani Retã: Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai.** CTI, 2008. Disponível em: <<https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/livros/guarani-reta-2008-povos-guarani-nafronteira-argentina-brasil-e-paraguai/>>. Acesso em:15 jul. 2022.

GRUZINSKI, Serge. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories.** Topoi (Rio de Janeiro), v.2, p.175-196, 2001.

IVARRA, Ortiz, in MACHADO, Almiros Martins. **Na estrada sem mal guarani: historia, memoria e cosmologia .**FACES da História, Assis-SP.v.5 ,n.2, p.244-261, jul-dez, 2018.

KARAI, Domingo Hugo De Oliveira. **Casa tradicional Guarani no litoral norte de Santa Catarina.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu.** Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 729 pgs.

LADEIA, Elâine da Silva in SANGALLI, Andréia. **O Pibid Diversidade na UFGD: conquistas e desafios.** Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-Mapa-de-localizacao-das-terras-indigenas-em-MS_fig1_329710967 acesso em 21/11/2023 as 15:30.

- LANDA, Beatriz dos Santos. **Os Ñandeva/Guarani e o uso do espaço na Terra Indígena Porto Lindo, município de Japorã/MS**. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUC-RS, 2005.
- MORAES, M., & Méndez, N. P. . (2022). Nina, uma sobrevivente: a história oral como abordagem para a reflexão sobre violência de gênero em contextos rurais. *História Oral*, 25(1), 189–207.
- MIGNOLO, Walter. **Pensamento liminar e diferença colonial**. In: Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 79-130.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.
- MOREIRA, Marcos. **Visão Guarani sobre Tekohá: Relato do pensamento dos anciãos e líderes espirituais sobre o território**. Trabalho de Conclusão (Licenciatura Indígena Intercultural do Sul da Mata Atlântica). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFSC, Florianópolis, 2015.
- MUNDURUKU, Daniel. **As literaturas indígenas e as novas tecnologias da memória**. In: JESUS, Naine Terena de e DELGADO, Paulo Sergio (org.). Povos indígenas no Brasil: perspectiva do fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Curitiba: Brasil Publishing, 2018, p. 169-180.
- NICHNIG, Cláudia Regina. **Refletindo sobre a atuação política das mulheres indígenas Guarani e Kaiowá, o enfrentamento às violências de gênero e o acesso à educação universitária: diálogos possíveis a partir da Kuñangue Aty Guasu**. Anpuh - Brasil, 31º Simpósio Nacional de História, Rio de Janeiro, 2021.
- OLIVEIRA, Melissa Santana de. **Nhanhembo'e: infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC**. Caderno de Campos, n.13, p.75-89, 2005.
- PREZIA, Benedito. **Marçal Guarani: A voz que não pode ser esquecida**. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2011.
- PIMENTEL, Spensy K. Notícia de uma assembleia tempestuosa: a ecologia política segundo os Kaiowa e guarani. **Energia e Ambiente** - Estudos Avançados. v.35, 2021, p. 105-140.
- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.
- QUADRAT, S. V. . É possível uma história pública dos temas sensíveis no Brasil?. In: Ana Maria Mauad; Ricardo Santhiago; Viviane Trindade Borges.. (Org.). **Que história pública queremos?**. 1ed. São Paulo: Letra & Voz, 2018, v. 1, p. 213-220
- SILVA, Marco Antonio Oliveira da. **Kyre'Ymba: guerreiro guardião do povo Guarani Mbya**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.
- REVELL, Jacques. **Micro historia, macro-historia: o que as variações ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação v.15 n.45 set-dez, 2010.
- SOUSA, Maria Laura de Melo. **Suicídio Guarani-Kaiowá no Mato Grosso do Sul: fenômeno do jejvy e a territorialidade**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, junho de 2022.
- VII Kuñangue Aty Guasu Grande assembléia das Mulheres Kaiowá e Guarani, 16 a 20 de setembro de 2019, Tekohá Yvy Katu Potrerito, Japorã-MS, disponível em <https://www.kunangue.com/mapeamento-da-viol%C3%Aancia> Acessado em 28/02/2023.

ENTREVISTAS

AVA HU'Y RAYVI, ALMERIO DIAS. Entrevista concedida ao autor no dia 12/06/2022.

AVA TUKAMBI, VALDOMIRO ORTIZ. Entrevista concedida ao autor no dia 22/02/2022.

AVA TUPÃ TENONDEGUA, SALVADOR RAMIRES. Entrevista concedida ao autor no dia 20/02/2022.

CONCEIÇÃO HARA. Entrevista concedida ao autor no dia 25/07/2023.

CHE RYVY'I, HONÓRIO ACOSTA. Entrevista concedida ao autor no dia 20/02/2023

KA'AGUY HOVY, CARLOS VILHARVA. Entrevista concedida ao autor no dia 20/08/2022.

VENCESLAU CÁCERES. Entrevista concedida ao autor no dia 07/02/2021.

ENTREVISTAS EM GUARANI ÑANDEVA

Ñemongueta - Carlos Vilharva Ndivê - 13/08/2022



Figura 11 Ñemongueta - Carlos Vilharva Ndivê

Atima porãete ndeve che ñantende haguere, ajapo avei koãva tembiapo mitã kuera peguãra upeicha rupi aju aporandu haguã ndeve nãnde rekoha rehegua.

ha'e: Mba'epa reikuaase che ra'y?

Che: emombe'u cheve mba'eichapa nde guata raka'e capitan ronguare ko'ape ha mba'eichapa reguãhe raka'e pea pe tembiapope.

Che cherera Carlos Vilharva ha cherera ka'aguy katu ha'e Ka'aguy hovy,primeira cosa ha'e pe ñande rera ka'aguy pea hina ñanemombareteva ome'eva ñandeve pu'aka ,ha upevagui che amboguata avei pe tembiapo heta ara avei heta ko'ga ou ambue kuera oñe'e haguã che ndive.

che ko'aga areko 82 ary ,ha aguãhe rire ape ou va'ekue umi missionario ha exercito kuera ,uperonguare ha'e ditadura tiempo,he'i cheve ndeañoite reime ko'ape ikatutava ore pytyvõ ,ha ani rekyhyje he'icheve.upeicha rãe aiko kuri ha uypei katu ja ahenõivema cheirurã ha'eva Izidro Caceres ha Mario Cardoso ,Mario ja ñande rejamã,upeicha mbeguekatupe amboheta aha che pytyvõ va'erã ,uperonguare nda'ipori mba'evete ko'ape ,ha umi tapicha kuera omba'apo se kokuepe ha che renõi cheve amohenda haguã ichupe kuera .Ha pe yvy katu ko'agã nemandu'ava ha 'e heta ara ohasa rirema ou ojeike jevy,pepe heta ko'gã ava kuera ,ha nhande jaikohape katu karai guive õi ,mba'erepa peva ojehu ,porque valdomiro ha 'e Cicero voi oho ogueru ambue kuera otro tekohã gui upevagui hetaiterei ou avei karai ha paraguajo yvyrupi ha upevagui ko'ape ñanderetaiteri.

ha'ekuera ndoikei por lei porque lei no permitiri karai ha paraguaio oiko ava kuera ndive .ha'ekuera ou porque ojeho hapykueri kuera .Upeva che ha'ema Valdomiro pe ko'agã proprio ava oñorãiro jevy yvyre oñondive .ha tenondevevove moo ohapata umi mita kuera oiko.po ndaha'ei umi ojerokyva la oho hapykueri kuera ha'e Valdomiro umia,hetaiterei ou umi tapicha kuera ha'eva yvyrupi carroça pe kavaju ari ,po jaheja avei ichupe kuera oimenengo ha'ekuera oñemondyi raka'e pe oikeramõpe ha upevagui peva ojapo ,ko'agã katu ndoikuaavaima mõopa ohopata umi pehengué kuera .ko'agã nhaheduma yvyre ojeiko vairõ peva na iporã ,porque tenondevepe ñanikoteveta voi yvyre mitã kuera ndopa mõ'ai ,ñañopytyvõmba va'eraã katu,jaikove aja entero ñaikõteveta yvyre.

che jehechape iporã ñanñomboja'opa yvyre ikatu haguãicha enterovevape ohupytypa ,po upeicha jajaporõ heta avei ko'agãgua mburuvicha ndo juhu porã mo'ãi ,upevagui che ãkiririnte.po iporãngo jaha amoite yvate umi mburuvicha tuichavevape ñañomongueta ha ñamohenda porã haguã pe yvy rehegua po upeva'erã tekoteve entroveva oñemõi peape tembiapope.koãgaitepeve che nahenduigueteri upeicha ojapo va'erã.

Péicha ajapo akue , ha katu akóinte aporandu umi ñanderu kuerape mba'eichapa rombogatata tembiapo yvy rehegua .Roho Amambai-pe yvy rupi ha'eño roñe'ẽ hağua chefe ,mburuvicha FUNAI peguandive jefe oĩgui peteĩnte upépe ha ndaipóri suficiente la mba'eryru guata ore gueraha haguã. aha ambohasa demanda, upévare apyta ko mandato ko'ápe Porto Lindo-pe ha amanda. 22 ary amanda 39 ary aikuaa amanda haguã upévagui , heta tapicha ohechakuaáva péva chéve guarã, ha katu upe rire. Che rendaguépe, oĩma ocho tapicha iñambuéva ha he'íma chéve hikuái avave ambue ndomotenondemo'ãiha peteĩ periodo pukukue cheichagua ,ha ko árape roime ko'ápe, ikatu oĩ mba'e oñemoambue ñandéve guarã, ha ikatu upéva oiko hağua jajapova'erã ñande léi tee upérõnte ikatúta ñamoambue peteĩ mba'e ojuhúva ñanderehe, ha ikatu tekotevê opavave oñondive, térã tendotakuéra ojapo peteĩ aty Aty Guasuicha. Che amyakã ko aty, aha Brasília Campo Grande-pe amoñepyrũ, Aikuaa umi yvy jára ha roñemongeta ha rohupyty joaju sindicato rupive roconsegui romoheñói Aty Guasu Amambai-pe ha Aty Guasu rupive rogueru comisaría Funai Amambai-pe, ára iporã ha ko'agã oime Ponta Porã-pe, upévare amba'apo, Heta amba'apo, maymáva oikuaa, romoĩ rire Aty Guasu roñepyrũ

romoî en práctica pe mba'e yvy rehegua, añe'ê antropólogo Cimi ndive oñeha'ã haguã osoluciona pe tema yvy rehegua, roconsegui rodemarca 11 Tekohá, ko'ágã ore parientekuéra opavave oikóva upépe, pe yvy ndaha'úi chéve guarã ha chupekuéra guarãnte aipytyvõ ndaha'úi ko'ápe añónte.

ko'ágã Yvy Katu oho hína kuri tape porãre upérõ oñepyrũ operde imbarete ha avave ne'ĩra gueteri osoluciona ñande yvy, ikatu jaguerekóta suerte ha jajerure nanderuvusu-pe topoko mburuvichakuéra responsable korasõre, ha mba'épa ñandereja kangy ha upéva ko'ãga ñande jeroky ndojepacticavéima, por lo menos ko'ápe tava'ípe, ha katu tekotevẽ oñembo'e ha oñeñe'ẽ hendivekuéra opavave oñembo'y haguére. Che tiempo-pe, araha chupekuéra oimeraẽ reunión-pe ha upépe oñembo'e hikuái , upévare chembareteterei che rembiapo pe , ko'ágã ijjetu'uma jatopa haguã upeicha gua imbarete terei karai reko iñakã kuerape heta tapicha õi ointeresáva pero ikangy ha jaha hese ajerure avei che aikovejave omohenda mi haguã ñandeve ñande yvy ha 'eva yvy katu ,. Ko'ágã ahecháva ha'e umi tapicha oiporu heta política, umi ndaha'éiva indígena ointerferi umi tendota apytu'ũ re , pero nda'ikatúi japerde esperanza, ñande ha'égui yvy jára añete ñande jaikogui ipype ñande avei jahavove jajevira yvy, ko'apeve amoombe'uta ndeve che ra'y.

Che : atimã porãete ndeve ko ãva ne ñe'ere. (oñeñe'ê).



Figura 12 Ñemongueta - Ava Tukambi Valdomiro Ndivé

Pyhareve porã maymávape. Che réra Magno Adiala, ajapóva che maestría Universidad Estatal de Santa Catarina-pe ha ko árape mba'eporanduta peteĩ tendota ko'ápe ore roioha pegua ha che irũ omba'apóva Valdomiro-pe. mba'eichapa ? Pyhareve porã Valdomiro, Tenonderãite aguyje reñemoĩ haguére peteĩ ñe'ême rejapo hağua chendive ko tembiapo tuicha mba'étava ndaha'úi chéve ġuarãnte ha avei ha'e mitã kuera ha ñhände pehengue kuera pe ġuarã , ore porandu he'iháicha, aipota reñe'emi ñande Tekohá rehegua yma .

Añe'eva'erã guaraní térã portugués rehe? Ikatu añe'ê Guaraní ñe'ême, Pyhareve porã opavavépe Che ha'e Valdomiro Ortiz ha che rera ka'aguy ha'e Ava Tukambi, heñói ha okakuaa ko arupi Porto Lindo ha Yvy Katu mbytépe, pe porandu mba'eichapa raka'e Tekohá yma? jaikuaa la mayoría umi Tekohá oĩ hague ysyry térã yvu rembe'ýpe, oguereko hikuái heta yvyra, pohã, heta mymba oĩ, hemby yvy akue, ikatu rejagarra, rejapo ñuhã, ikatu repirakutu.

Roguereko pe rohenóiva , material primario ore remikotevẽme jahapé ramo, pindó oguereko heta recurso ore ka'aguy oikuave'eva. ndokyhyjéi ogueru haguã umi recurso, óga mombyry òi ojohegui, upéicha Tekohá oñembosako'i, pehengue oiko mombyry oguereko haguã uvy ñemitýrã, oĩ Kacique oĩ peteĩ óga ñembo'e rehegua oga pysy . Ary pahápe oĩ Y karai , upépe opavave komunida oñembyaty ñembo'e rógape kacike ñehenói reheve, túva sy pe familia entera oho ñembo'e rógape, ohupyty haguã jehovasa upépe oguahêvo ary pyahu, jehovasa oñeñotý pyahúvo ñane rembi'u, sandía, mandi'o, pakova, takuare'e, ha'e umi tembi'u oñepresentáva altar ári tataindy'i pe .

Térã peteĩ poranduve che irũme ko'ágã ha pe reinicio rehegua Mba'ére piko ojeike jevy raka'e tekohá guepe? he'iháicha mombe'upy, are rire ñande Tekohá michîmi hetave mitã heñóigui, hi'ári, umi ndaha'éiva avá ou avei oike ko'ape ,década 1970-pe ko'ape, ko'ága ha'éva frontera, upéi oiko morotiakuera oguãhe, gobierno ojapo péicha, omboja'ó umi yvy, ha oheja oréve pehẽngue'imi, ko'ýte ko'ape jakarey-pe, Porto Lindo oñembohéra Jacareí, ojapo haguã pe demarcación oñemomombyry heta hikuái ysyry Iguatemi-gui, upévare oꝕuahẽ ára a heta tapicha opyta, ndaipóri espacio, ndaipóri yvyra, upévare umi ñembo'e, pehengue kuera oñemomyí, porque ñande territorio ymaite guive ysyry Iguatemi guive ko'ape peve, oĩ avei léi oñangarekóva ñande derecho rehe, ha'éva pe territorio tradicional, jaikuaa moõpa ha moõ pevépa oho ko ñande rendaguépe, upéicha rupi oiko ko pe jevy jey tekohápe, umi itujavéva oñemomyíva upépe ha'e pe jeroky ñembo'e, oĩkuri heta jehovasa, pe momento peve ñanderuguasú voi ohejagui ko tekohá oñembotuichave haguã.

Ko'ágã jahasa mbohapyha tema-pe, ha'éva ñemoha'anga tekove reko ko'ape ha Yvy katu pe oñepyrũ jey, upépe oñemombareteve ñande reko.

Pe diferencia oĩva Tekohá Porto Lindo ha Yvy Katu apytépe Oĩ mejora convivencia, ñane comunidad oñepyrũ oĩporu umi yvy, oĩve heta mba'e ojejapo haguã. oñemopu'ã haguã óga, oĩpe'a hikuái espacio práctica de la cultura, oñe'êvo cultura rehe ndaha'etí ñembo'e ha guachire mante, oĩpyso opa yvypóra rekove, guarani oguerohoryva caza, pira, oĩpyhy hapo ha ka'avo pohã, ikatu haguã ojapo pohã ojejapóva ógape, ko'áva ha'e umi mba'e ndoikóiva'ekue ojeike ymbove yvy katu oñepyrũ jey ava kuera , oho ysyry rembe'ýpe, tuju pe, oheka hikuái pohã oñembyaímava imandu'águi, oñepyrũ jey imandu'a hikuái, upévare guarani-pe guarã kóva ha'e peteĩ tuichaitereíva mba'eporã, además oguererekógui yvy ojapo haguã de kokue ha oga , la diferencia ha'e oñepyrũ jey rire oĩ Hague progreso, oĩ kuri fortalecimiento ojejapo haguã yvyra-para., oñemobarete jeroky , ha ko'ã mba'e cheve hesãkã ambohasa huaguã ndeve . Mba'epa nde eremi ne ko'agã oñepyrũ ko'ava tembiapo?

tenonderãite mávapa ojapo péva ha pe ñembo'e oñondive tendota ha ñande sy upépe oike komunida, tekotevẽ rehecha pe parte documentación oíkehápe pe yvy, ha katu reñepyrũ haguã komunida tekotevẽ oíkepa,nda'ikatui umi estrategia remombe'upa upeva ha 'e tembiapo tembiapo ñanderu kuera omotenondeva.

Ñemongueta - Honorio Acosta (che ryvy'i) ha Lucia Rocha Kuña Takuapu Ndiva - 20/02/2023



Figura 13 Ñemongueta - Honorio Acosta (che ryvy'i) ha Lucia Rocha Kuña Takuapu Ndiva

Che che rera ka'aguy ha'e Che Ryvy'i, cherenóiháicha hikuái ,areko 68 ary.

Ava tupã Mbaraka : Tenonderãite, ame'ëse ndéve che aguyje rejerovia haguére cherehe ajapo haguã ko tembiapo. Aipota remombe'u michĩmi chéve mba'éichapa oĩkuri ñemohenda ha ñemboguata oñepyrũvo pe Yvy Katu, ikatu haguãicha ojehu pe tembiapo.

Ko mba'e oñepyrũ ñembo'e rógape, oga pysy Angelo rógape, 2003-pe, heta ojejerurégui yvy rehe pórke ko'ápe reserva-pe michĩterei, roñe'ê upévare, roikotevê rombotuichave, rogueraha oñondivepa opa mba'e oiko ñembo'e rógape ,rojehesamondo mba'éichapa ikatu romotenonde pe tembiapo, mba'éichapa ikatu roñemotenonde tendota político ñanderu kuera Delossanto Centurión, Paulino Souza ,Inacio Souza upépe roñe'ê , mba'éichapa ikatu rojapo ha ha'ekuera he'i mba'epa jajapo va'erã upépe, romboty umi tape oikéva reserva-pe, ha'eháicha puente guassory, jakarey ha iguatemi oñeñe'êva.

Avei roñe'ê umi frontera rehe ha roporandu umi itujavévape moõpa oho pe frontera, ndaha'úi opavavépe pe ko'agã ñande jajerureva, upépe romohenda peteĩteĩ, ha ojejapo mbohapy aty oñemboja'ótaha omboty haõua ko'ã entrada, upévare roñepyrũ ha apyta amoirũ haõua pe Bentinho peguape omboty haguã puente jacarey, Missão ha Posto 01 ha'e kuri ombotyvo ysyry Iguatemi ha Guassorygua ha 'ekuera ipuente , ropyta 15 día rupi rombotyvo tape, ropyta upépe aimete 150 tapicha ndive, upe rire quince día oha'arõvo ndaipóri progreso upévare

oġuahēma ára roike haguã Yvy katu, upévare rojevny ha rokampa Fazenda Remanço rokēme, heta jehasa asy, umi mitã ,tuja,kuña karai oĩ upépe oñembo'e ára ha pyhare, jaikuaasei oġapópa kuarahy, mba'e ro'y, oky, ohasávo 20 ára ñomongeta aty guassory ha ysyry iguatemi peguandive , upé arape romohenda jaike haguã yvy katupe, upe árape voi, roike paloma pekuépe, agrolak pe, casa branca pe, chaparrals, ha remansope, ha upéicha rojevny jevy roju romboty tape upéicha roiko irundy jasy pukukue.

upe rire oĩ kuri juiz omohenda ary 2004-pe oñe'êva oġeporu haguã 10% peteĩteĩ fazenda gui rehe ha umi fazendeiro ou jey, péva oho 10 ary, ropyta upépe, ary 2013 guive 2014 oñepyru mokõiha jeike pe yvype amo upépe pykasu pe oike , Narciso aty agrolak kuepe oike Rosalino Ortiz aty, potrero-pe, Leila Rocha aty ,Indilo aty oike chaparral ha Nilsinho casa blanca-pe, upépe oġehu pe división nemboja'o ha ropyta umi hembýva ndive ore remanso reheve ha péicha opyta ko'ága peve, moñeñe'êkuri pe momento oitaha despejo pero ore ndorohejai oikotaro jepe norose mo'aioiente kuri ko'ágã pe tema yvy katu rehegua inepytuma che hegui, pero aimo'ã ko'aga opyta hina mburuvicha(juiz) kuera pope,ndajaokuaai mba'e Arape pá ohecha jevyta pero nhande pegengue kuera oime upepe,pó pe onepyrumbyoe ore rói akue tenondera romombarete akue ambue kuera pe jaike jevy haguã pe yvy katupe oi va'ekue kunha kuera aty peva Ko oġehu jevy porke enteroveva onombo py'a Guassu jevy vá e que ore comunidad oĩ Pero organización-pe iñepyrûhápe ore omokyre'ỹ ha romoheñói py'aguasu omotenonde haguã jevy , Ndajapóirire pe py'aguasu upe árape, avave péicha va'erãmo'ã ko'ága.Ko'ága ko área ideprovécho opavavépe ġuarã, tapichakuérape ġuarã ko'ápe ha ambue hendápe, opavave oikuaa upéva.Péva añetehápe oikotevê oġeregistra, roñepyru ñorãirõ ore área tradicional-re voi, roime kuri peligro-pe, areko akue peteĩ aty che mba'eva há che mbo py'aguassu va agueraha haguã pe tembiapo ,hetama upevagui nhandereja , chemokyre'ỹ hikuái añemotenonde haguã pe inepyrumby pe , péva añete, péva oiko pe komunida omoheñóigui py'aguasu ha interés, ñanderehe, pe tema ha'e kuri añetehápe jaike ha jajapo umi ndaha'éiva indígena oheja hagua ñande yvy ndaha'eirõ nhande mãavea ndojapo mo' nhandeve pea pe tembiapo ke ha'eva mitã kuera renondera.Ko'ágã nañembotuichairi upeva ajapo haguere , ajapohague tekotevêva'ekue che komunida-pe guarã, pe tembiasápe oĩ mba'éichapa oñepyru ha mba'éichapa oho ko'ágã, amañávo péicha añandu opa mba'e oĩ porãha por lo menos umi karai kuera ndouveiri,oikotevênte aprobación gobierno-gui, umi oñorairõva'ekue jepe iñepyrûhápe ndoiporui lo'agã upe yvy, ndaikuaái ha'épa falta de interés téra nome'ei ñandéve pe oportunidad, ko árape oĩ extraño upépe noñorairõiva'ekue ñandeichaite, oñandu ha'ekuéra ijára , che resa renondépe péva oĩ vai, umi oñorairõva'ekue ndaipóri ha umi oĩva ko'ága ombyai ñande ka'aguy, ha ñande añoite ikatu ejoko ko mba'e, umi oúva okáguio oguereko ambue jehecha, ohundise mante ñande yvy.Che resa renondépe, roñe'ẽ jeyva'erãkuri hetaiterei ore roĩgui ko'ápe, che aimo'ã péicha peteĩ teĩ familia oñembyaty ha ohupyty peteĩ área ijeupe ġuarã, oĩ heta tapicha oñorairõva'ekue ha yvy'ỹre ko'ága, oĩ espacio Nilsinho-pe avei, ha katu Ha'ekuéra omoĩma ipehēnguekuérape, chéve ġuarã pe esencial ha'e oñe'ẽ oĩtagui ha oñeikotevêma pe yvy, peguerekógui pende joyke'y, tia ha ore upéicha avei. Oguahẽ ára jaikeva'erã ha upépe jahupyty pe área familia-pe guarã, jaguerekógui derecho, natekotevêi jajerure umi tapicha oĩvape upépe tenonde gotyo, jagueraha jeýgui ñandejehe, jajapo tekotevê jajerure asy, natekotevêi onega hikuái péva ñanemba'égui, jepe ñaikotevê ha okompartiva'erã Chéve ġuarã, pe yvy iporãvéva ha'e pe y tapykuegua oguerekógui yvy porã, ka'aguy ha heta yvu, upéva ha'e pe ñaikotevê, oguerekove riqueza natural ha sa'i sa'i ohundi hikuái, upéva chepy'apy tuichavéva, ko yvy ñanemba'e ha nañaikotevêi ñane pehēngue apytépe ñande jevy oñondive ñañorairõ, ha katu ndahasýi ñañe'ẽ, ñamboja'ova'erã jajevy haguere ñandejehe, pórke ko'ápe reserva-pe oĩ heta familia hasýva, tekotevê oho upépe oñemitý ha oñemitý, ko'ýte umi imitãvéva, upéva ha'e peteĩmi ñane ñe'ẽ yvy katu rehegua.

Ñemongueta - Kuña Takuapu Lucia Rocha Ndiva - 20/02/2023

Añe'e jave karai onorio ndive kuña karai kuña takuapu avei oñepyru oñe'e.

Ko'ápe, umia oikuava pe tembiasakue ha Agda ha Joaquim, ha'e ha che roikuaa mba'éichapa raka'e ko tema 10%, ko'ágã ndoikuaái moõpa oime kuri frontera, pero ko'ágã ocupáma opa mba'e, heta jehasa asy rohasa , upéva sapy'ánte chembopy'aju Iñembyasy, pórke umi tapicha ko'ápe ndoikói, moõpa oĩkuri pe óga morotĩ, la mayoría ha'e okáguio, ha katu mba'épa jajapóta upévagui, che guãiguima ha upéicha avei nde tio, ko'ágã peeme hemby, ore itujavéva rojapoma pende rehehápe, ndaha'etí ore rogayguápe añónte ha katu ropensa opavave rehe, yvy ha'égui opavave mba'e, upévale umi imitávéva opensa va'erã, ohupyty peteĩ área ha oho oiko upepe.

Che resa renondépe, ñande ha'e culpa, mba'ére piko ndajahaséi upépe? ñande ko'ápe jaguerekógui y, energía ha ha'ekuéra ndoguerekói, ame'ẽ chupekuéra peteĩ razón michĩmi, peikuaa, oĩgui hikuái upépe, sapy'ánte y'ỹre, tembi'u'ỹre, ha katu oaguanta hikuái ha ko'ágã oĩ upépe py'aguapýpe, oreko energía , oguereko hikuái peteĩ ykua, ha ñaime jey iñepyryme moõpa? moõpa oĩ umi tapicha oñorairõva'ekue ko'ágã, mboy jeypa oje'e chupekuéra oipotaha tapichakuéra ko'águi omanda pe y tapykuegua ha katu avave ndohói, nemandu'ápa mba'éichapa raka'e upépe pe puente ári jepe nde mitãrusu che arovia nemandu'aha , ndoroguerekóikuri y osyry, energía ha upéicha pe ñorairõ roipotáramo rohasa va'erã ko'áva rogueropu'akava'erã ha katu ko'ágã ndoroguerekói opa mba'e, ore portolindense ha'éva prácticamete rogueraha jey yvy katu rehe ambue katu, ndaikuaái mba'épa pepensa ko mba'ére, ha ore ko'ápe reserva-pe roñorairõma jey yvy káusare.



Figura 14 Ñemongueta - Ñanderu Tupã Tenondegua Salvador Ramires

Ko'arape añepyruta ñomongueta ,ñanderu Tupã Tenondegua ,ha avei ha'e petei tendota koa ko aldeia pegua ,eñepyr emombe'u ñandeve ko tekohá rehegua ,nde reikuahaguive.

Che che era ha'e Salvador ramires liderança ko aldeia pegua ,ha che era ka'aguy ha'e : Ñanderu Tupã tenondegua,che hina aguerkoma 49 año ha aiko ape che michi guive aikuaa ko'ape òi va'ekue 29 morador,upeguive che aju aavalia opa mba'e ojeavança ko'agã,mba'epa ojeguereko raka'e dificultade ha'e pohã rehe, ñande jaguereko jepe ñande pohã, pe 29 morador oiko ronguare òi va'ekue somente tape po'i,ko'gã oje avança heta ñande aldeia ,ha upea rehe avei ou oñemboheta ñande pehengue kuera,ha epevare òi avei tuicha preocupación.

ñande aldeia ha'e akue michi po ñanderu rupive ou oñemohesakã ñandeve ñambotuicha jevy haguã ñande yvy, che atima porã ete umiare ñande rapicha kuera ha avei tendota ha ojerokyva ,porque umia ndahahe'i faci ojejapo umi tembiapo,peva ha'e che primewro aconece ape aigui,upeva tuicha mba'e ogueru , ha ogueruveta hina,uperupive ojefacilitama opa mba'e,che avei ajapoma heta mba'e,ha reho miha rupi egueraha ñandeve ñaderemikõteve,ko'aga jahasama 1300 a 1400 morador ko aldeia ryepype,tuicha avanço ogueru ha ogueruveta.

Nde nde jehachape mba'egui ojehu retomada?

umiva ojehu primero ha'e umi morotia kuera ohecha ñanderehe ke nañañomboheta mõ'aiha,,eteia ara ogueru tuicha preocupación ,ha ñande aguelo kuera ,oñehundipa akue ,o indica va'ekue persona pe, omombe'u mooguipa raka'e ñande mba'e teete,õiguiterei ko'aga oikuava ,po ja ijetu'uma oho haguã oñeporandu ichupe kuera,upevagui ko'áva mba'e ñandeve

hemby, jajepypama ko ñande aldeia tujape ha upevare ñi va'ekue ñemongueta³,ha jaipyhy jevy um poco ko ñande ypy kuera oiko hague, ha uperupive ojepyso ve ñandeve ñande yvy,ñi haguaiha ñandeve espaço avei mitã kuera pe ,uperonguare ñande ndajahai va'ekue jajerure mba'evetere karai kuera pe porque jaguerokopa va'ekue ñande tekohápe,mistura vicho ka'aguy umia oimba va'ekue, ko'aga opa ñandehegui ñande tembi'u ,pira ha vicho ka'aguy ,ñande pohã opaite ñande hegui opamba'e,ko'aga jajeko hese kuera avei ha'ekuera ojeko ñande rehe,umiare tuichañemongueta ñita porque umia ipuku,po michimimi omachata ñamombe'u haguã.

Ambue ñeporandu ha'e ,mba'epa oguereko ko aldeia tuja ha yvy katu? mba'epa ogueru peape area pe ojejevy rire?

Etonce, ñanemandu'atãro upevare,jajapotaro avaliação,jaguerokove facilidade ,po ha'e avei heta ogueru tembiaporã,heta mba'e avei ofarta ojeyapo ,ke ha'eva y encanada,upepe ofarta gueteri energia,upepe,ha upepe oguereko diferença ,ke ape ñiva upepe nda'ipori ,porque upepe opa mba'e ipyahu,po cada tekohá pegua oñomonguetarõ avei oguerekota pe ko ape ojeguerekova,ke ha'eva escola,posto de saude ,ñive ñandeve facilidade ñandeve umi karai rekova,upevagai ko ape hetave gueteri tapicha kuera,retomada pe upevare ñande tekoteve ñande ñane paciencia pórque ndaha'ei gueteri cem por cento ,ñaime gueteri luta pe ,porque ñi jepi ñandeve a cada um naño ou dois año jarecebe jepi petei choque ,oguerokovaguive pe retomada ñi jepi ñemongueta umi karai kuera ndive amoite yvate,ñi haguãicha pe demarcação ,ha ikatu haguãicha oje avança opa mba'e.

Outro pergunta ha'e ,nde ndejechape mba'eichapa oñemboguata va'erã pe tembiapo ojeike haguã tekohápe?

Retomada re ñande manduramo,jaike hagua jevy pe yvy pyahu pe jevy,chevoi upevagai amombe'u haguã umia ha'e ijatuma porque mãaveama ko'aga rupi ndoguapy vei oñomongueta haguã umi tendota ha itujaveva ndive,umi tecnologia karai kuera mba'eva ñi rire ,noñeporanduveima umi retomada rehegua mba'eicha voi pa raka'e iñepyru upe tembiapo. peva ndaha'ei ojeikente ndaha'ei rehonte va'erã,che agueroko um pouko experiênciã agueroko jave 12 año ahama va'ekue ahecha mba'eichapa retomada,ñade aguelo oiko haguepe roho jevy,ndaha'ei somente yvy katupe,po umi outro hendape,primeiro persona ha'e va'ekue ñanderu ha'ela principar ha hendive oguapy va'ekue mokõi tendota ha hendive kuera che ,upecha ocomeça va'ekue,oho avei oñomongueta karai kuera ndive ,rohendu va'ekue ñi ha petei liderança pope kuatia ke pe yvy katu rehegua ñimbama ha,roho akue roñomongueta upevare amete 2 mese ha pe 20 dia hare oñepyruma hetave ou ombotyjave 2 mese katu hetaitereima,ñi akue petei ñanderu he'i akue peicha ,oimemaramo oguerekorõ pe tendota kuatia,ñañombyaty ha jaha upeva iporãta ñande pehengue kuerape ,ha che ha outro liderança ja noiveima ko'agohoma ha ambue katu ojegueroa,upepe ve che aikuaa,etonce primero ha'e ñemongueta ha upei katu ñemongarai guassu, amete 20 dia ojapo hikuai mba'eichapa ñseta oho haguã,heta jeroky rire ,upevagai pe ñande jeroky umi morotia kuera ndoikuaamo'ãointe ha'ekuera,chupe kuera upeva ndovale mo'ãi, etonce jeroky rupive ojekuaa tape,mba'eicha jahupyty jevy haguã pe jaiko hague,ha'e upeva che ambohasa ikatu haguãicha tenondeve ojekuaa,heta ñi oikuaava mba'eicha raka'e upepe po pe heñoi hague ndahetairi oikuaa,somente ñanderu oikuaa,omongarai yvyra ija oho haguã upepe,pe ñanderekohape,upepeve la che ikatu roipytyvõ amombe'u ndeve pe retomada rehegua.

Ñemongueta - Almerio Dias Ava Hu'y Rayvi (chuva de flechas) - 10/07/2023



*Figura 15*Ñemongueta - Almerio Dias Ava Hu'y Rayvi (chuva de flechas)

Ko'arape ,amoñepyruta ñemongueta che colega de trabalho ndive Almerio Dias ,atima porãete ndeve che amigo reju hare che rogape ñañomongueta haguã,aipota remombe'u cheve ara rehegua mba'eichapa raka'e ha'ekuera oñemohenda ojapo haguã hembiaipo.

Che cherera ha'e Ava hu'y rayvi almerio dias amombe'uta ndeve michimi pe ara rehegua ,primero che amombe'uta ndeve che ahecha va'ekue,yma papa umia ojapotrõ oga ha'ekuera oiporu i passo,o medi,ha'e upima oikyti vyvra oipe'a vyvra'i o medi haguã.vyvra ha'ekuera noikytirinte jasyre oho,jasy mbaretepe ha ekuera oikyti ha ombokuarahy pono oñembyai,vyvra ipyra ha'ekuera nomõiri vyvguype,vyvra apytere ha'ekuera ,omoi rorcon rã upevagui tohasa 40 50 año po vyvra noñembyairi,kapi'i ha'ekuera omondoro jasy ho pe pono iku'i pa voi ,jahape,pindo gui katu ha'ekuera ojapotarõ ha'ekuera ojapopavove ojatapy iguype pono iku'i pa voi,ojope rãe ha upei ha'ekuera ojapo kueo ja ombo'ema ifamilia kuimba'epe,ysypo hu oiporu ha'ekuera oiporu pono ope ,ha ojopy haguã kapi'i katu ha'ekuera oiporu vyvira,heta ojapo ha ave ijurã vyragui ,ha itapiarã ojoka vyvra jasy ra'ype ojekaporãve he'i ha'ekuera. oñemity haguã ahecha akue che aguelo pe roy tiempo pe o prepara vyv,oka'api ohapy,oguahevove junho ha'e kuera oñoty ma avati 24 de junho ndaha'ei ai maquina pe mas sarakuape,ojapo vyvra hakua ha oñoty , che aguelo ahecha va'erã ka'aruitema ou kokue gui i sarakua ha hi ajakami va'erã ou ,heta añoty che ñeto he'i va'erã cheve ,che ha'e ichupe oimene heta reñoty ka'aruitereima reju ha'e ichupe ,hee he'i cheve sei epiga añoty he'icheve ,ha'ekuera mbegue oñemity,iporãnguete oipe'a ha pe hi ygue katu oho omombo ysyry pe nda'ikatui vyvtyu oipyhy he'i ha'ekuera,tou la tou haicha vyvtyu po sarakua pe guare ha'e ndoityi ha jasy mbaretepe reñotyva'erã,jasy ra'ype ha'ekuera ndoipe'ai mba'evete ,somente jasy mbaretepe oipe'a semilharã ,ha avei mandi'o oñoty haguã ha'ekuera ñoikytiri ko'agã guaicha ,ombyaty toko rehe ombojeko ha ojaty ,upecha noñembyairi,ara ha ara ohasa po pe rama noñembyairi,ha'e junho pe ha'ekuera oñoty je'upy.

añopyahy pa ha'ekuera mba'eicha ohecha

añopyahu oguahevove ha'e kuera oikorei porque oimba ikokue pe oguereko planta pyahu ,mandi'o jety,ha omongarai opa je'upy ogueru tataindy'i kotare ha pe ojerokyva katu omongarai ,ha ojapo hikuai mbaipy,ha'ekuera ndohesy akue so'o ,hasyape la ha'e kuera ohesy, upeicha oñepyruma ha'ekuera omopoti ikokue ha ja oñongatu jevyma i semilharã ,upeicha minte voi ymãnguare oiko. omba'apotarõ ikokue pe katu ha'ekuera ikõ'e ma kokuepe,ho'u mandi'o mbichy ha upei ka'ru porã ja ou jevyma,upeicha che ahecha akue ikokue ,kokuere voiai ha'ekuera ikokue ndaha'ei tumbazo,ha ha'ekuera oguereko avei imonde ha ha ekuera hesãive ha'ekuera ohupyty cemm año porque tembi'u porã ho'u ,ha pohã re oiko ,ndaipori la ymaguare hasynte va'erã,ha karai kuera mba'asy la sapy'ante ojopy mimi po pohãq ñanã pe okuera jevy hikuai,che mandu'a ymã ou ronguare la vacina missão pe peteinte la ju ha upvare ojeporupa umi tapicha ,lampra rendy pe omõi la vacina,alnugui oñembyai arã ha upeichagua pohã ñanãpe jevy okuera.

ñande arete ha e agotope 1 lune de agosto ha'e nande arete ha 13 de agosto que ha 'eva jagua arta tata ara katu 10 de agosto pe,õi avei kurusu ara ,outubro pe avei ha'e karu vai ara ,ndojoyvei tembi'u etonce upeva oike roguarã ha'ekuera ojapo lokro fechão reheve,pono rehasa asy,umiva la che aikuava ndahetai ñande ñande arete,umivare la che che mandu'a po oimene ñive jepe. che apegua voi 1964 guive ape voi raka'e akakuaa che aguelo oike raka'e 1914 pe,arema peva. reikua mba'eguipa kova hera raka'e jacarey,porque yrera ,peva he'ise jakare rykuere ,po ndoikoi raka'e mba'eva,ko'ava entero ha'e ava ñe'engue pe iguatemi voi ndaje ha'e raka'e yvatymi,heta raka'e õi guavira upevagui raka 'e karai kuera pe nosei ha he'i iguatemi. vito'ikuegui ou raka'e karai alexandre de oliveira ou ko'apegua tuja ha'e hina posto 03 pe ha'e Rondon ha guassorygua katu ha'e Delossanto Centurion umiva ha'e familia ymanguare ha isyero ndive ojerokyva.ko'ape familia tujaveva ha'e ko'ape didikuepe ha'e papa umia martins kuera.

ndepa reikua mba'e diaetepa raka'e ojeike raka'e yvy katupe nachemandu'a porãi po amalicia dia 13 kuera ,haumi karai kuera oike mo'ã ronguare ha'e are rire ma nache mandu'ai porãi.umiva mila che aikuava ambohasa mita ndeve po qualquer coisa che procurante va'erã.

Ñemongueta - Conceição Hara, Kuña Yuku - 25/07/2023.



Figura 16 Ñemongueta - Conceição Hara, Kuña Yuku

Mba'eichapa tia Ambochinha ,avy'aiterei re aceita haguere reme'e haguã cheve ko ñe'e ,ko tembiapo ajapova peguãrã,aju jevy hina ko'ape aipota remombe'u jevya cheve michimi umi rembohasa akue voi ,po koã'ga añepyruta añongatu ko ne ñe'e ,celular re ha upei ahai haguã kuatiare.

mba'eguipa iporã añepyruta? reñepyruta haguã aipota remomb'u cheve ,mbovy añopa reguereko, mba'eichapa nde rera ka'aguy ,ha avei emombe'umi cheve jevy pe ara rehegua ,ma'eichapa ñande ypy kuera oñemyatyrõ opa mba'epe ? Che hina che rera Conceição Hara ,karai ñe'epe ,ha che rera ka'aguy katu ha'e Kuña Yruku areko 64 año ,che michi guive aiko umi ojerokya ndive ñande vovo che gueraha jepi akue ,ha ko'agã katu ambohasata ndeve michimi upeva rehegua.

primeiramnte ko'ava ñeporandu ha e iporãeterei jajapo umi ojerokyteeva pe ,porque ha'ekuera la ñande mbo'e opamba'e iporãva ,che ahechante ko'agã rupi umiva ndojehekaveima ,opa mba'e upevagai ipochy ko'agã ,ha ara ha'e petei ,ha ipochyveta ohovo porque umi ojeroky miva no ñehendukaveima ichupe kuera ñanderu teete pe ,ha umiva renonderã tekoteve ñande ja ñemoiporã pono mba'eve ojehu ñande pehengue kuerare,ko'ãga rupi jahechama mba'epa ojehu mombyry hare ,ha umia la na iporãi ojehu jepe ñande rehe.

yma rupi opu'ajave tiempo ñande jaiporu va'ekue araity ,jate'i guiguava,omohendy ikuai ha avei ojerokyva ,ha ymanguare avei ha'ekuera oguereko hi yvyra'ija oñombyaty hikuai,oñembohoga kapi'i gui ,ko'agã umia nda'iporiveima,tipempo ipochy jave ha'ekuera oñehenduka ñanderu tupã pe,ha'ekuera oñemombe'u ,ko'agã rupi umiva opa oho opa mba'eterei ko'aga õi ko yvy ari oñekambiapa ajepa,nãndeve ara pochy oñepyruta hina Dezembro pe oho janeiro ,fevereiro ate setembro pe ha'ekuera ipochy ,reikuaa mba'erepa ha'ekuera ipochy?,peape mbytete ha'ekuera ipochy,porque ombou guyra kuera oje cria haguã ko yvy ari,ombou ysa ko yvy ari ha entero animar kuera oje cria,upeitipempo opu'ã jevy ogueraha pa haguã ichupe kuera,ñande ko'agã umia nda'iporiveima,ha umia rendaguepe opyta hina ojapova tembiapo ha'eva ermão kuera ñande ja'eva.opuraheiva rendaguepe opuraheiacha avei ha'ekuera omombe'u mba'epa ohecha ikerape,ha mba'epa ojuhuta hina tenonderã,ha etonce pe ojerokyva ha'ekuera oñemity 24 de junho guive,primero ha'ekuera oñoty avati ha agosto pe katu oñoty sandia,setembro pe oñeñoty fechão ,novembro pe katu oñeñoty yva kuera ha'eva andai pakova jety,yvava guive,primero oñeñemity haguã umi ojerokyva ha'ekuera ombyaty opa chagua semilha,omogarai oñoty haguã, ymarupi tembi'u umia ojehecha yre ndoje'ui va'ekue,ko'agã rupi katu oimehacha reintema ja'u la tembi'u, arroz oñeñoty va'ekue agosto pe.Ha etonce tiempo ivairõ ha'e ogueru ara haku agosto pe ogueru seca ,ha outubro pe katu peicharõ ndokyri somente tatatina po ndokyri,ha upeicha hina ymanguare,ha'ekuera pohã entero omongarai ,mitã oipohanõ haguã,ko'agã rupi oima ni pohã ndoikuaavei,ha upeva la che aguereko amom,be'u va'erã ndeve.

Ñandepa jareko ñande arete?

nande ñande arete õi avei,ha'eva hina dia 19 de abril, avei ha'e hina vierne santo ,ñande jaikuake ñandereu ombou hague ita'yra omanõ haguã ñande rehe, nda ikatui jahasa ñambo arete yre ,ñande ypy ñande mbou akue,ñambo arete ave sabado de aleluia ,po heta õi arete,dia 24 de junho avei ha 'e ñambo arete ke ha 'eva temity ara,ojejapo tata guassu, õi avei vicho kuera ara,õi tupã sy ara assuncina ara ke ha eva dezembro pe po umia ñande jaipyhy karai kuera gui,õiante ojapo.

mbaeoipa he'ise ara pochy?

ara pochy ha'e ara opu'ã oky ha otiri,ke ha eva oñepyruta novembro gui oho amoite fevereiro peve,guyra kuera ou va'era ha upei ogueraha jevy,upepe avei jaiporu,araity mitã karai,upegui

ñande ava nda ikatui jaiko pe ñande karai yre ni oga kapi'i yre,upeva ha'e nhandeve oheja va'ekue ,setembro pe ha'e yvytu ou jevy oguera haguã.

mba'e tiempo pe ñande ñañeñongatu va'erã?

upeva katu ha'e jakakua ramo pe tanto kuña ha kuimba'e ,upepe pe kuimba'e iñe'e ñekambiape nda'ikatuveima iñe'engatu eterei,ha kuña katu huguy vove ha'ekuera isy kuera oñongatu ichupe kuera ha'ekuera he'i ohetu ne ichupe vicho vai ,po ko'agãngo umia opa porque nda iporiveima lugar ymanguareicha.

nhande ypy voi upeva oheja,oñeñongatu va'erã opa mba'evaigui ,ha ko'agã umiva ndojejapovei ha upevaguiopa mba'evai ojopy ñande mita kuerape,porque ñi pe mba'evai apoha,ha pe tiempo pegua ha'e ñi purahei,ha upeivha hina ñande ñande reko.

ko'ãga rupi moopa avei ikatu jatopa py'aguapy ha 'e igreja rupi ,porque umi ojeroymiva ñanderejama ohovo ,rehendu ha reikuaata ,ko'aga rupi umi ojerokyva noñehenduiteveiri upevagui opamba'evai eterei oipyhy ñande mitã kuña ha kuimba'e kuera pe,ko'aga rupi ñande voi jaha va'erã jaheka ichupe kuera ojapo haguã ñandeve umi tembiapo po no mba'evai ohupyty ñande familia pe,ñadengo ko'aga ñamombe' va'erã mba'eguipa opa mba'evai oipyhy umi mitã kuera pe ,ke ha'eva ,opa mba'e pyahu karai reko ou ñande aldeia pe ,no ñemõiveiri mitã akãpe mba'eicha omboguata va'erã hekove .

ajeve reikoha rupi ,pe cidade rupi mombyry hare,tekoteve reguereko umi ñande mba'eva ndejehe ,ha'eva araity, seyro pire ,yvyra para'i ha umi ambue ,ñi haguã nde pyhy umi ara pochy ,amandau yvytu vai ,ani nderesarai umiagui, ha pechahagui renoherõ che ajapone ndeve, añi haguã hina lu rendype rei aravaietejave pe mombyry hare,ko'arupi umia ojeporu ani haguã ara vai nde pyhy .

ha'evoingo upevagui che atimã porãete nde che tia ko'ava ne ñe'ere,ko'avango ndo jehairiõ kuatiare ikatu opa ñandehegui ,ko'vango che ambohasa jevyta umi mitã kuerape

Mba'eicha ha ekuera ojapo ou terã ohenõi ara pyahu?

ara pyahy pe ha'ekuera mitã omongarai ha avei je'upy,jety pakova opa mba'e oje'uva oñemongarai mitã reheve ,ha oimbavove omongarai jevy oje'u ymbove ,upevaguigo yvy ipiro'yiterei va'ekue ,ko'ãga nda'ipori veia umia ha'evoingo ndeve,ñandevengo kaza año oñekamia opa mba'e ha ate yvy roguengo oñe kambia cada año,opa planta kuera rogue ha umia rendaguepe ko'ãga ñandela ñankambia va'erã ñande pensamiento ,ñambo'e haguã ñande mitã kuera,ñadevoi ñambo pyahu mitã rekove ,ha ko'ãgã tekoteve jaguatatarõ tape pyahu re jaha igrejape ,ara sapy'ante ipochy ouvo ha tekoteve ñañehenduka ha umi ojerokyva opama ohovo,ha upeapeve la che areko amombe'u miarã ndeve .

Ñemongueta - Venceslau Cáceres 83 ary



Figura 17 Ñemongueta - Venceslau Cáceres

Mba'eichapa karai ,vy'aitepe ajetopa Ko ara pe ,re aceita haguere rejapo haguã che ndive ko tembiapo ,pe nhandomongueta hagueicha voi aipota remombe'u cheve: ko'aga añepyruta añongatu ne ñe'e ko celular re ikatu haguãicha ahai upei kuatiare ,emombe'u cheve ,mooguipa reju ,mbovy ary rereko jáve reju raka'e ko'ape. Mba'eguipa reju ,avei reiko haguã Ko uvy katupe? che che rera ha'e Venceslau Cáceres Amombe'uta ndeve michimi ko che ñe'e ,ijetu'uiterei ñanemndu'ãro umiare . ,Ko' apê aguahe ronguare heta va'ekue oi ka' aguy,yva kuera, ka'a ha yvaü.Mitã kuera ohendu va'ekue ,isy ituva pe ,ojapo va'ekue tembiapo ,oikuaave akue pe Nande reko ,ko' aga opa mba'e ipyahu, onemoi rire pe energia,heta mba'e vai ogueru heseve,há nhande ka'aguy katu opa,upevagui che aju Aiko apê vvy katu pe ko apê ipiro'yporã nda ipori mba'eve ivaietereiva ,nhanhemity haguã Iporã ha já cria haguã kesea ryguasú,aipota gui che familia kuera òse porã avei voimireve aju akue ko' apê ,aiko haguã ,arema che ãi ko 'ape ojapo má para ary(10),heta mba'e onhemityrõ Ko nhande vvy ose rire,che ahechahaicha,heta tapicha kuera onhemity há avei ojapo hikuai rogarami ko'ape nda'ipori mba'eve ivaietereiva tapichakuera oke porã,há omba'apo ara há ara nda'ipori otorvava ichupe kuera pyhare. ,Pe aldeia tujape já nda ikatuveima ni reke porã,heta itereima õi tapicha kuera,já onhombopochypama ikuai vvyre,ha heta avei õi pyhare oikova ombopu la i som ka'ureve.

Yvy katu re hetama kosa ma ojehasa heta tembiapo ojejapo haguã,jahechata ko'aga mba'eichapa onhemboguatata ko'ava tembiapo.Che ko'apê aju ndaha'ei voi che jeupe guarã apensa umi mitã kuera rehe.

Ko'apê che avy'a,upevagui ka'aguy kotare aju ,apê ajapo monde,nhuhã ndaipori jejopy che tujama upevagui lá ndahaveima apeca,pó apê ipiro'y porã ,ndaiporiva ha'e y há energia pó che umia ndaheka guasui,ymire lá aikotevê amboi'u haguã umi ore rymba kuera ,avy'aiterei ko apê ,ndo faltaria cheve mbaeve terei aiko porã ve,avei heta mba'e ofarta omyatyrõ nhandeve,che ndaikuaasei mba'eichapa umi karai ojapo va'erã tenondeva ,pó aiko mi aja ko'a pé che já vy'amã,ome'e há nome'eirõ aikove aja ndaipotai mba' eve ojehe nhaderehe,koãvango nhanemba'voi jaiporu haguã mba'ere voi onhemomba'ehese hikuai ,nhandengo lá yvy pora ,yvy mba'e ñande.

Ombyaipama katu ikuai nhande yvy hetama oiporu há nhandengo jaipota ndaha'ei nhambyaiaipa hagua ,mita kuera pé guara lá jaipota ikatu haguaicha ha'ekuera ogueroguata pé nhandereko,ko'aga heta mba'ema oñekambia ,po na'iporã jaheja pe ñande reko ha upe va'erã la ñande jajevy va'ekue ko yvy katupe.citado no capitulo o2Mba'erehegua pá reporandu seve?Che: Emobe'u mi cheve mbaeichapa nde re nhenhandu rehendurõ umi karai kuera oguenohembase jevyrõ umi ava tekohágui?

Primeiramente amõi nhanderu pope opa mba'e ,ha'engo lá omanda opa mba'erehe,aniche va'erã ñanderuguasú oheja umia oiko ,po avei oikorõ ñande ndajajapoi mba'eve ,ñande guata ja oguahemagui upeva ojehehuta ,po peva ipukuta ,ajepy'apy che ha avei upevagui ndaikuaasei avei mba'epa oiko hina iporã ve ndereikuaai rejepy'apy rei ,po siempre ãi apytyvõ haguã oñekoteve hape upevagui che tuja rõ jepe aha manifestação pe ha aty ojehe rõ ko ñande yvy rehegua .Ñande ko jaiko minte voi nda'ipori yvy pora ñanderehe omandava, jaha vove ndopytamõ'ai mba'eve pynandi jaju hagueicha jahajevyta ,ha upeva umi morõtiã kuera ndoikuaai ou katu ndojaposei ,ombyaty seve hikuai la pirapire ,ha upei katu ohejapa jevy opyta yvy ha y ombyaipa haguereve,ijetu'u hina jajehesamondoteetarõ ko'ãva kosa rehe ,ko'agã rupi umi teko ja oñemõima voi ai ñande apytetepe ,ha tekoteve jaiko kuua.

Che aju va'ekue parana guiolao,aju akue amba'apo haguã areko romguare 17 ano kuera ,ko'ape akue ka' aguy, palmito ty, heta yvãu,ha guavira pytã,ndahetai akue tapicha ava kuera .che mandu' a ko ape aguahê ronguare o manda va'e kue karai florêncio,nda'ipori akue tape guassu, somente tape po'i.heta va'ekue oiko vicho ka'aguy ,onemarika va'ekue ,uperonguare oiporãmba ve va'ekue nhande pehengue kuera,ko'aga heta mba'e avei oi iporãva ,po jahecha nhande pehengue kuera oiko asyve ,heta mba'e ve karai reko oike ko aldeia pe,ha nhande ava kuera nañairi jagueroguata haguaicha umi teko,nhande jopy pa umi karaio reko ,ha nhande mba'e tee katu ndojajapo meme vei upevagui opa mba'e vai jahecha ko arape ha jahechaveta avei ,upevagui iporã ña'ne'e umiare ,ko arape jajoguereko kakuaa va'erã,opa mba'e vai ani hagua nande pyhy.

Emombe'u mi cheve mba'echapa nde ne mandu'a ko yvy katupe ojeike hague .

pea ha'e heta ñemongueta rire akue oiko aty pe posto 1 pe, upepe oñepyrú heñoi ,ñanderu Delossanto ,Hinacio umia ha umi outro avei ,õi avei nhande tendota ha'e va valdomiro ,honorio ,samuel ,Elia Tapari , ha Rosalino teju ha'ekuera ojapo akue peape tembiapo omotenonde ikuai ñemongueta ha oñepyrú ojejapo la jeroky amo angelo rogape ,upepe ojejeroky um mes kuera ante oñepyrú oho ikuai la omboty haguã tape ,ojerure karai kuera pe oheja haguã la yvy ha onohemba haguã la hymba kuera ,oha'arõ ,po karai kuera ndojapoi mba'eve ,upemarãmo oñomongueta pa la tenonde õiva ,ha oike hikua primero ko ape Agrolak pe ohasa oho casa branca pe,chaparrals remanço ha umi outro fazenda pe ,ha he'i karai kuera pe oheja haguã la Yvy Katu,peako ndaha'ei va'ekue ñombojaru ,heta ojehasa asy ko'aga pecha oñei hagua ,amete

ojejuka ñande pehengue kuera ,karai kuera ohasa kuevo ojapi va'ekue petei ñandeiru pe ha amete ojuka, outro katu oñemombo akue ype po õse jevy ,ha upei katu e pyente ou la karai kuera oikese jevy ha umi ava ohoguãiti ichupe kuera ,ijetu'u va'ekue ,ko'aga katu ja ojeporuma ,ndaha'ei entero oiporu umi oho akue pea pe tembiapo ojavova ,õima avei nhanderejava, mitã renonderã ko'ava ojejapo va'ekue ,nhande jaiko hague mi rupive jahupytyka haguã umi mitã kuerape.upevagui che avei añemombarete ko ape ãi ko'agã ja hetama ojeike ko'ape ha upecha oho hina hese .peva la che aikua michimi amombe'uva'erã ndeve .

Che: atima porãete ndeve karai Vencelau ,ko'ãva tembiapo che ajapo avei umi mitã kuera oikua haguã mba'eichapa raka'e ojejapo ko'avã tembiapo ,ko'ãvako iporã ha'ekuera oi kuaa avei upevagui che py'aite guive atima ndeve.

